

TRATADOS DA TERRA E GENTE DO BRASIL
Fernão Cardim



**TRATADOS DA TERRA E GENTE
DO BRASIL**
Fernão Cardim

Prefácio: Eunícia Barros Barcelos Fernandes





Os Correios, reconhecidos por prestar serviços postais com qualidade e excelência aos brasileiros, também investem em ações que tenham a cultura como instrumento de inclusão social, por meio da concessão de patrocínios. A atuação da empresa visa, cada vez mais, contribuir para a valorização da memória cultural brasileira, a democratização do acesso à cultura e o fortalecimento da cidadania.

É nesse sentido que os Correios, presentes em todo o território nacional, apoiam, com grande satisfação, projetos da natureza desta Biblioteca Básica Brasileira e ratificam seu compromisso em aproximar os brasileiros das diversas linguagens artísticas e experiências culturais que nascem nas mais diferentes regiões do país.

A empresa incentiva o hábito de ler, que é de fundamental importância para a formação do ser humano. A leitura possibilita enriquecer o vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Assim, os Correios se orgulham em disponibilizar à sociedade o acesso a livros indispensáveis para o conhecimento do Brasil.

Correios



O livro, essa tecnologia conquistada, já demonstrou ter a maior longevidade entre os produtos culturais. No entanto, mais que os suportes físicos, as ideias já demonstraram sobreviver ainda melhor aos anos. Esse é o caso da Biblioteca Básica Brasileira.

Esse projeto cultural e pedagógico idealizado por Darcy Ribeiro teve suas sementes lançadas em 1963, quando foram publicados os primeiros dez volumes de uma coleção essencial para o conhecimento do país. São títulos como *Raízes do Brasil*, *Casa-grande & senzala*, *A formação econômica do Brasil*, *Os sertões* e *Memórias de um sargento de milícias*.

Esse ideal foi retomado com a viabilização da primeira fase da coleção com 50 títulos. Ao todo, 360 mil exemplares serão distribuídos entre as unidades do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, contribuindo para a formação de acervo e para o acesso público e gratuito em cerca de 6.000 bibliotecas. Trata-se de uma iniciativa ousada à qual a Petrobras vem juntar suas forças, colaborando para a compreensão da formação do país, de seu imaginário e de seus ideais, especialmente num momento de grande otimismo e projeção internacional.

Petrobras - Petróleo Brasileiro S. A.



Apresentação	xiii
Prefácio – Eunícia Barros Barcelos Fernandes	xv
I. DO CLIMA E TERRA DO BRASIL E DE ALGUMAS COISAS NOTÁVEIS QUE SE ACHAM ASSIM NA TERRA COMO NO MAR	2
Do clima e terra do Brasil	3
I Dos animais	4
II Das cobras que andam na terra e não têm peçonha	10
III Das cobras que têm peçonha	11
IV Das aves que há na terra e dela se sustentam	13
V Das árvores de fruto	19
VI Das árvores que servem para medicinas	22
VII Dos óleos que usam os índios para se untarem	25
VIII Das árvores que têm água	26
IX Das árvores que servem para madeira	26
X Das ervas que são fruto e se comem	27
XI Das ervas que servem para mezinhas	30
XII Das ervas cheirosas	34
XIII Das canas	34
XIV Dos peixes que há n'água salgada	35
XV Dos peixes peçonhentos	40
XVI Homens marinhos e monstros do mar	42
XVII Dos mariscos	43

XVII	Dos caranguejos	44
XIX	Das árvores que se criam n'água salgada	46
XX	Dos pássaros que se sustentam, e acham n'água salgada	47
XXI	Dos rios d'água doce, e coisas que neles há	49
XXII	Das cobras d'água doce	50
XXIII	Dos lagartos d'água	51
XXIV	Dos lobos d'água	52
XXV	Dos animais, árvores, ervas que vieram de Portugal e se dão no Brasil	53

II.	DO PRINCÍPIO E ORIGEM DOS ÍNDIOS DO BRASIL E DE SEUS COSTUMES, ADORAÇÃO E CERIMÔNIAS	58
	Introdução	59
	Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias	69
	Do conhecimento que tem do criador	69
	Dos casamentos	71
	Do mundo que têm em seu comer e beber	71
	Do modo que têm em dormir	72
	Do modo que têm em se vestir	73
	Das casas	74
	Da criação dos filhos	75
	Do costume que têm em agasalhar os hóspedes	76
	Do costume que têm em beber fumo	76
	Do modo que têm em fazer suas roçarias e como pagam uns aos outros	77
	Das joias e metaras	78
	Do tratamento que fazem às mulheres e como as escudeiram	78
	Dos seus bailos e cantos	79

Dos seus enterramentos	80
Das ferramentas que usam	81
Das armas que usam	82
Do modo que este gentio tem acerca de matar e comer carne humana	83
Das cerimônias que se fazem ao novo cavaleiro	90
Da diversidade de nações e línguas	92
III. INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CRISTÓVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL – ANO DE 83, OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA	102
Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica	103
I	103
II	161



A Fundação Darcy Ribeiro realiza, depois de 50 anos, o sonho sonhado pelo professor Darcy Ribeiro, de publicar a Coleção Biblioteca Básica Brasileira – a **BBB**.

A **BBB** foi formulada em 1962, quando Darcy tornou-se o primeiro reitor da Universidade de Brasília – UnB. Foi concebida com o objetivo de proporcionar aos brasileiros um conhecimento mais profundo de sua história e cultura.

Darcy reuniu um brilhante grupo de intelectuais e professores para, juntos, criarem o que seria a universidade do futuro. Era o sonho de uma geração que confiava em si, que reivindicava – como Darcy fez ao longo da vida – o direito de tomar o destino em suas mãos. Dessa entrega generosa nasceu a Universidade de Brasília e, com ela, muitos outros sonhos e projetos, como a **BBB**.

Em 1963, quando ministro da Educação, Darcy Ribeiro viabilizou a publicação dos primeiros 10 volumes da **BBB**, com tiragem de 15.000 coleções, ou seja, 150 mil livros.

A proposta previa a publicação de 9 outras edições com 10 volumes cada, pois a Biblioteca Básica Brasileira seria composta por 100 títulos. A continuidade do programa de edições pela UnB foi inviabilizada devido à truculência política do regime militar.

Com a missão de manter vivos o pensamento e a obra de seu instituidor e, sobretudo, comprometida em dar prosseguimento às suas lutas, a Fundação Darcy Ribeiro retomou a proposta e a atualizou, configurando, assim, uma nova **BBB**.

Aliada aos parceiros Fundação Biblioteca Nacional e Editora UnB, a Fundação Darcy Ribeiro constituiu um comitê editorial que redesenhou o projeto. Com a inclusão de 50 novos títulos,

a Coleção atualmente apresenta 150 obras, totalizando 18 mil coleções, o que perfaz um total de 2.700.000 exemplares, cuja distribuição será gratuita para todas as bibliotecas que integram o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, e ocorrerá ao longo de três anos.

A **BBB** tem como base os temas gerais definidos por Darcy Ribeiro: O Brasil e os brasileiros; Os cronistas da edificação; Cultura popular e cultura erudita; Estudos brasileiros e Criação literária.

Impulsionados pelas utopias do professor Darcy, apresentamos ao Brasil e aos brasileiros, com o apoio dos Correios e da Petrobras, no âmbito da Lei Rouanet, um valioso trabalho de pesquisa, com o desejo de que nos reconheçamos como a Nova Roma, porém melhor, porque lavada em sangue negro, sangue índio, tropical. A Nação Mestiça que se revela ao mundo como uma civilização vocacionada para a alegria, a tolerância e a solidariedade.

Paulo de F. Ribeiro
Presidente
Fundação Darcy Ribeiro

No século XIX e início do XX, algumas instituições, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Biblioteca Nacional – notadamente através de homens como Varnhagen e Rodolfo Garcia –, se esforçaram por localizar e divulgar fontes que pudessem constituir uma história no e do Brasil. No caso do Instituto, a *Revista do IHGB* era espaço para divulgação de documentos comentados, e no caso da Biblioteca, os *Anais da BN*, editados desde 1876, cumpriam o mesmo papel.

Tratados da terra e gente do Brasil é um conjunto de textos que se publicou pela primeira vez em 1925, como resultado dessa perspectiva, ou seja, uma escolha contemporânea, não sendo para seu autor, portanto, a unidade que se apresenta. Ao contrário, observando a trajetória de Fernão Cardim, vê-se que, sob a égide da Companhia de Jesus, ele atuou em diferentes funções e condições, algumas bem restritas, como quando foi preso na Inglaterra, e outras de maior autoridade e possibilidade interventiva, como quando provincial da Província do Brasil.

Acredito que articular essas duas realidades – a da produção dos textos e a da publicação como obra – seja o caminho mais profícuo para uma apresentação e esclarecimento de seu valor no conjunto de obras selecionadas para compor a **Biblioteca Básica Brasileira**.

Cardim e os textos

Fernão Cardim não está entre os jesuítas mais famosos no conhecimento do público brasileiro como Nóbrega, Anchieta ou Vieira, mas esse português nascido no Alentejo – Arcebispado de

Évora – assumiu importantes funções na América portuguesa, onde, inclusive, veio a falecer em 1625.

Não se tem ao certo o ano de seu nascimento – 1548 ou 49¹ –, mas sabe-se que ingressou no Colégio da Companhia de Jesus em Évora no ano de 1556, completando ali seus estudos de Artes e Teologia. No mesmo colégio assumiu a função de ministro, e no Colégio de Coimbra foi adjunto do mestre de noviços. Já professor dos quatro votos jesuíticos – obediência, pobreza, castidade e o voto especial de obediência ao Papa –, foi designado secretário do padre visitador Cristóvão de Gouveia em 1582 para a visita que este fazia ao Brasil. É importante observar que os padres visitantes da Companhia não se confundiam com os da Inquisição. O visitador jesuíta tinha por função percorrer os espaços onde existissem missionários para dirimir suas dúvidas, surgidas no contato com outros povos, renovando os votos e a fé daqueles religiosos que estavam distantes das certezas europeias. Através dele, os missionários se informavam sobre as recentes deliberações das constituições jesuíticas, assim como os superiores – provinciais e mesmo o geral da companhia – tomavam conhecimento das novas experiências vividas, para que a Ordem pudesse refletir sobre como gerenciar as dificuldades da evangelização. Desse modo, podemos inferir que, como secretário, Cardim assumiria papel de escriba da viagem de Cristóvão de Gouveia, assessorando-o na mediação entre o mundo católico luso e o mundo gentio americano.

A viagem para o Brasil ocorre efetivamente em 1583, e é através de uma sua carta que sabemos do processo de malotagem ainda em Portugal, das dificuldades marítimas do Atlântico e da chegada à Bahia. Tal epístola dá conta dos percursos realizados em solo brasileiro até 1585, informando sobre vilas, cidades, fazendas e aldeamentos, dizendo de governantes, de colonos e muito sobre índios.

1 AZEVEDO, Ana Maria. “Introdução”, p. 11.



Uma segunda carta, que esclarece sobre acontecimentos entre 1585 e 1590, expõe a determinação de que Cristóvão de Gouveia voltasse ao Reino e de que Fernão Cardim assumisse o reitorado do Colégio da Bahia. Ele obedeceu e manteve-se como tal até 1593, e, depois, entre 1596 e 98 foi reitor do Colégio do Rio de Janeiro.

No último ano como reitor do Colégio de São Sebastião do Rio de Janeiro, foi indicado como procurador da Província do Brasil em Roma, para onde seguiu e permaneceu até 1601. Em seu retorno para a América portuguesa, foi capturado por corsários ingleses, ficando preso em Londres até 1603. Livre, retorna ao Brasil como provincial, cargo que ocupa entre 1604 e 1609, superpondo em 1607 ao de reitor do Colégio da Bahia, função que exerce até sua morte em 1625, em Abrantes.

Os caminhos percorridos como secretário, as dificuldades enfrentadas na gestão dos colégios, o papel de mediador como procurador em Roma e o acesso às realidades singulares dos religiosos com intervenções diretas na dinâmica colonial como provincial destacam o conhecimento que Cardim pôde desenvolver sobre o Brasil, o que se registrou não apenas em cartas. Além delas, o inaciano redigiu dois tratados – *Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias* e *Do clima e terra do Brasil e de algumas coisas notáveis que se acham assim na terra como no mar*.

Escritos ainda no período da primeira estadia na América portuguesa e em Roma, foram recolhidos pelo governo inglês quando de sua captura e não foram devolvidos, apesar das súplicas do autor. A situação levou não só à primeira publicação ter sido em inglês – em 1625 na coleção *Purchas his Pilgrines* –, mas também como se fossem de outro religioso, o irmão Manuel Tristão.

Desse modo, o acesso aos textos com autoria reconhecida efetivamente só se realizou através das pesquisas do historiador brasileiro Capistrano de Abreu no século XIX: foi ele quem cotejou dados e provou serem os dois tratados de autoria do jesuíta alentejano.



Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias foi publicado em português por primeira vez pelo próprio Capistrano, que enviou o texto comentado para os *Anais da Biblioteca Nacional* em 1881. No mesmo ano, Fernando Mendes de Almeida publica as primeiras duas partes do outro tratado – *Do clima e da terra do Brasil* – na *Revista Mensal da Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Rio de Janeiro*, porém o apresenta sem autoria. Logo depois, Capistrano entra em contato com Fernando Mendes e não só prova ser manuscrito de Cardim como completa a publicação com cotejamento com o material inglês.

Encontram-se outras cartas de Cardim do período que retornou para a América portuguesa, porém a obra *Tratados da terra e gente do Brasil* é composta por aquelas duas cartas e esses dois tratados.

Tratados da terra e gente do Brasil

A obra publicada em 1925 é uma escolha do século XX e fruto de um esforço coletivo. Avaliemos. Em primeiro lugar, apesar de já existir imprensa quando os textos foram produzidos e mesmo vários dos materiais jesuíticos terem efetivamente sido publicados, fato é que as cartas não foram primeiramente realizadas para tal. As cartas foram idealizadas por Inácio de Loyola como estratégia de administração e construção do sentido de unidade, sendo apenas posteriormente utilizadas como instrumento de divulgação da ação missionária da Ordem, com conseqüente reconhecimento na Europa. Elas seriam, sem dúvida, circuladas, mas nos originais ou em cópias manuscritas, para serem lidas em voz alta junto aos noviços, de modo a formá-los. Considerando que as cartas que foram publicadas nos XVI e XVII em Portugal foram aquelas das experiências asiáticas, há que se supor que o mais provável era que as duas arroladas na obra não viessem a compor um livro.

O caso dos tratados é diferente. As gramáticas e dicionários dos jesuítas circulavam como manuscritos, mas logo foram publicadas, assim como textos de jesuítas que faziam suas observações das

terras onde missionavam ou de desenvolvimentos técnicos, como as obras de José de Acosta e de François d'Aguilon. É preciso pontuar que no XVI, em especial, também foram publicadas crônicas de homens que não eram religiosos, mas que disseminavam em Portugal imagens do Brasil, como as de Gabriel Soares de Souza e Pero Magalhães Gândavo. Esses indicativos fazem supor que os tratados poderiam ter sido publicados em português, mas não o foram. Nesse sentido, é importante expor que foram descobertos na Biblioteca de Évora manuscritos não autógrafos idênticos aos textos que permaneceram na Inglaterra. A confrontação de materiais só se realizou no XIX, porém as indicações paleográficas informam ser texto do XVI, ou seja, antes de viajar e ser capturado, Cardim ou outro religioso já teria feito cópia dos textos.

Em história tratamos do que foi vivido, portanto, a conjectura da publicação das cartas unidas aos tratados por seu autor é apenas entremeio para justificar as lógicas distintas do material agregado, ratificando que ele compunha o campo do possível no início do século XX, aquilo que se tornara conhecido de Cardim (outras cartas vieram a ser localizadas depois, mas não chegaram a ser incorporadas nos *Tratados*). Registra-se e destaca-se, assim, tanto o paradigma historiográfico do fim do XIX, no valor de localização e sistematização de documentos, como a ação erudita de estudiosos brasileiros.

Estudiosos no plural, pois a obra foi realizada a seis mãos: Batista Caetano de Almeida Nogueira, Rodolfo Garcia e João Capistrano de Abreu, tendo sido ainda auxiliados pelo esforço anterior de Francisco Adolpho de Varnhagen, que publicara as duas cartas em 1847 sob o título de “*Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Vicente (São Paulo), etc., desde o ano de 1583 ao de 1590, indo por visitador o Padre Christóvão de Gouvêa*”.

Baptista Caetano era engenheiro militar de formação, mas sua produção literária expõe o erudito pioneiro no estudo das línguas indígenas com *Apontamentos sobre o abañenga, também chamado*

guarani ou tupi, ou, Língua geral dos Brasis (1876) e *Vocabulário das palavras guaranis usadas pelo tradutor da “Conquista espiritual” do Padre A. Ruiz de Montoya* (1879). Provavelmente conheceu Capistrano de Abreu no Colégio Pedro II, onde fora lente, e dessa época deveriam tecer projetos em comum, pois faleceu em 1886, mas na edição de 1925 consta como partícipe.

Rodolfo Garcia era formado em Direito, e antes de ir para o Rio de Janeiro lecionara História, Geografia, Francês e Português no Recife. Na capital, foi assistente técnico e bibliotecário do IHGB, onde conheceu e se tornou amigo de Capistrano de Abreu, partilhando com ele o desejo de editar documentos e obras tidos como fundamentais sobre a história do Brasil. Nesse sentido, escreveu as “Notas bibliográficas” que antecederam as edições de 1924 de Pero Magalhães Gândavo no *Anuário do Brasil*, fez a “Introdução” dos *Tratados* aqui editados, entre outras ações semelhantes, e manteve a meta após o falecimento de Capistrano, com a edição integral da *História Geral do Brasil* de Varnhagen.

O mentor da proposta da obra fora aquele que provara a autoria dos textos, João Capistrano de Abreu. Nascido no Ceará, Capistrano foi para o Rio de Janeiro em 1875, trabalhando na Livraria Garnier. Passa em concurso para a Biblioteca Nacional em 1879 e diante dos materiais desenvolve tese sobre o descobrimento do Brasil, com a qual passa em primeiro lugar para lecionar História do Brasil no Colégio Pedro II. A resumida trajetória expõe a conexão permanente do historiador com referências bibliográficas e documentos, o que se completa com sua associação ao IHGB, participando ativamente do horizonte dos associados em construir uma história pátria. Seja na Biblioteca Nacional como no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pôde desenvolver sua argúcia na caça de documentos e nos estudos de línguas indígenas.

As credenciais desses autores são indicativas do conteúdo e do sentido que os documentos assumiram estando juntos. *Tratados* se tornou, à época dos organizadores da obra, um panorama do mundo brasílico no fim do XVI, tanto pela narrativa das cartas

que conta de trajetos, pessoas, sentimentos como pela ação de sistematização dos tratados que buscam organizar a pluralidade encontrada no Novo Mundo, desconhecida e, exatamente por isso, simultaneamente encantadora e aterradora. Domar o mundo pelas palavras e informar aos seus era o intuito de Cardim.

Domar o que e como? Como secretário do visitador, Cardim registrou não apenas detalhes de como eram os espaços – “Os padres têm aqui colégio novo quase acabado: é uma quadra formosa com boa capela, livraria, e alguns trinta cubículos...” ou “É coisa de grande alegria ver os muitos rios caudais e frescos bosques de altíssimos arvoredos...” –; os costumes – “É coisa não somente nova, mas de grande espanto, ver o modo que têm de agasalhar os hóspedes, os quais agasalham chorando por um modo estranho...”; a ação jesuítica – “Em todas estas três aldeias há escola de ler e escrever, onde os padres ensinam os meninos índios...”, ou outros. As cartas seguiam a narrativa da viagem, a cronologia das experiências do visitador: chegada à Bahia, a dificuldade de ir a Pernambuco, a riqueza ou a pobreza com que eram recebidos por índios e colonos, com trechos descritivos, mas, sobretudo, condutores de um sentido.

Já nos tratados, o estilo se altera: não se conta uma história, mas se registra, define e classifica os seres que habitavam a terra, fossem plantas, animais ou homens. *Do clima e da terra do Brasil* chega assemelhar-se a um glossário, onde o autor indica nomes nativos e logo após esclarece os termos com descrições e usos. *Do princípio e origem dos índios do Brasil* organiza-se por temas valerosos ao observador, sendo o primeiro ponto “Do conhecimento que têm do Criador”, mas dentro dos temas não há histórias, não há sequências, mas uma escrita etnográfica explicativa, que acaba por exigir um tradutor/ comentador, já que Cardim faz uso de inúmeros termos nativos.

Tradutores/comentadores das páginas seiscentistas: domar o documento e informar uma história do Brasil era o intuito de

Capistrano e seus parceiros e torna-se hoje oportunidade de re-
descobrir o Novo, já velho, Mundo ocupado pelos portugueses.

EUNÍCIA BARROS BARCELOS FERNANDES É PROFESSORA DA
PUC-RIO - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA. DOUTORA EM
HISTÓRIA PELA UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE.

Referências Bibliográficas

- CARDIM, F. *Tratados da terra e gente do Brasil*, introduções e notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolpho Garcia. Rio de Janeiro: Editores J. Leite & Ca., 1925.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*, transcrição do texto, introdução e notas por Ana Maria Azevedo. Lisboa: CNCDP, 1997.
- FERNANDES, Eunícia Barros Barcelos. “As palavras como linhas: Fernão Cardim”, In: *Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, n. 3, Jan. 2009*.
- FERNANDES, Eunícia Barros Barcelos. *Cardim e a colonialidade*. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 1995.
- GONÇALVES, Maria Filomena. A “arte de pontuar” no século XVI e os *Tratados de Fernão Cardim*, In: *Estudos Linguísticos XXXVI(2)*, maio-agosto, 2007. p. 3 / 21. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/filomena.PDF>
- LEÃO, Lucas Carneiro. *Relatos do padre Fernão Cardim (1583-1625): Missionaço no Brasil da Contrarreforma*, monografia Departamento de História: UFPR, Curitiba, 2005.
- MESQUITA, Daniel. *Descobrimientos de Capistrano: a história do Brasil “a grandes traços e largas malhas”*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2010.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 9. ed. ampl. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2007.
- SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos. As notas de rodapé de Capistrano de Abreu: as edições da Coleção Materiais e Achegas para a História e Geografia do Brasil (1886-1887). In: *Revista de História*, São Paulo, n. 163, p. 015-052, jul./dez. 2010.
- SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos. Um “distinto bibliógrafo e bibliófilo”: Capistrano de Abreu editor de documentos históricos. *História*, Franca, v. 29, n. 1, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742010000100023&lng=en&nrm=iso. Melhor edição para cópia: a original

TRATADOS DA TERRA E
GENTE DO BRASIL
Fernão Cardim

I
DO CLIMA E TERRA DO BRASIL
E DE ALGUMAS COISAS NOTÁVEIS
QUE SE ACHAM ASSIM NA
TERRA COMO NO MAR

O clima do Brasil geralmente é temperado de bons, delicados, e salutíferos ares, donde os homens vivem muito até noventa, cento e mais anos, e a terra é cheia de velhos; geralmente não tem frios, nem calmos, ainda que o Rio de Janeiro até São Vicente há frios, e calmas, mas não muito grandes; os céus são muitos puros e claros, principalmente de noite; a lua é mui prejudicial à saúde, e corrompe muito as coisas; as manhãs são salutíferas, têm pouco de crepúsculos, assim matutinos, como vespertinos, porque, em sendo manhã, logo sai o sol, e em se pondo logo anoitece. O inverno começa em março, e acaba em agosto, o verão começa em setembro e acaba em fevereiro; as noites e dias são quase todo o ano iguais.

A terra é algum tanto melancólica, regada de muitas águas, assim de rios caudais, como do céu, e chove muito nela, principalmente no inverno; é cheia de grandes arvoredos que todo o ano são verdes; é terra montuosa, principalmente nas fraldas do mar, e de Pernambuco até à Capitania do Espírito Santo se acha pouca pedra, mas daí até São Vicente são serras altíssimas, mui fragosas, de grandes penedias e rochedos. Os mantimentos e águas são geralmente sadios, e de fácil digestão. Para vestir há poucas comodidades por não se dar na terra mais que algodão, e do mais é terra farta, principalmente de gados e açúcares.¹

1 Conf. Anchieta — *Informações do Brasil* (Rio de Janeiro, 1886), p. 45-46.

I – Dos animais

Veado — Na língua brasílica se chama *sugoaçu*; há uns muito grandes, como formosos cavalos; têm grande armação, e alguns têm dez e doze pontas; estes são raros, e acham-se no Rio de São Francisco e na Capitania de São Vicente; estes se chamam *suaçuapara*, são estimados do carios, e das pontas e nervos fazem os bicos das flechas, e umas bolas de arremesso que usam para derrubar animais ou homens.

Há outros mais pequenos; também têm cornos, mas de uma ponta só. Além desses há três ou quatro espécies, uns que andam somente nos matos, outros somente nos campos em bandos. Das peles fazem muito caso, e da carne.

Tapyretê — Estas são as antas, de cuja pele se fazem as adargas; parecem-se com vacas e muito mais com mulas, o rabo é de um dedo, não têm cornos, têm uma tromba de comprimento de um palmo que encolhe e estende. Nadam e mergulham muito, mas em mergulhando logo tomam fundo, e andando por ele saem em outra parte. Há grande cópia delas nesta terra.

Porco-montês — Há grande cópia de porcos-monteses, e é o ordinário mantimento dos índios desta terra, têm o umbigo nas costas e por ele lhe sai um cheiro, como de raposinho, e por esse cheiro os seguem os cães e são tomados facilmente. Há outros chamados *Tayaçutirica*, sc., porco que bate, e trinca os dentes, esses são maiores que os comuns, e mais raros, e com seus dentes atassalham quantos animais acham.

Outros se chamam *Tayaçupigta*, sc., porco que aguarda, ou faz finca-pé. Estes acometem os cães, e os homens, e tomando-os os comem, e são tão bravos que é necessário subirem-se os homens nas árvores para lhes escapar, e alguns esperam ao pé das árvores alguns dias até que o homem se desça, e porque lhes sabem essa



manha, sobem-se logo com os arcos e flechas às árvores de lá os matam.

Também há outras espécies de porcos, todos se comem, e são de boa substância.

Acuti — Estas acutis se parecem com os coelhos de Espanha, principalmente nos dentes: a cor é loura, e tira a amarela; são animais domésticos, e tanto que andam por casa, e vão fora, e tornam a ela; quando comem tudo tomam com as mãos e assim o levam à boca, e comem muito depressa, e o que lhes sobreja escondem para quando têm fome. Dessas há muitas espécies, todas se comem.

Paca — Estas pacas são como leitões, e há grande abundância delas: a carne é gostosa, mas carregada; não parem mais que um só filho. Há outras muito brancas, são raras, e acham-se no Rio de São Francisco.

Iagoaretê — Há muitas onças, umas pretas, outras pardas, outras pintadas: é animal muito cruel, e feroz; acometem os homens sobremaneira, e nem em árvores, principalmente se são grossas, lhes escapam; quando andam cevadas de carne não há quem lhe espere principalmente de noite; matam logo muitas rezes juntas, desbaratam uma casa de galinhas, uma manada de porcos, e basta darem uma unhada em um homem ou qualquer animal para o abrirem pelo meio; porém são os índios tão ferozes que há índio que arremete com uma, e tem mão nela e depois a matam em terreno como fazem aos contrários, tomando nome, e fazendo-lhes todas as cerimônias que fazem aos mesmos contrários. Das cabeças delas usam por trombetas, e as mulheres portuguesas usam das peles para alcatifas, maximé das pintadas, e na Capitania de São Vicente.

Sarigué — Este animal se parece com as raposas de Espanha, mas são mais pequenos, do tamanho de gatos; cheiram muito pior a raposinhos que as mesmas de Espanha, e são pardos como elas. Têm uma bolsa das mãos até as pernas com seis ou sete mamas,

e ali trazem os filhos escondidos até que saem buscar de comer, e parem de ordinário seis, sete. Esses animais destroem as galinhas porque não andam de dia, senão de noite, e trepam pelas árvores e casas, e não lhes escapam pássaros, nem galinhas.

Tamanduá — Este animal é de natural admiração: é do tamanho de um grande cão, mais redondo que comprido; e o rabo será de dois² comprimentos do corpo, e cheio de tantas sedas, que pela calma, e chuva, frio, e ventos, se agasalha todo debaixo dele sem lhe aparecer nada; a cabeça é pequena, o focinho delgado, nem tem maior boca que de uma almotolia, redonda, e não rasgada, a língua será de grandes três palmos de comprimento e com ela lambe as formigas de que somente se sustenta: é diligente em buscar os formigueiros, e com as unhas, que são do comprimento dos dedos da mão de um homem, o desmancha, e deitando a língua fora pegam-se nela as formigas, e assim a sorve porque não tem boca para mais que quanto lhe cabe a língua cheia delas; é de grande ferocidade, e acomete muito a gente e animais. As onças lhe dão medo, e os cães sobremaneira, e qualquer coisa que tomam com suas unhas espedaçam; não se comem, nem prestam para mais que para desinçar os formigueiros, e são eles tantos, que nunca estes animais os desbastaram de todo.

Tatu — Este animal é do tamanho de um leitão, de cor como branca, o focinho tem muito comprido, o corpo cheio de umas como lâminas com que fica armado, e descem-lhe uns pedaços como têm as Badas. Essas lâminas são tão duras que nenhuma flecha as pode passar se lhe não dá pelas ilhargas; furam de tal maneira que já aconteceu vinte e sete homens com enxadas não poderem cavar tanto, como uma cavava com o focinho. Porém, se lhe deitam água na cova logo são tomados; é animal para ver, e chamam-lhe cavalo armado: a carne parece de galinha, ou leitão,

2 *Twice or thrice, em Purchas his Pilgrimes, vol. IV, p. 1.301.*



muito gostosa, das peles fazem bolsa, e são muito galantes, e de dura; fazem-se domésticos e criam-se em casa.

Destes há muitas espécies e há grande abundância.

Canduaçu — Este animal é o porco-espinho de África: tem também espinhos brancos e pretos tão grandes que são de palmo e meio; e mais; e também os despedem como os de África.

Há outros destes que se chamam candumiri, por serem mais pequenos, e também têm espinhos da mesma maneira.

Há outros mais pequenos do tamanho de gatos, e também têm espinhos amarelos e nas pontas pretos. Todos esses espinhos têm essa qualidade que entrando na carne, por pouco que seja, por si mesmos passam a carne de parte a parte, e por essa causa servem esses espinhos de instrumentos aos índios para furar as orelhas, porque metendo um pouco por elas em uma noite lhas fura de banda a banda.

Há outros mais pequenos, como ouriços, também têm espinhos, mas não nos despedem; todos estes animais são de boa carne e gosto.

Eirara — Este animal se parece com gato-de-álgalia: ainda que alguns dizem que o não é, são de muitas cores, sc., pardos-pretos e brancos: não comem mais que mel, e nesse ofício são tão terríveis que por mais pequeno que seja o buraco das abelhas o fazem tamanho que possam entrar, e achando mel não no comem até não chamar os outros, e entrando o maior dentro não faz senão tirar, e dar aos outros, coisa de grande admiração e exemplo de caridade para os homens, e ser isso assim afirmam os índios naturais.

Aquiquig — Esses bugios são muito grandes como um bom cão, pretos, e muito feios, assim os machos, como fêmeas, têm grande barba somente no queixo debaixo, destes nasce às vezes um macho tão ruivo que tira a vermelho, o qual dizem que é seu rei. Este tem o rosto branco, e a barba de orelha a orelha, como feita a tesoura; têm uma coisa muito para notar, e é, que se põem

em uma árvore, e fazem tamanho ruído que se ouve muito longe, no qual atura muito sem descansar, e para isso tem particular instrumento essa casta: o instrumento é certa coisa côncava como feita de pergaminho muito rijo, e tão lisa que serve para burnir, do tamanho de um ovo de pata, e começa do princípio da goela até junto da campainha, entre ambos os queixos, e é esse instrumento tão ligeiro que em lhe tocando se move como a tecla de um cravo. E quando este bugio assim está pregando escuma muito, e um dos pequenos que há de ficar em seu lugar lhe limpa muitas vezes a escuma da barba.

Há outros de muitas castas, e em grande multidão sc., pretos, pardos, amarelos; dizem os naturais que alguns destes quando lhes tiram uma flecha a tomam na mão e tornam com ela atirar à pessoa; e quando os ferem buscam certa folha e a mastigam, e metem na ferida para sararem; e porque andam sempre nas árvores, e são muito ligeiros, quando o salto é grande que os pequenos não podem passar, um deles se atravessa como ponte, e por cima dele passam os outros, o rabo lhe serve tanto como mão, e se algum é ferido com o rabo se cinge, e ao ramo onde está, e assim fica morrendo dependurado sem cair. Têm outras muitas habilidades que se veem cada dia, como é tomar um pau, e dar pancadas em alguém que lhes faz mal: outro achando um cestinho d'ovos e dependurou pela corda ao pescoço, e subindo a um telhado fazia de lá muitos momos ao senhor que o ia buscar, e quebrando-os os sorveu todos diante dele, tirando-lhe com as cascas.

Quati — Este animal é pardo, parece-se com os texugos de Portugal, tem o focinho muito comprido, e as unhas; trepam pelas árvores como bugios, não lhes escapam cobra, nem ovo, nem pássaro, nem quanto podem apanhar; fazem-se domésticos em casa, mas não há quem os sofra, porque tudo comem, brincam com gatinhos, e cachorrinhos, e são maliciosos, aprazíveis, e têm muitas habilidades.



Há outras duas, ou três castas maiores, como grandes cães, e têm dentes como porcos javalis de Portugal; estes comem animais e gente, e achando presa acercam uns por uma parte, outros por outra, até a despedaçarem.

Gatos bravos — Destes há muitas castas, uns pretos, outros brancos assafroados, e são muito galantes para qualquer forro; são esses gatos muito terríveis e ligeiros: vivem de caça e pássaros, e também acometem a gente; alguns são tamanhos como cães.

Iaquaruçu — Estes são os cães do Brasil, são de um pardo almiscarado de branco, são muito ligeiros, e quando choram parecem cães; têm o rabo muito felpudo, comem frutas e caça, e mordem terrivelmente.

Tapiti — Este animal se parece com os coelhos de Portugal, estes ladram cá nessa terra como cães, máxime de noite, e muito amiúde. Os índios têm esses ladridos por agouro; criam três e quatro filhos: são raros porque têm muitos adversários, como aves de rapina, e outros animais que os comem.

Iaquacini — Este animal é tamanho como raposa de Portugal, tem a mesma cor de raposa, sustenta-se somente de caranguejos, e dos canaviais d'açúcar, e destroem muitos deles; são muito dorminhocos, e dormindo os matam, não fazem mal.

Biarataca — Este animal é do tamanho de um gato, parece-se com furão, pelo lombo tem uma mancha branca, e outra parda, que lhe ficam em cruz muito benfeita; sustentam-se de pássaros, e seus ovos, e outras coisas, máxime de âmbar, e gosta tanto dele que toda a noite anda pelas praias a buscá-lo, e onde o há ele é o primeiro; é muito temido, não porque tenha dentes nem outra arma com que se defenda, mas dá certa ventosidade tão forte, e de tão ruim, que os paus, pedras, e quanto diante de si acha, penetra, e é tanto que alguns índios morreram já de tal fedor; já cão que a ele se achega não escapa, e dura esse cheiro quinze, vinte, e mais dias, e é tal que se dá essa ventosidade

junto da alguma aldeia logo se despovoa para não serem sentidos, cavam no chão, e dentro dão a ventosidade, e a cobrem com a terra; e quando os acham para não serem tomados, sua defesa é disparar aquela ventosidade.

Há outras castas desses animais que não têm tão mau cheiro; criam-se em casa, e ficam domésticos, e os índios os estimam.

Preguiça — A preguiça, que chamam do Brasil, é animal para ver, parece-se com cães felpudos, os perdigueiros; são muito feios, e o rosto parece de mulher maltoucada; têm as mãos e pés compridos, e grandes unhas, e cruéis, andam com o peito pelo chão, e os filhos abraçados na barriga, por mais que lhe deem andam tão devagar que hão mister muito tempo para subir a uma árvore, e por isso são tomados facilmente: sustentam-se de certas folhas de figueiras, e por isso não podem ir a Portugal, porque, como lhes faltam, morrem logo.

Ratos — Nestas partes há grande número de ratos, e haverá deles algumas dez, ou doze castas, uns pretos, outros ruivos, outros pardos, todos se comem, e são gostosos, máxime alguns grandes que são como coelhos; em alguns tempos são tantos que dando em uma roça a destroem.

II – Das cobras que andam na terra e não têm peçonha

Jiboia — Esta cobra é das grandes que por cá há, e algumas se acham de vinte pés de comprimento; são galantes, mas mais o são em engolir um veado inteiro; não têm peçonha, nem os dentes são grandes conforme ao corpo; para tomar a caça de que se sustenta usa desta manha: estende-se pelos caminhos, e em perpassando a caça lança-se sobre ela, e de tal maneira se enrodilha, e aperta que lhe quebra quantos ossos tem, e depois a lambe, e seu lambe tem tal virtude que a mói toda, e então a engole, e traga.



Há outra que chamam guigraupiagoara, sc., comedora dos ovos dos pássaros, é muito preta, comprida, e tem os peitos amarelos, andam por cima das árvores, como nadando por água, e não há pessoa que tanto corra pela terra como elas pelas árvores. Esta destrói os pássaros, e seus ovos,

Há outra muito grossa, e comprida, chamada caninana; é toda verde, e de notável formosura. Esta também come ovos, pássaros, e mata os pintainhos.

Há outra chamada boitiapoá, sc., cobra que tem focinho comprido, é muito delgada e comprida, e sustenta-se somente de rãs, têm os índios com esta um agouro que quando a mulher não tem filhos tomam essa cobra, dando-lhe com ela nas cadeiras e dizem que logo há de parir.

Há outra chamada gaitiepia, acha-se somente no Rari; é de notável grandura, cheira tanto a raposinhos que por onde quer que vai que não há quem a sofra.

Há outra, a qual se chama boiuna, sc., cobra preta, é muito comprida, e delgada, também cheira muito a raposinhos.

Há outra que se chama bom, sc., porque quando anda vai dizendo bom, bom, também é grande, e não faz mal.

Há outra, a qual se chama boicupecanga, sc. cobra que tem espinhos pelas costas, é muito grande, e grossa, as espinhas são muito peçonhentas, e todo se guardam muito delas.

III – Das cobras que têm peçonha

Jararaca — Jararaca é nome que compreende quatro gêneros de cobras muito peçonhentas: a primeira e maior, é jararacuçu, sc. jararaca grande, e são de dez palmos; têm grandes presas na boca, escondidas ao longo do queixo, e quando mordem estendem-no como dedo de mão, têm a peçonha nas gengivas, têm os dentes

curvos, e nas costas deles um rego por onde lhe corre a peçonha. Outros dizem que a têm dentro do dente, que é furado por dentro. Têm tão veemente peçonha que em 24 horas, e menos, mata uma pessoa; a peçonha é muito amarela como água de açafão; parem muitos filhos, e algumas se acham treze na barriga.

Há outra que se chama jararagoaipigtanga, sc., que tem a ponta do rabo mais branca que parda; estas são tão peçonhentas como as víboras de Espanha, e têm a mesma cor e feição.

Há outra jararacopeba, é peçonhentíssima, tem uma cõdea pelo lombo vermelho, e os peitos e o mais corpo são todos pardos.

Há outras jararacas mais pequenas, que a maior será de dois palmos; são de cor de terra, têm umas veias pela cabeça como as víboras, e também carcarejam como elas.

Surucucu — Esta cobra é espantosa, e medonha; acham-se de quinze palmos; quando os índios naturais as matam, logo lhes enterram a cabeça por ter muita peçonha; para tomar caça, e a gente, mede-se com uma árvore, e em vendo a presa se deixa cair ela e assim a mata.

Boicininga — Esta cobra se chama cascavel; é de grande peçonha, porém faz tanto ruído com um cascavel que tem na cauda, que a poucos toma: ainda que é tão ligeira que lhe chamam a cobra que voa: seu comprimento é de doze e treze palmos.

Há outra chamada boiciningbeba; esta também tem cascavel, mas mais pequeno, é preta, e tem muita peçonha.

Ibigracuã — É tão veemente a peçonha desta cobra que em mordendo a uma pessoa logo lhe faz deitar o sangue por todos os meatos que tem, sc., olhos, narizes, boca, orelhas, e por quantas feridas tem em seu corpo, e corre-lhe por muito espaço de tempo, e se lhe não acodem todo se vai em sangue, e morre.

Ibigboboca — Esta cobra é muito formosa, a cabeça tem vermelha, branca e preta, e assim todo o corpo manchado dessas três cores. Esta é mais peçonhenta de todas, anda devagar, e vive nas

gretas da terra, e por outro nome se chama a cobra dos corais. Não se pode explicar a grande veemência que têm essas cobras peçonhentas sobreditas, nem as grandes dores que causam, nem as muitas pessoas que cada dia morrem delas, e são tantas em número que não somente os campos, e matos, mas até as casas andam cheias delas, acham-se nas camas, dentro das botas, quando as querem calçar. Indo os Irmãos para o repouso as acham nele, enrodilhadas nos pés dos bancos, e se lhe não acodem, quando mordem, sarjando-lhe a ferida, sangrando-se, bebendo unicórnio, ou carimá, ou água do pau-de-cobra, ou qualquer outro remédio, eficaz, em 24 horas, e menos, morre uma pessoa com grandes gritos, e dores, e são tão espantosas que como uma pessoa é mordida logo pede confissão, e faz conta que morre, e assim dispõe de suas coisas.

Há outras cobras, principalmente essas jararacas que cheiram muito a almíscar, e onde quer que estão dão sinal de si pelo bom e suave cheiro.

Há muito alacrás que se acham nas camas cada dia, e entre os livros nos cubículos; de ordinário não matam, mas dentro de 24 horas não há viver com dores.

Parece que este clima influi peçonha, assim pelas infinitas cobras que há, como pelos muitos alacrás, aranhas e outros animais imundos, e as lagartixas são tantas que cobrem as paredes das casas, e agulheiros delas.

IV – Das aves que há na terra e dela se sustentam

Assim como este clima influi peçonha, assim parece influir formosuras nos pássaros, e assim como toda a terra é cheia de bosques, e arvoredos, assim o é de formosíssimos pássaros de todo gênero de cores.



Papagaios — Os papagaios nesta terra são infinitos, mais que gralhas, zorzais, estorninhos, nem pardais de Espanha, e assim fazem gralhada como os sobreditos pássaros; destroem as milharcadas; sempre andam em bandos, e são tantos que há ilhas onde são há mais que papagaios; comem-se e é boa carne, são de ordinário muito formosos e de muito várias cores, e várias espécies, e quase todos falam, se os ensinam.

Arara — Estes papagaios são os que por outro nome se chamam macaos: é pássaro grande, e são raros, e pela fralda do mar não se acham; é uma formosa ave em cores, os peitos têm vermelhos como grã; do meio para o rabo alguns são amarelos, outros verdes, outros azuis, e por todo o corpo têm algumas penas espargidas, verdes, amarelas, azuis, e de ordinário cada pena tem três, quatro cores, e o rabo é muito comprido. Estes não põem mais de dois ovos, criam nas tocas das árvores e em rochas de pedras. Os índios os estimam muito, e de suas penas fazem suas galantarias, e empenaduras para suas espadas; é pássaro bem-estreado, faz-se muito doméstico, e manso, e falam muito bem, se os ensinam.

Anapuru — Este papagaio é formosíssimo, e nele se acham quase todas as cores em grande perfeição, sc., vermelho, verde, amarelo, preto, azul, pardo, cor de rosmaninho, e de todas estas cores têm o corpo salpicado, e espargido. Estes também falam, e têm mais uma vantagem que é criar em casa, e tirar seus filhos, pelo que são de grande estima.

Araruna — Este macao é muito formoso: é todo preto espargido de verde, que lhe dá muita graça, e quando lhe dá o sol fica tão resplandecente que é para folgar de ver; os pés tem amarelos, e o bico e os olhos vermelhos; são de grande estima, por sua formosura, por serem raros, por não criarem senão muito dentro pelo sertão, e de suas penas fazem seus diademas, e esmaltes.

Ajurucurau — Estes papagaios são formosíssimos: são todos verdes, têm um barrete, e coleira amarela muito formosa, e em

cima do bico umas poucas de penas de azul muito claro, que lhes dão muito lustre, e graça; têm os encontros das asas vermelhos, e as penas do rabo de vermelho, e amarelo salpicadas de azul.

Tuim — Os tuins são uma espécie de papagaios pequenos do tamanho de um pardal; são verdes espargidos de outras várias cores, são muito estimados, assim pela sua formosura, como também porque falam muito, e bem, e são muito domésticos, e tão mansinhos que andam correndo por toda uma pessoa, saltando-lhe nas mãos, nos peitos, nos ombros, e cabeça, e com o bico lhe esgravatam os dentes, e estão tirando o comer da boca à pessoa que os cria, e fazem muitos momos, e sempre falam, ou cantam a seu modo.

Guigrajuba — Chama-se este pássaro guigrajuba, sc., pássaro amarelo; não falam, nem brincam, antes são muito malenconizados, e tristes, mas muito estimados, por se trazerem de duzentas, e trezentas léguas, e não se acham senão em casas de grandes principais, e têm-nos em tanta estima que dão resgate, e valia de duas pessoas por um deles, e tanto o estimam como os japões as trempes, e panelas, e quaisquer outros senhores algumas coisa de grande preço, como falcão, girifalte, etc. etc.

Iapu — Este pássaro é do tamanho de uma pega, o corpo tem de um preto fino, e o rabo todo amarelo gracioso; na cabeça tem três penachozinhos, que não parecem senão cornitos quando os levanta; os olhos tem azuis, o bico muito amarelo; é pássaro formoso, e tem um cheiro muito forte quando se agasta; são muito solícitos em busca de comer, não lhes escapam aranha, barata, grilo, etc., e são grande limpeza de uma casa, e andam por elas como pegas, não lhes fica coisa que não corram; é perigo grande terem-no na mão, porque arremetem aos olhos e tiram-nos.

Guainumbique — Destes passarinhos há várias espécies, sc., guaracigá, sc., fruta do sol, por outro nome guaracigoba, sc., cobertura do sol, ou guaracigaba, sc., cabelo do sol; nas Antilhas lhe

chamam o pássaro ressuscitado, e dizem que seis meses dorme e seis meses vive; é o mais fino pássaro que se pode imaginar, tem um barrete sobre sua cabeça, a qual se não pode dar cor própria, porque de qualquer parte que a tomam mostra vermelho, verde, preto, e mais cores todas muito finas, e resplandcentes, e o papo é tão formoso que de qualquer parte que o tomam mostra todas as cores, principalmente um amarelo mais fino que ouro.

O corpo é pardo, tem o bico muito comprido, e a língua de dois comprimentos do bico; são muito ligeiros no voar, e quando voam fazem um estrondo como abelhas, e mais parecem abelhas na ligeireza que pássaros, porque sempre comem de voo sem pousar na árvore; assim como abelhas, andam chupando o mel das flores; têm dois princípios de sua geração; uns se geram de ovos como outros pássaros, outros de borboletas, e é coisa para ver, uma borboleta começar-se a converter nesse passarinho, porque juntamente é borboleta e pássaro, e assim se vai convertendo até ficar neste formosíssimo passarinho; coisa maravilhosa, e ignota aos filósofos, pois um vivente sem corrupção se converte noutro.

Guigranheéngetá— Este pássaro é do tamanho de um pintassilgo, tem as costas e asas azuis, e o peito e a barriga de um amarelo finíssimo. Na testa tem um diadema amarelo que o faz muito formoso; é pássaro excelente para gaiola, por falar de muitas maneiras, arremedando muito pássaros, e fazendo muito trocados e mudando a fala em mil maneiras, e atura muito no canto, e são de estima, e desses de gaiola há muitos e formosos, e de várias cores.

Tangará— Este é do tamanho de um pardal: todo preto, a cabeça tem de um amarelo-alaranjado muito fino; não canta, mas tem uma coisa maravilhosa que tem acidentes como de gota coral, e por essa razão o não comem os índios por não terem a doença; tem um gênero de baile gracioso, sc., um deles se faz morto, e os outros o cercam ao redor, saltando, e fazendo um cantar de gritos estranhos que se ouve muito longe, e como acabam essa festa,



grita, e dança, o que estava como morto se alevanta, e dá um grande assovio, e grito, e então todos se vão, e acabam sua festa, e nela estão tão embebidos quanto a fazem que ainda que sejam vistos e os espreitem não fogem; desses há muitas espécies, e todos têm acidentes.

Quereiúá — Este pássaro é dos mais estimados da terra, não pelo canto, mas pela formosura da pena; são d'azul-claro em parte, e escuro, e todo o peito roxo finíssimo, e as asas quase pretas, são tão estimadas que os índios os esfolam, e dão duas e três pessoas por uma pele deles, e com as penas fazem esmaltes, diademas e outras galantarias.

Tucana — Este pássaro é do tamanho de uma pega; é todo preto, tirando o peito, o qual é todo amarelo com um vermelho; o bico é de um grande palmo, muito grosso e amarelo, e por dentro vermelho, tão burnido e lustroso que parece envernizado; fazem-se domésticos, e criam-se em casa, são bons para comer, e a pena se estima muito por ser fina.

Guigraponga — Este pássaro é branco, e sendo não muito grande, dão tais brados que não parece senão um sino, e ouve-se meia légua, e seu cantar é ao modo de repique de sino.

Macucaguá — Esta ave é maior que nenhuma galinha de Portugal; parece-se com faisão, e assim lho chamam os portugueses, tem três titelas uma sobre a outra, e muita carne, e gostosa, põe duas vezes no ano, e de cada vez treze ou quinze ovos; andam sempre pelo chão, mas quando vem gente se sobem nas árvores, e à noite quando se empoleiram como fazem as galinhas. Quando se põem nas árvores, não põem os pés nos paus, mas as canelas das pernas, e mais da parte dianteira. Dessas há muitas espécies, e multidão, e facilmente se flecham.

Entre elas há uma das mais pequenas, tem muitas habilidades: adivinha quando canta a chuva, dá tão grandes brados que se não pode crer de pássaro tão pequeno, e a razão é porque tem a



goela muito grande, começa na cabeça, e sai pelo peito ao longo da carne, e couro, e chega ao cesso, e faz volta, e torna-se a meter no papo, e então procede como aos outros pássaros, e fica como trombeta com suas voltas. Correm após qualquer pessoa, às picadas, brincando como cachorrinho, se lhe deitam ovos de galinhas chocam-nos, e criam os pintainhos, e se veem as galinhas com pintainhos tanto as perseguem até que lhos tomam e os criam.

Mutu — Esta galinha é muito caseira, tem uma crista de galo espargida de branco e preto, os ovos são grandes como de pata, muito alvos, tão rijos que batendo um no outro tinem como ferro, e deles fazem os seus maracás, sc., cascavéis; todo cão que lhe come os ossos, e aos homens nenhum prejuízo lhes faz.

Uru — Nesta terra há muitas espécies de perdizes que ainda que se não pareçam em todo com as de Espanha todavia são muito semelhantes na cor, e no gosto, e na abundância.

Há nesta terra muitas espécies de rolas, tordos, melros e pombas de muitas castas, e todas essas aves se parecem muito com as de Portugal; e as pombas e rolas são em tanta multidão que em certos campos muito dentro do sertão são tantas que quando se levantam impedem a claridade do sol, e fazem estrondo, como de um trovão; põem tantos ovos, e tão alvos, que de longe se veem os campos alvejar com os ovos como se fosse neve, e com servirem de mantimento aos índios não se podem desençar, antes dali em certos tempos parece que correm todas as partes desta província.

Nhandugoaçu — Nesta terra há muitas emas, mas não andam senão pelo sertão dentro.

Anhigma — Este pássaro é de rapina, grande, e dá brados que se ouvem meia légua, ou mais; é todo preto, os olhos tem formosos, e o bico maior que de galo, sobre esse bico tem um cornito de comprimento de um palmo; dizem os naturais que este corno é grande medicina para os que se lhe tolhem a fala como já aconteceu que pondo ao pescoço de um menino que não falava falou logo.

Há outras muitas aves de rapina, sc., águias, falcões, açores, esmerilhões, francelhos e outras muitas, mas são todas de ordinário tão bravas que não servem para caçar, nem acodem à mão.

V – Das árvores de fruto

Acaju — Estas árvores são muito grandes, e formosas, perdem a folha em seus tempos, e a flor se dá em os cachos que fazem umas pontas como dedos, e nas ditas pontas nasce uma flor vermelha de bom cheiro, e após ela nasce uma castanha, e da castanha nasce um pomo do tamanho de um repinaldo, ou maçã camoeza; é fruta muito formosa, e são alguns amarelos, e outros vermelhos, e tudo é sumo: são bons para a calma, refrescam muito, e o sumo põe nódoa em pano branco que se não tira senão quando se acaba. A castanha é tão boa, e melhor que as de Portugal; comem-se assadas, e cruas deitadas em água como amêndoas piladas, e delas fazem massapães, e bocados doces como amêndoas. A madeira dessa árvore serve pouco ainda para o fogo, deita de si goma boa para pintar, e escrever em muita abundância. Com a casca tingem o fiado, e as cuias que lhe servem de panelas. Esta pisada e cozida com algum cobre até se gastar a terça d'água é único remédio para chagas velhas e saram depressa. Dessas árvores há tantas como os castanheiros em Portugal, e dão-se por esses matos, e se colhem muitos moios das castanhas, e a fruta em seus tempos a todos farta. Desses acajus fazem os índios vinho.

Mangaba — Destas árvores há grande cópia, máxime na Bahia, porque nas outras partes são raras; na feição se parece com maieira de anáfega, e na folha, com a de freixo; são árvores graciosas, e sempre têm folhas verdes. Dão duas vezes fruto no ano: a primeira de botão, porque não deitam então flor, mas o mesmo botão é a fruta; acabada essa camada que dura dois ou três meses,

dá outra, tornando primeiro flor, a qual é toda como de jasmim, e de tão bom cheiro, mas mais esperto; a fruta é de tamanho de abricós, amarela, e salpicada de algumas pintas pretas, dentro tem algumas pevides, mas tudo se come, ou sorve como sorvas de Portugal; são de muito bom gosto, sadias, e tão leves que por mais que comam parecem que não comem fruta; não amadurecem na árvore, mas caem no chão, e daí as apanham já maduras, ou colhendo-as verdes as põem em madureiro; delas fazem os índios vinhos; a árvore e a mesma fruta em verde, toda está cheia de leite branco, que pega muito nas mãos, e amarga.

Macuoé — Esta fruta se dá em umas árvores altas; parece-se com peras de mato de Portugal, o pé tem muito comprido, colhem-se verdes, e põem-se a madurar, e maduros são muito gostosos, e de fácil digestão; quando se hão de colher sempre se corta toda a árvore por serem muito altas, e se não fora essa destruição houvera mais abundância, e por isso são raras; o tronco tem grande cópia de leite branco, e coalha-se; pode servir de lacre se quiserem usar dele.

Araçá — Destas árvores há grande cópia, de muitas castas; o fruto são uns perinhos, amarelos, vermelhos, outros verdes: são gostosos, desenfastiados, apetitosos, por terem alguma ponta de agro. Dão fruto quase todo o ano.

Umbu — Este umbu é árvore grande, não muito alta, mas muito espalhada; dá certa fruta como ameixas alvares, amarela, e redonda, e por essa razão lhe chamam os portugueses ameixas; faz perder os dentes, e os índios que as comem os perdem facilmente; as raízes desta árvore se comem, e são gostosas e mais saborosas que a melancia, porque são mais doces, e a doçura parece de açúcar. São frios, sadios, e dão-se aos doentes de febres; e aos que vão para o sertão serve de água quando não têm outra.

Jaçapucaia — Esta árvore é das grandes e formosas desta terra; cria uma fruta como panela, do tamanho de uma grande bola de grossura de dois dedos, com sua cobertura por cima, e dentro está

cheia de umas castanhas como mirabulamos, e assim parece que são os mesmos da Índia. Quando estão já de vez se abre aquela sapadoura, e cai a fruta; se comem muita dela verde, pela uma pessoa quantos cabelos tem em seu corpo; assadas é boa fruta. Das panelas usam para grãos e são de dura; a madeira da árvore é muito rija, não apodrece, e é de estima para os eixos dos engenhos.

Araticu — Araticu é uma árvore do tamanho de laranjeira, e maior; a folha parece de cidreira, ou limoeiro; é árvore fresca e graciosa, dá uma fruta da feição e tamanho de pinhas, e cheira bem, tem arrazoado gosto, e é fruta desenfastiada.

Dessas árvores há muitas castas, e uma delas chamada araticú-paná; se comem muito da fruta fica em fina peçonha, e faz muito mal. Das raízes dessas árvores fazem boias para redes, e são tão leves como cortiças.

Pequeá — Destas árvores há duas castas; uma delas dá uma fruta do tamanho de uma boa laranja, e assim tem a casca grossa como laranja; dentro dessa casca não há mais que mel tão claro, e doce como açúcar em quantidade de um ovo, e misturado com ele tem as pevides.

Há outra árvore pequeá: é madeira das mais prezadas desta terra; em Portugal se chama sitim; tem ondas muito galantes, dura muito, e não apodrece.

Jabuticaba — Nesta árvore se dá uma fruta do tamanho de um limão de ceutil; a casca, e gosto, parece de uva ferral, desde a raiz da árvore por todo o tronco até o derradeiro raminho; é fruta rara, e acha-se somente pelo sertão adentro da Capitania de São Vicente. Dessa fruta fazem os índios vinho e o cozem como vinho d'uvas.

Neste Brasil há muitos coqueiros, que dão cocos excelentes como os da Índia; estes de ordinário se plantam, e não se dão pelos matos, senão nas hortas, e quintais; e há mais de vinte espécies de palmeira e quase todas dão fruto, mas não tão bom como os cocos; com algumas dessas palmeiras cobrem as casas.

Além dessas árvores de fruto há muitas outras que dão vários frutos, de que se aproveitaram, e sustentaram muitas nações de índios, juntamente com o mel, de que há muita abundância, e com as caças, porque não têm outros mantimentos.

Pinheiro — No sertão da Capitania de São Vicente até ao Paraguai há muitos e grandes pinhais propriamente como os de Portugal, e dão pinhas como pinhões; as pinhas não são tão compridas, mas mais redondas, e maiores, os pinhões são maiores, e não são tão quentes, mas de bom temperamento e sadios.

VI – Das árvores que servem para medicinas

Cabureiba — Esta árvore é muito estimada, e grande, por causa do bálsamo que tem; para se tirar esse bálsamo se pica a casca da árvore, e lhe põem um pequeno d’algodão nos golpes, e de certos em certos dias vão recolher o óleo que ali se estila; chamam-lhe os portugueses bálsamo por se parecer muito com o verdadeiro das vinhas de Engaddi; serve muito para feridas frescas, e tira todo sinal, cheira muito bem, e dele e das cascas do pau se fazem rosários e outras coisas de cheiro; os matos onde os há cheiram bem, e os animais se vão roçar nessa árvore, parece que para sararem de algumas enfermidades. A madeira é das melhores deste Brasil, por ser muito forte, pesada, eliada e de tal grossura que delas se fazem as gangorras, eixos e fusos para os engenhos. Estas são raras, acham-se principalmente na Capitania do Espírito Santo.

Copaíba — É uma figueira comumente muito alta, direita e grossa; tem dentro dela muito óleo; para se tirar a cortam pelo meio, onde tem o vento, e aí tem este óleo em tanta abundância que algumas dão um quarto, e mais de óleo; é muito claro, de cor d’azeite; para feridas é muito estimado, e tira todo sinal. Também serve para as candeias e arde bem; os animais, sentindo sua

virtude, se vêm esfregar nelas; há grande abundância, a madeira não vale nada.

Ambaíba — Estas figueiras não são muito grandes, nem se acham nos matos verdadeiros, mas nas copueiras, onde este roça; a casca desta figueira, raspando-lhe da parte de dentro, e espremendo aquelas raspas na ferida, pondo-lhas em cima, e atando-as com a mesma casca, em breve sara. Delas há muita abundância, e são muito estimadas por sua grande virtude; as folhas são ásperas, e servem para alisar qualquer pau; a madeira não serve para nada.

Ambaitinga — Esta figueira é a que chamam do inferno: acham-se em taperas, dão certo azeite que serve para a candeia: têm grande virtude, como escreve Monardes,³ e as folhas são muito estimadas para quem arreversa, e não pode ter o que come, untando o estômago com óleo, tira as opilações, e cólica; para se tirar esse óleo, põem-na ao sol alguns dias, e depois a prisão, e cozem, e logo lhe vem aquele azeite acima que se colhe para os sobreditos efeitos.

Ibacamuci — Destas árvores há muitas em São Vicente: dão umas frutas, como bons marmelos da feição de uma panela, ou pote; tem algumas sementes dentro muito pequenas, são único remédio para as câmaras de sangue.

Icica — Esta árvore dá a almecega; onde está cheira muito por um bom espaço, dão-se alguns golpes na árvore, e logo incontinenti estila um óleo branco que se coalha; serve para emplastos em doenças de frialdade, e para se defumarem; também serve em lugar de incenso.

Há outra árvore dessa casta chamada Itaicica, sc., almecega dura como pedra, assim mais parece anime do que almecega, e é tão dura e resplandecente que parece vidro, e serve de dar vidro à

³ *Emonoardes*, na cópia manuscrita.



louça, e para isso é muito estimada entre os índios, e serve também para doenças de frialdade.

Há um rio entre Porto Seguro e os Ilhéus que vem mais de 300 léguas pelo sertão: traz muita cópia de resina que é o mesmo anime, a que os índios chamam itaicica, e os portugueses, incenso branco, e tem os mesmos efeitos que o incenso.

Curupicaíba — Esta árvore parece na folha com os pessegueiros de Portugal; as folhas estilam um leite como o das figueiras de Espanha, o qual é único remédio para feridas frescas e velhas, e para boubas, e das feridas tira todo sinal; se lhe picam a casca deita grande quantidade de visco com que se tomam os passarinhos.

Caroba — Destas árvores há grande abundância as folhas delas mastigadas, e postas nas boubas as fazem secar, e sarar de maneira que não tornam mais, e parece que o pau tem o mesmo efeito que o da China, e Antilhas para o mesmo mal. Da flor se faz conserva para os doentes de boubas.

Caaromoçorandiba — Este pau parece que é o da China: toma-se da mesma madeira que o de lá, e sara os corrimentos, boubas, e mais doenças de frialdade; é pardo, e tem o âmago duro como pau da China.

Iabigrandi — Esta árvore há pouco que foi achada, e é, como dizem alguns indiáticos, o bétele nomeado da Índia; os rios, e ribeiros estão cheios dessas árvores: as folhas comidas são único remédio para as doenças de fígado, e muitos neste Brasil sararam já de mui graves enfermidades do fígado comendo delas.

Há outra árvore também chamada bétele, mais pequena, e de folha redonda; as raízes dela são excelente remédio para a dor de dentes, metendo-a na cova deles, queima como gengibre.

Dizem também que há neste Brasil a árvore da canafístula; é ignota aos índios; os espanhóis usam dela e dizem que é tão boa como a da Índia.

VII – Dos óleos que usam os índios para se untarem

Andá — Estas árvores são formosas, e grandes, e a madeira para tudo serve; da fruta se tira um azeite com que os índios se untam, e as mulheres os cabelos, e também serve para feridas, e as seca logo. E também fazem muitas galantarias pelo corpo, braços, e pernas com esse óleo, pintando-se.

Moxerecuíba — Esta árvore se acha no sertão nos campos; é pequena, dá uma fruta do tamanho de laranja, e dentro dela tem umas pevides, e de tudo junto fazem um azeite para se untarem; a casca serve para barbasco dos peixes, e todo animal que bebe da água donde se deita morre.

Aiuruatubira — Esta árvore que é pequena dá uma fruta vermelha, e dela se tira um óleo vermelho com que também se untam os índios.

Aiabutipíta — Esta árvore será do comprimento de cinco, seis palmos; é como amêndoas, e preta, e assim é o azeite que estimam muito, e se untam com ele em suas enfermidades.

Ianipaba — Esta árvore é muito formosa, de um verde alegre, todos os meses muda a folha, que se parece com folha de noqueira; as árvores são grandes, e a madeira muito boa, e doce de lavar; a fruta é como grandes laranjas, e se parece com marmelos, ou peras pardas; o sabor é de marmelo: é boa mezinha para câmaras de toda ordem. Dessa fruta se faz tinta preta, quando se tira é branca, e em untando-se com ela não tinge logo, mas daí a algumas horas fica uma pessoa tão preta como azeviche; é dos índios muito estimada, e com esta fazem em seu corpo imperiais gibões, todos golpeados, e dão certos riscos pelo rosto, orelhas, narizes, barba, pernas e braços, e o mesmo fazem as mulheres, e ficam muito galantes, e este é o seu vestido assim de semana, como de festa, ajuntando-lhe algumas penas com

que se ornam, e outras joias de osso; dura essa tinta no corpo assim preta nove dias, e depois não fica nada, faz o couro muito duro, e para tingir há se de colher a fruta verde, porque madura não tinge.

Iequitigoaçu — Esta árvore dá umas frutas como madronhos, e dentro uma conta tão rija como um pau que é a semente; são das melhores contas que se pode haver porque são muito iguais, e muito pretas, e têm um resplendor como de azeviche; a casca que cobre essas contas amarga mais que piorno,⁴ serve de sabão, e assim ensaboam como o melhor de Portugal.

VIII – Das árvores que têm água

Esta árvore se dá nos campos e sertão da Bahia em lugares onde não há água; é muito grande e larga, nos ramos tem uns buracos de comprimento de um braço que estão cheios de água que não transborda nem no inverno, nem no verão, nem se sabe donde vem esta água, e quer dela bebam muitos, quer poucos, sempre está em o mesmo ser, e assim serve não somente de fonte mas ainda de um grande rio caudal, e acontece chegarem 100 almas ao pé dela, e todos ficam agasalhados, bebem, e levam tudo o que querem, e nunca falta água; é muito gostosa, e clara, e grande remédio para os que vão ao sertão quando não acham outra.

IX – Das árvores que servem para madeira

Neste Brasil há arvoredos em que se acham árvores de notável grossura, e comprimento, de que se fazem mui grandes canoas, de largura de sete e oito palmos de vão, e de comprimento de

⁴ *Aloes, em Purchas his Pilgrimes, vol. IV, p. 1309.*



cinquenta e mais palmos, que carregam como uma grande barca, e levam vinte e trinta remeiros; também se fazem mui grandes gangorras para os engenhos. Há muitos paus como incorruptíveis que metidos na terra não apodrecem, e outros metidos n'água cada vez são mais verdes, e rijos. Há pau-santo, de umas águas brancas de que se fazem leitões muito ricos, e formosos. Pau-brasil, de que se faz tinta vermelha, e outras madeiras de várias cores, de que se fazem tintas muito estimadas, e todas as obras de torno e marcenaria. Há paus de cheiro, como jacarandá, e outros de muito preço e estima. Acham-se sândalos brancos em quantidade. Pau daquela em grande abundância que se fazem navios dele, cedros, pau-d'angelim, e árvore de noz-moscada; e ainda que essas madeiras não sejam tão finas, e de tão grande cheiro como as da Índia, todavia falta-lhes pouco, e são de grande preço, e estima.

X – Das ervas que são fruto e se comem

Mandioca — O mantimento ordinário desta terra que serve de pão se chama mandioca, e são umas raízes como de cenouras, ainda que mais grossas e compridas. Estas deitam umas varas, ou ramos, e crescem até altura de quinze palmos. Esses ramos são muito tenros, e têm um miolo branco por dentro, e de palmo em palmo têm certos nós. E dessa grandura se quebram, e plantam na terra em uma pequena cova, e lhes ajuntam terra ao pé, e ficam metidos tanto quanto basta para se terem, e daí a seis ou nove meses têm já raízes tão grossas que servem de mantimento.

Contém essa mandioca debaixo de si muitas espécies, e todas se comem e conservam-se dentro na terra, três, quatro, e até oito anos, e não é necessário celeiro, porque não fazem senão tirá-las, e fazer o mantimento fresco de cada dia, e quanto mais estão na terra, tanto mais grossas se fazem, e rendem mais.

Tem algumas coisas de notas, sc., que tirado o homem, todo animal se perde por ela crua, e a todos engorda, e cria grandemente, porém se acaba de espremer, beberem aquela água só por si, não têm mais vida que enquanto lhe não chega ao estômago. Dessas raízes espremidas e raladas se faz farinha que se come; também se deita de molho até apodrecer, e depois limpa, espremida, se faz também farinha, e uns certos beijos como filhós, muito alvos, e mimosos. Essa mesma raiz depois de curtida n'água feita com as mãos em pilouros se põe em caniços ao fumo, onde se enxuga e seca de maneira que se guarda sem corrupção quanto querem e raspada do fumo, pisada em uns pilões grandes, e peneirada, fica uma farinha tão alva, e mais que de trigo, da qual misturada em certa têmpera com a crua se faz uma farinha biscoitada que chamam de guerra, que serve aos índios, e portugueses pelo mar, e quando vão à guerra como biscoito. Outra farinha se faz biscoitada da mesma água da mandioca verde se a deixam coalhar e enxugar ao sol, ou fogo; esta é sobre todas alvíssima, e tão gostosa e mimosa que não faz para quem quer. Dessa mandioca curada ao fumo se fazem muitas maneiras de caldos que chamam mingaus, tão sadios e delicados que se dão aos doentes de febres em lugar de amido, e tisanas, e da mesma se fazem muitas maneiras de bolos, coscorões, fartes, empenadilhas, queijadinhas d'açúcar, etc., e misturada com farinha de milho, ou de arroz, se faz pão com fermento, e levedo que parece de trigo. Essa mesma mandioca curada ao fumo é grande remédio contra a peçonha, principalmente de cobras. Dessa mandioca há uma que chamam aipim que contém também debaixo de si muitas espécies. Esta não mata crua, e cozida, ou assada, que é de bom gosto, e dela se faz farinha, e beijos, etc. Os índios fazem vinho dela, e é tão fresco e medicinal para o fígado que a ele se atribui não haver entre eles doentes do fígado. Certo gênero de tapuias come a mandioca peçonhenta crua sem lhe fazer mal por serem criados nisso.



Os ramos dessa erva, ou árvores são a mesma semente, porque os paus dela se plantam, as folhas, em necessidade, cozidas servem de mantimento.

Naná — Esta erva é muito comum, parece-se com erva babosa, e assim tem as folhas, mas não tão grossas e todas em redondo estão cheias de uns bicos muito cruéis; no meio dessa erva nasce uma fruta como pinha, toda cheia de flores de várias cores muito formosas, e ao pé desta quatro ou cinco olhos que se plantam; a fruta é muito cheirosa, gostosa, e uma das boas do mundo, muito cheia de sumo e gostoso, e tem sabor de melão ainda que melhor, e mais cheiroso: é boa para doente de pedra, e para febres muito prejudicial. Dessa fruta fazem vinho os índios muito forte, e de bom gosto. A casca gasta muito o ferro ao aparar, e o sumo tira as nódoas da roupa. Há tanta abundância dessa fruta que se cevam os porcos com ela, e não se faz tanto caso pela muita abundância: também se fazem em conserva, e cruas desenjoam muito no mar, e pelas manhãs com vinho são medicinais.

Pacoba — Esta é a figueira que dizem de adão, nem é árvore, nem erva, porque por uma parte se faz muito grossa, e cresce até vinte palmos em alto; o talo é muito mole, e poroso, as folhas que deita são formosíssimas, e algumas de comprimento de uma braça, e mais, todas rachadas como veludo de Bragança, tão finas que se escreve nelas, tão verdes, e frias, e frescas que deitando-se um doente de febres sobre elas fica a febre temperada com sua frialdade; são muito frescas para enramar as casas e igrejas. Essa erva deita em cada pé muitos filhos, cada um deles dá um cacho cheio de uns como figos, que terá às vezes duzentos, e como está de vez se corta o pé em que está o cacho, e outros vão crescendo, e assim vão multiplicando *in infinitum*; a fruta se põe a madurar e fica muito amarela, gostosa, e sadia, maximé para os enfermos de febres, e peitos que deitaram sangue; e assadas são gostosas e

sadias. É fruta ordinária de que as hortas estão cheias, e são tantas que é uma fartura, e dão-se todo o ano.

Maracujá — Estas ervas são muito formosas, maximé nas folhas; trepam pelas paredes, e árvores como a hera; as folhas espremidas com verdete é único remédio para chagas velhas, e boubas. Dá uma fruta redonda como laranjas, outras à feição do ovo, uns amarelos, outros pretos, e de outras várias castas. Dentro tem uma substância de pevides e sumo com certa teia que as cobre, e tudo junto se come, e é de bom gosto, tem ponta de azedo, e é fruta de que se faz caso.

Nesta terra há outros gêneros muitos de frutas, como camarinhas pretas, e vermelhas, batatas, outras raízes que chamam mangará, outra que chamam cará, que se parece com nabos, e túberas da terra. Das batatas fazem pão e várias coisas doces; têm esses índios outros muitos legumes, sc., favas, mais sadias e melhores que as de Portugal, e em grande abundância, muitos gêneros de abóboras, e algumas tão grandes que fazem cabaças para carretar água que levaram dois almudes, ou mais: feijões de muitas castas, são gostosos, e como os de Portugal. Milho de muitas castas, e dele fazem pão, vinho, e se come assado e com ele engordam os cavalos, porcos, galinhas, etc., e umas taiobas, que são como couves, e fazem purgar, e uma erva por nome jambig, único remédio para os doentes de fígado e pedra; também há muitos gêneros de pimentas, que dão muito gosto ao comer.

XI – Das ervas que servem para mezinhas

Teticucu — Este é o mechoação das Antilhas; são umas raízes compridas como rabãos, mas de boa grossura, serve de purga; toma-se essa raiz moída em vinho, ou água para febres, toma-se em conserva de açúcar como marmelada, coze-se com galinha, faz muita sede, mas é proveitosa, e obra grandemente.



Ipecacuanha — Esta erva é proveitosa para câmaras de sangue: a sua haste é de comprimento de um palmo, e as raízes de outro, ou mais; deita somente quatro ou cinco folhinhas, cheira muito onde quer que está, mas o cheiro é farto e terrível; essa raiz moída, botada em uma pouca d'água, se põe a serenar uma noite toda, e pela manhã se aqueça a água com a mesma raiz moída, e coada se bebe somente a água, e logo faz purgar de maneira que cessam as câmaras de todo.

Caiapiá — Esta erva há pouco que é descoberta, é único remédio para peçonha de toda sorte, maximé de cobras, e assim se chama erva-de-cobra, e é tão bom remédio como unicórnio de Bada, pedra de bazar, ou coco de Maldiva. Não se aproveita dela mais que a raiz, que é delgada, e no meio faz um nó como botão; esta moída, deitada em água e bebida mata a peçonha da cobra; também é grande remédio para as feridas de flechas ervadas, e quando algum é ferido fica sem medo, e seguro, bebendo a água dessa raiz; também é grande remédio para as febres, continuando-a, e bebendo-a algumas manhãs; cheira essa erva à folha de figueira de Espanha.

Tareroquique — Também esta erva é único remédio para câmaras de sangue: as raízes são todas retalhadas, os ramos muito delgadinhos, as folhas parecem de alfavaca, as flores são vermelhas, e tiram algum tanto roxo, e dão-se nas pontinhas. Desta há muita abundância, quando se colhe é amarela, e depois de seca fica branca; toma-se da própria maneira que a precedente. Com essa erva se perfumam os índios doentes para não morrerem, e para certa enfermidade que é comum nesta terra, é que se chama doença do bicho, é grande remédio, serve para matar os bichos dos bois, e porcos, e para postemas. Essa erva toda a noite está murcha, e como dormente, e em nascendo o sol torna a abrir, e quando se põe torna a fechar.

Goembeguaçu — Esta erva serve muito para fluxo de sangue, maximé de mulheres; as raízes são muito compridas e algumas



de trinta, e quarenta braças. Tem uma casca rija, de que se fazem muito fortes cordas, e amarras para navios, e são de muita dura, porque n'água reverdecem; esta tomando-a, sc., a casca dela, e de-fumando a pessoa na parte do fluxo, logo estanca.

Cauabetinga — Esta erva é pequena, deita poucas folhas, as quais começa a lançar logo da terra, são brancas, de banda de baixo, e de cima verdes, deitam uma flor do tamanho de avelã; as raízes e folhas pisadas são excelente remédio para chagas de qualquer sorte, e também se usa da folha por pisar, a qual posta na chaga pega muito e sara.

Sobaúra — Esta erva serve para chagas velhas, que já não têm outro remédio: deita-se moída e queimada na chaga, logo come todo o câncer, e cria couro novo; também se põe pisada e a folha somente para encourar.

Erva-santa — Esta erva-santa serve muito para várias enfermidades, como feridas, catarros, etc., e principalmente serve para doentes da cabeça, estômago e asmáticos. Nesta terra se fazem umas cangueiras de folha de palma cheia desta erva seca, e pondo-lhe o fogo por uma parte põem a outra na boca, e bebem o fumo; é uma das delícias, e mimos desta terra, e são todos os naturais, e ainda os portugueses, perdidos por ela, e têm por grande vício estar todo o dia e noite deitados nas redes a beber fumo, e assim se embebedam dele, como se fora vinho.

Guaraquigynha — Esta é a erva-moura de Portugal, e além de outras bondades que tem como a erva-moura, tem somente que é único remédio para lombrigas, e de ordinário quem as come logo as lança.

Camará — Esta erva se parece com silvas de Portugal: coze-se em água, e a dita água é único remédio para sarnas, boubas e feridas frescas, e quando as feridas se curam com as folhas de figueira de que se disse no título das árvores se lava a ferida com a água dessa erva, cuja flor é formosíssima, parece cravo amarelo,



e vermelho, almiscarado, e dessas se fazem ramalhetes para os altares.

Aipo — Esta erva é o próprio aipo de Portugal, e tem todas as suas virtudes: acha-se somente pelas praias, principalmente no Rio de Janeiro, e por essa razão é mais áspero, e não tem doce ao gosto, como o de Portugal: deve ser por causa das marés.

Malvaisco — Há grande abundância de malvaisco nesta terra; tem os mesmos efeitos, tem umas flores do tamanho de um tostão, de um vermelho gracioso, que parecem rosas de Portugal.

Caraguatá — Este caraguatá é certo gênero de cardos, dá umas frutas de comprimento de um dedo, amarelas; cruas fazem empolar os beiços; cozidas ou assadas não fazem mal; porém toda mulher prenhe que as come de ordinário morre logo.

Há outros caraguatás que dão umas folhas como espadana muito comprida, de duas ou três braças, e dão umas alcachofras como o naná, mas não são de bom gosto. Essas folhas deitadas de molho dão um linho muito fino, de que se faz todo gênero de cordas, e até linhas para cozer e pescar.

Timbó — Timbós são umas ervas maravilhosas, crescem do chão como cordões até o mais alto dos arvoredos onde estão, e alguns vão sempre arrimados à árvore como hera; são muito rijos, e servem de atilhos, e alguns há tão grossos como a perna de homem, e por mais que os torçam não há quebrarem; a casca destes é fina peçonha, e serve de barbasco para os peixes, e é tão forte que nos rios onde se deita não fica peixe vivo até onde chega com sua virtude, e destes há muitas castas, e proveitosas assim para atilhos como para matar os peixes. Outras ervas há que também servem para medicina, como são serralhas, beldroegas, bredos, almeirões, avencas, e de tudo há grande abundância, ainda que não têm essas ervas a perfeição das de Espanha, nem faltam amoras de silva brancas, e pretas como as de Portugal, e muito bom perrexil pelas praias, de que se faz conserva muito boa, nem falta macela.

XII – Das ervas cheirosas

Nesta terra há muito mentrastos, principalmente em Piratininga: não cheiram tão bem como os de Portugal; também há umas malvas francesas de umas flores roxas e graciosas que servem de ramalhetes. Muitos lírios, não são tão finos, nem tão roxos como os do reino, e alguns se acham brancos.

Erva-que-dorme — Esta erva se dá cá na primavera, e parece-se com os maios de Portugal, e assim como eles se murcha e dorme em se pondo o sol, e em nascendo torna a abrir e mostrar sua formosura. O cheiro é algum tanto fartum. Também há outra árvore que dorme da mesma maneira, e dá umas flores graciosas, mas não cheiram muito.

Erva-viva — Estas ervas são de boa altura, e dão ramos, umas folhas farpadas de um verde gracioso; chamam erva-viva, porque são tão vivas e sentidas que em lhes tocando com a mão, ou qualquer outra coisa, logo se engelham, murcham e encolhem como se as agravaram muito, e daí a pouco tornam em sua perfeição tantas vezes lhes tocam, tantas tornam a murchar-se, e tornam em seu ser como dantes.

Outras muitas ervas há, como orégãos, e poejos, e outras muitas floras várias, porém parece que este clima, ou pelas muitas águas, ou por causa do sol, não influi nas ervas cheiro, antes parece que lhos tira.

XIII – Das canas

Nesta terra há muitas espécies de canas e taquara; há de grossura de uma coxa de um homem, outras que têm uns canudos de comprimento de uma braça, outras de que fazem flechas e são estimadas; outras tão compridas que têm três ou quatro lanças de

comprimento; dão-se essas canas por entre os arvoredos, e assim como há muitas, assim há muitos e compridos canaviais de muitas léguas, e como estão entre as árvores vão buscar o sol, e por isso são tão compridas.

XIV – Dos peixes que há n'água salgada

Peixe-boi — Este peixe é nestas partes real, e estimado sobre todos os demais peixes, e para se comer muito sadio, e de muito bom gosto, ora seja salgado, ora fresco; e mais parece carne de vaca que peixe. Já houve alguns escrúpulos por se comer em dias de peixe; a carne é toda de febras, como a de vaca, e assim se faz em tassalhos e chacina, e cura-se ao fumeiro como porco ou vaca, e no gosto se se coze com couves, ou outras ervas sabe a vaca, e concertada com adubos sabe a carneiro, e assada parece no cheiro, e gosto, a gordura porco, e também tem toucinho.

Esse peixe nas feições parece animal terrestre, e principalmente boi: a cabeça é toda de boi com couro, e cabelos, orelhas, olhos e língua; os olhos são muito pequenos em extremo para o corpo que tem; fecha-os, e abre-os, quando quer, o que não têm os outros peixes: sobre as ventas tem dois courinhos com que as fecha, e por elas resfolega; e não pode estar muito tempo debaixo d'água sem resfolegar; não tem mais barbatana que o rabo, o qual é todo redondo e fechado; o corpo é de grande grandura, todo cheio de cabelos ruivos: tem dois braços de comprimento de um côvado com suas mãos redondas como pás, e nelas tem cinco dedos pegados todos uns com os outros, e cada um tem sua unha como humana; debaixo desses braços têm as fêmeas duas mamas com que criam seus filhos, e não parem mais que um; o interior desse peixe, e intestinos são propriamente como de boi, com fígados, bofes, etc. Na cabeça sobre os olhos junto

dos miolos tem duas pedras de bom tamanho, alvas, e pesadas: são de muita estima, e único remédio para dor de pedra, porque feita em pó e bebida em vinho, ou água, faz deitar a pedra, como aconteceu que dando-a a uma pessoa, deixando outras muitas experiências, antes de uma hora botou uma pedra como uma amêndoa, e ficou sã, estando dantes para morrer. Os ossos desse peixe são todos maciços e brancos como marfim; faz-se dele muita manteiga, e tiram-lhe duas banhas como de porco; e o mais da manteiga tem no rabo, o qual, sendo de largura de quatro palmos, ou mais, todo se desfaz em manteiga; é muito gostosa, e para cozinhar e frigir peixe, para a candeia serve muito, e também para mezinhas, como a do porco; é branca, e cheirosa; nem tem cheiro de peixe. Esse peixe se toma com arpoejas, acham-se nos rios salgados junto d'água doce: comem uma certa erva que nasce pelas bordas, e dentro dos rios, e onde há essa erva se matam, ou junto de olhos d'água doce, a qual somente bebem; são muito grandes; e alguns pesam dez, e outros quinze quintais, e já se matou peixe que cem homens o não puderam tirar fora d'água, e nela o desfizeram.

Bijupirá — Este peixe bijupirá se parece com solho de Portugal, e assim é cá estimado, e tido por peixe real; é muito sadio, gordo, e de bom gosto; há infinidade deles, e algumas das ovas têm em grosso um palmo de testa. Tomam-se esses peixes no mar alto à linha com anzol; o comprimento será de seis ou sete palmos, o corpo é redondo, preto pelas costas, e branco pela barriga.

Olho-de-boi — Parece-se este peixe com os atuns de Espanha, assim no tamanho como nas feições, assim interiores como exteriores; é muito gordo, tem às vezes entre folha e folha gordura de grossura de um tostão; tiram-se-lhe lombos e ventrechas como aos atuns, e deles se faz muita e boa manteiga, e lhe tiram banhas como a porco; é peixe estimado, e de bom gosto, bem merece o

nome de peixe-boi assim na formosura como grandura; os olhos são propriamente como de boi, e por essa razão tem esse nome.

Camurupique — Este peixe também é um dos reais e estimados nestas partes: a carne é toda de febras em folha, cheia de gordura e manteiga, e de bom gosto; tem muita espinha por todo o corpo e é perigoso ao comer. Tem uma barbatana no lombo que sempre traz levantada para cima, de dois, três palmos de comprimento; é peixe comprido de até doze e treze palmos, e de boa grossura, e tem bem que fazer dois homens em levantar alguns deles; tomam-se com arpões; há muitos, e faz-se deles muita manteiga.

Peixe selvagem — Este peixe selvagem, aqui os índios chamam pirambá. sc., peixe que ronca; a razão é porque onde andam logo se ouvem roncar, são de boa grandura até oito e nove palmos; a carne é de bom gosto, e são estimados; têm na boca duas pedras de largura de uma mão, rijas em grande extremo, com elas partem os búzios de que se sustentam; as pedras estimam os índios, e as trazem ao pescoço como joias.

Há outros muitos peixes de várias espécies que não há em Espanha, e comumente de bom gosto, e sadios. Dos de Portugal também por cá há muitos, sc., tainhas em grande multidão, e tem-se achado que a tainha fresca posta a carne dela em mordedura de cobra é outro unicórnio. Não faltam garoupas, chicharos, pargos, sargos, gorazes, dourados, peixe-agulha, pescada, mas são raros; sardinhas com as de Espanha se acham em alguns tempos no Rio de Janeiro, e mais partes do sul; cibas, e arraias; essas arraias algumas delas têm na boca dois ossos tão rijos que quebram os búzios com eles.

Todo esse peixe é sadio cá nestas partes que se come sobre leite, e sobre carne, e toda uma quaresma, e de ordinário sem azeite nem vinagre, e não causa sarna nem outras enfermidades como na Europa, antes se dá aos enfermos de cama, ainda que tenham, ou estejam muito no cabo.



Baleia — Por esta costa ser cheia de muitas baías, enseadas e esteiros acode grande multidão de baleias a estes recôncavos, principalmente de maio até setembro, em que parem, e criam seus filhos, e também porque acodem ao muito tempo que nestes tempos é nestes remansos; são tantas as vezes que se veem quarenta e cinquenta juntas, querem dizer que elas deitam o âmbar que acham no mar, e de que também se sustentam, e por isso se acha algum nesta costa; outros dizem que o mesmo mar o deita nas praias com as grandes tempestades e comumente se acha depois d'alguma grande. Todos os animais comem desse âmbar, e é necessária grande diligência depois das tempestades para que o não achem comido. É muito perigoso navegar em barcos pequenos por esta costa, porque além de outros perigos as baleias soçobram muitos, se ouvem tanger, assim se alvo-roçam como se foram cavalos quando ouvem tambor, e arremetem como leões, dão muitas à costa, e delas se fazem muito azeite. Têm o toutiço furado, e por ele resfolegam, e juntamente botam grande soma d'água, e assim a espalham pelo ar como se fosse chuva.

Espadarte — Destes peixes há grande multidão, são grandes, e ferozes, porque têm uma tromba como espada, toda cheia de dentes ao redor, muito agudos, tão grandes como de cão, os maiores são de largura de uma mão travessa, ou mais, o comprimento é segundo a grandura do peixe; algumas trombas ou espadas dessas são de oito e dez palmos; com essas trombas fazem cruel guerra às baleias, porque alevantando-a para cima, dando tantas pancadas em elas, e tão amiúde que é coisa de espanto, acodem ao sangue os tubarões, e as chupam de maneira até que morrem, e dessa maneira se acham muitas mortas, em pedaços. Também com essa tromba pescam os peixes de que se sustentam. Os índios usam dessas trombas quando são pequenas para açoitarem os filhos, e lhes meterem medo quando lhes são desobedientes.



Tartaruga — Há nesta costa muitas tartarugas; tomam-se muitas, de que se fazem cofres, caixas de hóstias, copos, etc. Essas tartarugas põem ovos nas praias, e põem logo duzentos e trezentos, são tamanhos como de galinhas, muito alvos, e redondos como pelas; escondem esses ovos debaixo da areia, e como tiram os filhos logo começam de ir para água donde se criam. Os ovos também se comem, têm essa propriedade que ainda se cozam, ou assem sempre a clara fica mole: os intestinos são como de porco, e têm ventas por onde respiram. Tem outra particularidade que pondo-lhe o focinho para a terra logo viram para o mar, nem podem estar doutra maneira. São algumas tão grandes que se fazem das conchas inteiras adargas; e uma se matou nesta costa tão grande que vinte homens a não podiam levantar do chão, nem dar-lhe vento.

Tubarões — Há muitos gêneros de tubarões nesta costa: acham-se nelas seis, ou sete espécies deles; é peixe muito cruel e feroz, e matam a muitas pessoas, principalmente aos que nadam. Os rios estão cheios deles, são tão cruéis que já aconteceu correr um após de um índio que ia numa jangada, e pô-lo em tanto aperto que saltando o moço em terra o tubarão saltou juntamente com ele, e cuidando que o apanhava ficou em seco, onde o mataram. No mar alto onde também há muitos se tomam com laço, e arpões por serem muito gulosos, sôfregos, e amigos de carne, e são tão comilões que se lhes acham na barriga couros, pedaços de pano, camisas e ceroulas que caem aos navegantes; andam de ordinário acompanhados de uns peixes muito galantes, formosos de várias cores que se chamam romeiros; faz-se deles muito azeite, e dos dentes usam os índios em suas flechas por serem muito agudos, cruéis e peçonhentos, e raramente saram das feridas, ou com dificuldade.

Peixe-voador — Estes peixes são de ordinário de um palmo, ou pouco mais de comprimento; têm os olhos muito formosos,

galantes de certas pinturas que lhes dão muita graça, e parecem pedras preciosas; a cabeça também é muito formosa. Têm asas como de morcegos, mas muito prateadas, são muito perseguidos dos outros peixes, e para escaparem voam em bandos como de estorninhos, ou pardais, mas não voam muito alto. Também são bons para comer, e quando voam alegram os mareantes, e muitas vezes caem dentro das naus, e então pelas janelas dos camarotes.

Botos e tuninhas — Destes peixes há grande multidão como em Europa.

Linguados e salmonetes — Também se acham nesta costa salmonetes, mas são raros, e não tão estimados, nem de tão bom gosto como os da Europa; os linguados de cá são raros: têm propriedade que quando se hão de cozer, ou assar os açoitam, e quanto mais açoitam lhes dão tanto mais tesos ficam, e melhores para comer, e se os não açoitam não prestam e ficam moles.

XV – Dos peixes peçonhentos

Assim como nesta terra do Brasil há muitas cobras, e bichos peçonhentos de que se dirá adiante, assim também há muitos peixes muito peçonhentos.

Peixe-sapo, pela língua guamaiacu — É peixe pequeno, de comprimento de um palmo, pintado, tem os olhos formosos; em o tirando d'água ronca muito e trinca muito os anzóis, e em o tirando d'água incha muito. Toda a peçonha tem na pele, e tirando-lha, come-se, porém comendo-se com a pele mata. Aconteceu que um moço comeu um e morreu quase subitamente; disse o pai: hei de comer o peixe que matou meu filho — e comendo dele também morreu logo; é grande mezinha para os ratos, porque os que o comem logo morrem.



Há outro peixe-sapo da própria feição que o atrás, mas tem muitos e cruéis espinhos, como ouriço, ronca e incha tirando-o d'água; a pele também mata, maximé os espinhos, por serem muito venenosos; esfolhado se come, e é bom para câmaras de sangue.

Há outro peixe-sapo que na língua se chama itaoca; tem três quinas no corpo que todo ele parece punhal; é formoso, tem os olhos esbugalhados, e esfolado se come; consiste a peçonha na pele, fígados, tripas e ossos, e qualquer animal que o come logo morre.

Há outro que se chama carapiaçaba, de cor gateado, pardo, preto e amarelo; é bom peixe e dá-se aos doentes; os fígados, e tripas têm tão forte peçonha que a todo animal mata; e por essa causa os naturais em o tirando deitam as tripas e fígado no mar.⁵

Purá — Este peixe se parece com arraia: tem tal virtude que quem quer que o toca logo fica tremendo, e tocando-lhe com algum pau, ou com outra qualquer coisa, logo adormece o que lhe põem, e enquanto lhe tem o pau posto em cima fica o braço com que toma o pau adormecido e adormentado. Tomam-se com redes de pé, e se se tomam com redes de mão todo o corpo faz tremer, e pasmar com a dor, mas morto come-se, e não tem peçonha.

Caramuru — Estes peixes são como as moreias de Portugal, de comprimento de dez e quinze palmos; são muito gordos, e assados sabem a leitão; estes têm estranha dentadura, e há muitos homens aleijados de suas mordeduras, de lhe apodrecerem as mãos ou pernas onde foram mordidos; têm por todo o corpo muitos espinhos, e dizem os naturais que têm ajuntamento com as cobras, porque os acham muitas vezes com elas enroscados, e nas praias esperando as ditas moreias.

Amoreati — Este peixe se parece com o peixe-sapo; está cheio de espinhos, e mete-se debaixo da areia nas praias, e pica por

5 Em *Purchas his Pilgrimes não vem esse parágrafo.*

debaixo o pé ou mão que lhes toca, e não tem outra cura senão fogo.

Guamaiacucuru — Estes peixes são redondos, e do tamanho dos bugalhos de Espanha, e são muito peçonhentos. O corpo têm cheio de verrugas, e por isso se chama *curúb*, sc. na língua verruga.

Terepomonga — É uma cobra que anda no mar; o seu modo de viver é deixar-se estar muito queda e qualquer coisa viva que lhe toca nela tão fortemente apegada que de nenhuma maneira se pode bulir, e desta maneira come, e se sustenta; algumas vezes sai fora do mar, e torna-se muito pequena, e tanto que a tocam, pega, e se vão com a outra mão para desapegarem ficam também pegados por ela, e depois faz-se tão grossa como um bom tirante, e assim leva a pessoa para o mar e a come; e por pegar muito se chama terepomonga, sc., coisa que pega.

Finalmente, há muitas espécies de peixes mui venenosos no salgado que têm veemente peçonha, que de ordinário não escapa quem os come, ou toca.

XVI – Homens marinhos e monstros do mar

Esses homens marinhos se chamam na língua ipupiara; têm-lhe os naturais tão grande medo que só de cuidarem nele morrem muitos, e nenhum que o vê escapa; alguns morreram já, e perguntando-lhes a causa diziam que tinham visto esse monstro; parecem-se com homens propriamente de boa estatura, mas têm os olhos muito encovados. As fêmeas parecem mulheres, têm cabelos compridos, e são formosas; acham-se esses monstros nas barras dos rios doces. Em Jaguaribe sete ou oito léguas da Bahia se tem achado muitos; no ano de oitenta e dois, indo um índio pescar, foi perseguido de um, e acolhendo-se em sua jangada o contou ao senhor; o senhor para animar o índio

quis ir ver o monstro, e estando descuidado por uma mão fora da canoa, pegou dele, e o levou sem mais aparecer, e no mesmo ano morreu outro índio de Francisco Lourenço Caeiro. Em Porto Seguro se veem alguns, e já têm morto alguns índios. O modo que têm em matar é: abraçam-se com a pessoa tão fortemente, beijando-a e apertando-a consigo, que a deixam feita toda em pedaços, ficando inteira, e como a sentem morta dão alguns gemidos como de sentimento, e largando-a fogem; e se levam alguns comem-lhes somente os olhos, narizes e pontas dos dedos dos pés e mão, e as genitálias, e assim os acham de ordinário pelas praias com essas coisas menos.

XVII – Dos mariscos

Polvos — O mar destas partes é muito abundante de polvos; tem esse marisco um capelo, sempre cheio de tinta muito preta; e essa é sua defesa dos peixes maiores, porque, quando vão para os apanhar, botam-lhes aquela tinta diante dos olhos, e faz-se a água muito preta, então se acolhem. Tomam-se à flecha, e assoviam-lhe primeiro; também se tomam com fachos de fogo de noite. Para se comerem os açoitam primeiro, e quanto mais lhe derem então ficam mais moles e gostosos.

Azula — Este marisco é como um canudo de cana; é raro, come-se, e para o baço bebido em pó e em jejum é único remédio.

Águas-mortas — Destas águas-mortas há infinitas nestas partes, e são grandes e são do tamanho de um barrete; têm muita dobras, com que tomam os peixes, que parecem bolsos de tarrafa; não se comem, picando em alguma pessoa causam grandes dores, e fazem chorar, e assim dizia um índio a quem uma mordeu que tinha recebido muitas flechadas, e nunca chorara senão então. Não aparecem senão em águas mortas.

XVIII – Dos caranguejos

Uçá — Uçá é um gênero de caranguejos que se acham na lama, e são infinitos, e o sustentamento de toda esta terra, maximé dos escravos de Guiné, e índios da terra; são muito gostosos, sobre eles é boa água fria. Têm uma particularidade de notar, que quando mudam a casca se metem em suas covas, e aí estão dois, três meses, e perdendo a casca, boca e pernas, saem assim muito moles, e tornam-lhe a nascer como dantes.

Guanhumig — Este gênero de caranguejos são tão grandes que uma perna de um homem lhe cabe na boca; são bons para comer; quando fazem trovões saem de suas covas, e fazem tão grande matizada uns com os outros que já houve pessoas que acudiram com suas armas, parecendo que eram inimigos; se comem uma certa erva quem então os come morre. Estes são da terra, mas vivem em buracos à borda do mar.

Aratu — Estes caranguejos habitam nas tocas das árvores, que estão nos lamarões do mar; quando acham alguma amêijoia têm a boca aberta, buscam logo alguma pedrinha, e sutilmente dão com ela na amêijoia; a amêijoia logo se fecha, e não podendo fechar bem, por causa da pedrinha que tem dentro, eles com suas mãos lhe tiram de dentro o miolo, e o comem.

Há dez ou doze espécies de caranguejos nesta terra, e como tenho dito, são tantos em número, e tão sadios que todos os comem, maximé os índios, etc.

Ostras — As ostras são muitas, algumas delas são muito grandes, e têm o miolo como uma palma da mão; nestas se acham algumas pérolas muito ricas; em outras mais pequenas também se acham pérolas mais finas. Os índios naturais antigamente vinham ao mar às ostras, e tomavam tantas que deixavam serras de cascas, e os miolos levavam de moqué para comerem entre



ano; sobre estas serras pelo decurso do tempo se fizeram grandes arvoredos muito espessos, e altos, e os portugueses descobriram algumas, e cada dia se vão achando outras de novo, e dessas cascas fazem cal, e de um só monte se fez parte do Colégio da Bahia, os paços do governador, e outros muitos edifícios, e ainda não é esgotado: a cal é muito alva, boa para guarnecer, e caiar, se está à chuva faz preta, e para vedar água em tanques não é tão segura, mas para o mais tão boa como a de pedra em Espanha.

Mexilhões — Não faltam mexilhões nesta terra; servem aos naturais e portugueses de colheres, e facas; têm uma cor prateada graciosa, neles se acha algum aljofre. Há um gênero deles pequenos, de que as gaivotas se sustentam, e porque não o podem quebrar têm tal instinto natural que levando-o no bico ao ar o deixam cair tantas vezes no chão até que o quebram.

Berbigões — Os berbigões são gostosos e bons nesta terra, e neles se acham alguns grãos de aljofre, e assim dos berbigões, como dos mexilhões, há grande número de muitas e várias espécies.

Búzios — Os maiores que há se chamam guatapiguaçu, sc., búzio grande; são muito estimados dos naturais, porque deles fazem suas trombetas, jaezes, contas, metaras, e arrecadadas, e luas,⁶ para os meninos, e são entre eles de tanta estima que por um dão uma pessoa das que têm cativas; e os portugueses davam antigamente um cruzado por um; são tão alvos como marfins, e de largo muitos deles têm dois palmos, e um de comprimento.

Piriquaí — Estes se comem também, e das cascas fazem sua contaria, e por tantas braças dão uma pessoa; destes botas as vezes o mar fora serras, coisa muito para ver. De búzios e conchas há muita quantidade nesta terra, muito galantes, e para estimar, e de várias espécies.

6 *Gloues*, em *Purchas his Piligrimes*, vol. IV, p. 1316.



Coral-branco — Acha-se muita pedra de coral-branco debaixo do mar; nasce com as arvorezinhas toda em folhas e canudos, como coral-vermelho da Índia, e se este também o fora, houvera grande riqueza nesta terra pela muita abundância que há dele. É muito alvo, tira-se com dificuldade, e também se faz cal dele.

Lagostins — Há grande quantidade de lagostins, por esta costa estar quase toda cercada de arrecifes, e pedras; também se acham muitos ouriços e outros monstros, pelas concavidades das mesmas pedras...⁷ ou lagostas grandes, como as da Europa, parece que não há por cá.

XIX – Das árvores que se criam n'água salgada

Mangues — Estas árvores se parecem com salgueiros ou sinceiros da Europa, deles há tanta quantidade pelos braços e esteiros que o mar deita pela terra dentro que há léguas de terra todas deste arvoredo, que com as enchentes são regadas do mar; caminhamos logo léguas por estes esteiros e dias inteiros pelos rios onde há esses arvoredos; estão sempre verdes, e são graciosos, e aprazíveis, e de muitas espécies; a madeira é boa para queimar, e para emadeirar casas; é muito pesada, e rija como ferro: da casca se faz tinta, e serve de casca para curtir couros; são de muitas espécies: um certo gênero deles deita uns gomos de cima de comprimento às vezes de uma lança até chegar à água, e logo deitam muitas trempes, e raízes na terra, e todas essas árvores estão encadeadas e feitas em trempes, e assim as raízes, e estes ramos tudo fica preso na terra; enquanto são verdes esses gomos são tenros, e porque são vãos por dentro se

⁷ Em *Purches his piligrimes*, vol. IV, p. 1316, está: "... and Others Monsters found in the Concavities of the Rockes, great *Cravesses* or *Crabbes* like those of Europe..."

fazem deles boas flautas. Nesses mangues há um certo gênero de mosquitos que se chamam mariguís, tamaninos como pio-lho de galinha: mordem de tal maneira e deixam tal prurido, ardor e comichão que não há valer-se uma pessoa, porque até os vestidos passam, e é boa penitência e mortificação sofrê-los uma madrugada, ou uma noite; para se defenderem deles não há remédio senão untar-se de lama, ou fazer grande fogo, e fumaça.

Nestes mangues se criam muitos caranguejos, e ostras, e ratos, e há um gênero desses ratos coisa monstruosa, todo o dia dormem e vigiam de noite.

Nestes mangues criam os papagaios que são tantos em número, e gritam de tal maneira, que parece gralheado de pardais, ou gralhas.

Nas praias se acha muito perrexil, tão bom e melhor que de Portugal, que também se faz conserva.

XX – Dos pássaros que se sustentam, e acham n'água salgada

Guigratinga — Este pássaro é branco, do tamanho dos grou de Portugal, são em extremo alvos, os pés têm muito compridos, o bico muito cruel, e agudo, e muito formoso por ser de um amarelo fino; as pernas também são compridas entre vermelhas e amarelas. No pescoço têm os melhores penachos e finos que buscar se pode, e parecem-se com os das emas africanas.

Caripirá — Por outra nome se chama — rabifurcado; esses pássaros são muitos; chama-se rabifurcado por ter o rabo partido pelo meio; das penas fazem muito caso os índios para empenaduras das flechas, e dizem que duram muito; em algum tempo estão muito gordos, as enxúndias são boas para corrimentos; costumam esses pássaros trazer novas dos navios à terra, e são tão certos nisso que

raramente faltam, porque como se veem de ordinário daí a dois ou três dias chegam os navios.

Guacá — Este pássaro é a própria gaivota de Portugal; seu comer ordinário são amêndoas, e porque são duras, e as não podem quebrar, levam-nas no bico ao ar, e deixando-as cair muitas vezes as quebram e comem. Dessas gaivotas há infinidade de espécies que coalham as árvores e praias.

Guigrateutéu — Esta ave se chama em português tinhosa — chama-se guigrateutéu, sc. pássaro que tem acidentes de morte, e que morre e torna a viver, como quem tem gota coral, e são tão grandes esses acidentes que muitas vezes os acham os índios pelas praias, os tomam nas mãos, e cuidando que de todo estão mortos os botam por aí, e eles em caindo se levantam e se vão embora; são brancos e formosos, e desses há outras espécies que têm os mesmos acidentes.

Calcamar — Estes pássaros são pardos do tamanho de rolas, ou pombas; dizem os índios naturais que põem os ovos, e aí os tiram, e criam seus filhos; não voam, mas com as asas e pés nadam sobre o mar ligeiramente, e adivinham muito calmarias e chuviros, e são tantos nas calmarias ao longo dos navios que se não podem os marinheiros valer e são a própria morfina e melancolia.

Aiaiá — Estes pássaros são do tamanho de pegas, mais brancos que vermelhos, têm cor graciosa de um branco espargido de vermelho, o bico comprido, e parece uma colher; para tomar o peixe tem este artifício: bate com o pé na água, e tendo o pescoço estendido espera o peixe e o toma, e por isso dizem os índios que tem saber humano.

Saracura — Este pássaro é pequeno, pardo, tem os olhos formosos com um círculo vermelho muito gracioso; tem um cantar estranho, porque quem o ouve cuida ser de um pássaro muito grande, sendo ele pequeno, porque canta com a boca e juntamente



com a traseira faz outro tom sonoro, rijo, e forte, ainda que pouco cheiroso, que é para espantar; faz essa música suave duas horas ante manhã, e à tarde até se acabar o crepúsculo vespertino, e quando canta de ordinário adivinha bom tempo.

Guará— Este pássaro é do tamanho de uma pega, tem o bico muito comprido com a ponta revolta, e os pés de comprimento de um grande palmo; quando nasce é preto, e depois se faz pardo; quando já voa faz-se todo branco mais que uma pomba, depois faz-se vermelho claro, *et tandem* torna-se vermelho mais que a mesma grã, e nessa cor permanece até à morte; são muitos em quantidade, mas não têm mais que essa espécie; criam-se bem em casa, o seu comer é peixe, carne, e outras coisas, e sempre hão de ter o comer dentro n'água; a pena destes é muito estimada dos índios, e delas fazem diademas, franjas, com que cobrem as espadas com que matam; e fazem braceletes que trazem nos braços e põem-nas nos cabelos como botões de rosas, e estas suas joias e cadeias dourado com que se ornaram em suas festas, e estimam-nas tanto que, com serem muito amigos de comerem carne humana, dão muitas vezes os contrários que têm para comer em troca das ditas penas: andam em bando esses pássaros, e se lhe dá o sol nas praias, ou indo pelo ar é coisa formosa de ver.

Há outros muitos pássaros que do mar se sustentam, como garças, gaviões, e certo gênero de águias, e outros muitos que seria largo contar.

XXI – Dos rios d'água doce, e coisas que neles há

Os rios caudais de que esta província é regada são inumeráveis, e alguns mui grandes, e mui formosas barras, não falando nas ribeiras, ribeiros e fontes de que toda a terra é muito abundante, e são as águas de ordinário mui formosas, claras e salutíferas, e

abundantes de infinidade de peixes de várias espécies, dos quais há muitos de notável grandura e de muito preço, e mui salutíferos, e dão-se aos doentes por medicina. Esses peixes pescam os índios com redes, mas o ordinário é a linha com anzol. Entre esses há um peixe real de bom gosto e sabor que se parece muito com o solho de Espanha; este se chama — jaú — são de quatorze, e quinze palmos, e às vezes maiores, e muito gordos, e deles se faz manteiga. Em alguns tempos são tantos os peixes que engordam os porcos com eles. Nos regatos pequenos há muitos camarões, e alguns de palmo e mais de comprimento, e de muito bom gosto e sabor.

XXII – Das cobras d’água doce

Sucurijuba — Esta cobra é a maior, ou das maiores que há no Brasil, assim na grandeza como na formosura; tomam-se algumas de vinte e cinco pés, e de trinta em comprido, e quatro palmos em roda. Tem uma cadeia pelo lombo de notável pintura e formosa, que começa da cabeça e acaba na cauda; tem dentes como cão, e aferra em uma pessoa, vaca, veado, ou porco, e dando-lhes algumas voltas com a cauda engole a tal cauda inteira, e depois que assim a tem na barriga deixa-se apodrecer, e os corvos a comem toda de modo que não ficam senão os ossos, e depois torna a criar carne nova, e ressurgir como dantes era, e a razão dizem os índios naturais é porque no tempo que apodrece tem a cabeça debaixo da lama, e porque tem ainda em o toutiço tornam a viver: e porque já se sabe isso quando as acham podres lhes buscam a cabeça, e as matam. O modo de se sustentarem é esperarem os animais, ou gente estendidas pelo caminhos, e em perpassando se enviam a eles, e os matam, e comem; depois de fartas dormem de tal modo que às vezes lhes cortam o rabo

duas, três postas sem acordarem, como aconteceu que depois de cortarem duas postas a uma destas ao dia seguinte a acharam morta com dois porcos-monteses na barriga, e seria de cinquenta palmos.

Manima — Esta cobra anda sempre n'água, é ainda maior que a sobredita, e muito pintada, e de suas pinturas tomaram os gentios deste Brasil pintarem-se; tem-se por bem-aventurado o índio a quem ela se mostra, dizendo que há de viver muito tempo, pois a manima se lhe mostrou...⁸

XXIII – Dos lagartos d'água

Jacaré — Estes lagartos são de notável grandura, e alguns há tão grandes como cães; têm o focinho como de cão muito comprido, e assim têm os dentes. Têm por todo o corpo umas lâminas como cavalo armado, e quando se armam não há flecha que os passe; são muito pintados de várias cores; não fazem mal à gente, mas antes os tomam com laços facilmente, e alguns se tomaram de doze, quinze palmos, e os estimam muito, e os têm por estado os índios como rembabas, sc. cães, ou outra coisa de estado; andam n'água, e na terra põem ovos tão grandes como de patas, e tão rijos que dando uns nos outros tinem como ferro; onde estes andam logo são sentidos pelos grandes gritos que dão; a carne destes cheira muito, máxime os testículos, que parecem almíscar, e são de estima: o esterco tem algumas virtudes, em especial é bom para belidas.⁹

⁸ Ao ms. falta o seguimento, que vem em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, p. 1.318: “Many others kinds of Snakes there be in the Rivers of fresh water, which I leave for brevitie sake and because there is nothing in particular that can be said of them.”

⁹ Em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, p. 1.318, *lelidas*; deve ser *belidas*, manchas na córnea do olho.

XXIV – Dos lobos d’água

Jaguaruçu — Este animal é maior que nenhum boi; tem dentes de grande palmo, andam dentro e fora d’água, e matam gente; são raros, alguns deles se acham no Rio de São Francisco, e no Paraguaçu.

Atacape — Estes lobos são mais pequenos, mas muito mais daninhos, porque saem d’água a esperar a gente, e por serem muito ligeiros matam algumas pessoas, e as comem.

Panapopeba — Estas são as verdadeiras lontras de Portugal. Há outro animal pequeno do tamanho de doninha, chama-se sarigueibeju — este tem ricas peles para forros; e desses animais d’água há outras muitas espécies, alguns não fazem mal, outros são muito ferozes.

Baeapina — Estes são certo gênero de homens marinhos do tamanho de meninos, porque nenhuma diferença têm deles; destes há muitos, não fazem mal.

Capijuara — Destes porcos-d’água há muitos e são do mesmo tamanho dos porcos, mas diferem nas feições; no céu da boca têm pedra muito grossa que lhes serve de dentes queixais. Esta tem os índios por joia para os filhos e filhas: não têm rabo, andam muito tempo debaixo d’água, porém habitam na terra, e nela criam seus filhos; seu comer é erva e frutas que ao longo dos rios acham.

Itã — Há nos rios d’água doce muitos gêneros de conchas grandes e pequenas; algumas são tão grandes como boas cuias, e servem de fazer a farinha com elas; outras são pequenas, e servem de colheres: todas elas são compridas, e de uma cor prateada; nelas se acham algumas pérolas.

Cágados — Nos rios se acham muitos cágados, e são tantos em número que os tapuias engordam em certos tempos somente para os ovos, e andam a eles como a maravilhoso mantimento.



Guararigeigue— Não faltam rãs nos rios, fontes, charcos, lagoas; e são de muitas espécies, principalmente esta — guararigeigue; é coisa espantosa o medo que dela têm os índios naturais, porque só de a ouvirem morrem, e por mais que lhes preguem não têm outro remédio senão deixar-se morrer, tão grande é a imaginação, e apreensão que tomam de a ouvir cantar; e qualquer índio que a ouve morre, porque dizem que deita de si um resplendor como relâmpago.

Todos estes rios caudais são de tão grandes e espessos arvoredos que se navegam muitas léguas por eles sem se ver terra de uma parte nem da outra; por eles há muitas coisas que contar, que deixo por brevidade.

XXV – Dos animais, árvores, ervas que vieram de Portugal e se dão no Brasil

Este Brasil é já outro Portugal, e não falando no clima que é muito mais temperado, e sadio, sem calmas grandes, nem frios, e donde os homens vivem muito com poucas doenças, como de cólica, fígado, cabeça, peitos, sarna, nem outras enfermidades de Portugal; nem falando do mar que tem muito pescado, e sadio; nem das coisas da terra que Deus cá deu a esta nação; nem das outras comodidades muitas que os homens têm para viverem, e passarem a vida, ainda que as comodidades das casas não são muitas por serem as mais delas de taipa, e palha, ainda que já se vão fazendo edifícios de pedra e cal, e telha; nem as comodidades para o vestido não são muitas, por a terra não dar outro pano mais que de algodão. E nesta parte padecem muito os da terra, principalmente do Rio de Janeiro até São Vicente, por falta de navios que tragam mercadorias e panos; porém as mais capitânias são servidas de todo gênero de panos e sedas, e andam os homens bem-vestidos,



e rasgam muitas sedas e veludos. Porém está já Portugal, como dizia, pelas muitas comodidades que de lá lhe vêm.

Cavalos — Nesta província se dá bem a criação dos cavalos e há já muita abundância deles, e formosos ginetes de grande preço que valem duzentos e trezentos cruzados e mais, e já há correr de patos, de argolinhas, canas, e outros torneios, e escaramuças, e daqui começam prover Angola de cavalos, de que lá tem.

Vacas — Ainda que esta terra tem os pastos fracos; e em Porto Seguro há uma erva que mata as vacas em a comendo, todavia há já grande quantidade delas e todo o Brasil está cheio de grandes currais, e há homem que tem quinhentas ou mil cabeças; e principalmente nos campos de Piratininga, por ter bons pastos, e que se parecem com os de Portugal, é uma formosura ver a grande criação que há.

Porcos — Os porcos se dão cá bem, e começa de haver grande abundância; é cá a melhor carne de todas, ainda que de galinha, e se dá aos doentes, e é muito bom gosto.

Ovelhas — Até o Rio de Janeiro se acham já muitas ovelhas, e carneiros, e engordam tanto que muitos arrebentam de gordos, nem é cá tão boa carne como em Portugal.

Cabras — As cabras ainda são poucas, porém dão-se bem na terra, e vão multiplicando muito, e cedo haverá grande multidão.

Galinhas — As galinhas são infinitas, e maiores que no Reino, e pela terra ser temperada se criam bem, e os índios as estimam, e as criam por dentro do sertão trezentas e quatrocentas léguas; não é cá a carne delas tão gostosa como no Reino.

Perus — As galinhas de Peru se dão bem nesta terra, e há grande abundância, e não há convite onde não entrem.

Adens — As gansas se dão bem, e há grande abundância; também há outro gênero delas cá mesmo desta terra: são muito maiores, e formosas.



Cães — Os cães têm multiplicado muito nesta terra, e há-os de muitas castas; são cá estimados assim entre os portugueses que os trouxeram, como entre os índios que os estimam mais que quantas coisas têm pelos ajudarem na caça, e serem animais domésticos, e assim os trazem as mulheres às costas de uma parte para outra, e os criam como filhos, e lhes dão de mamar ao peito.

Árvores — As árvores de espinhos, como laranjeiras, cidreiras, limoeiros, limeiras de várias sortes, se dão também nesta terra que quase todo o ano tem fruto, e há grandes laranjeiras, cidrais, até se darem pelos matos, e é tanta a abundância dessas coisas que delas se não faz caso. Têm grandes contrários nas formigas, e com tudo isso há muita abundância sem nunca serem regadas, e como não falta açúcar se fazem infinitas conservas, sc. cidrada, limões, florada, etc.

Figueiras — As figueiras se dão cá bem, e há muitas castas, como beboras, figos negrais, berjaçotes e outras muitas castas: e até o Rio de Janeiro que são terras mais sobre quente dão duas camadas no ano.

Marmeleiros — No Rio de Janeiro, e São Vicente, e no campo de Piratininga se dão muitos marmelos, e dão quatro camadas uma após outra, e há homem que em poucos marmeleiros colhe dez, e doze mil marmelos, e aqui se fazem muitas marmeladas, e cedo se escusaram as da Ilha da Madeira.

Parreiras — Há muitas castas d'uvas como ferrais, boais, bastarda, verdelho, galego e outras muitas, até o Rio de Janeiro tem todo o ano uvas se as querem ter, porque se as podam cada mês, cada mês vão dando uvas sucessivas. No Rio de Janeiro, e maximé em Piratininga, se dão vinhas, e carregam de maneira que se vêm ao chão com elas, não dão mais que uma novidade, já começam de fazer vinhos, ainda que têm trabalho em o conservar, porque

em madeira fura-lha a broca logo, e talhas de barro, não nas têm; porém buscam seus remédios, e vão continuando, e cedo haverá muitos vinhos.

Ervas — No Rio de Janeiro, e Piratininga há muitas roseiras, somente de Alexandria, destilam muitas águas, e fazem muito açúcar rosado para purgas, e para não purgar, porque não têm das outras rosas, cozem as de Alexandria n'água, e botando-lha fora fazem açúcar rosado muito bom com que não purgam.

Legumes — Melões não faltam em muitas capitânias, e são bons e finos; muitas abóboras que fazem também conserva, muitas alfaces, de que também a fazem couves, pepinos, rabões, nabos, mostarda, hortelã, coentros, endros, funchos, ervilhas, gergelim, cebolas, alhos, borragens, e outros legumes que do Reino se trouxeram, que se dão bem na terra.

Trigo — No Rio de Janeiro e Campo de Piratininga se dá bem trigo, não no usam por não terem atafonas nem moinhos, e também têm trabalho em o colher, porque pelas muitas águas, e viço da terra não vem todo junto, e multiplica tanto que um grão deita setenta, e oitenta espigas, e umas maduras vão nascendo outras e multiplica quase *infinitum*. De menos de uma quarta de cevada que um homem semeou no Campo de Piratininga, colheu sessenta e tantos alqueires, e se os homens se dessem a esta granjeria, seria a terra muito rica e farta.

Ervas cheirosas — Há muitos manjeriões, cravos amarelos, e vermelhos se dão bem em Piratininga, e outras ervas cheirosas, como cebola-cecém, etc.

Sobretudo tem este Brasil uma grande comodidade para os homens viverem que não se dão nela percevejos, nem piolhos, e pulgas há poucas, porém, entre os índios, e negros da Guiné acham piolhos; porém, não faltam baratas, traças, vespeiras, moscas, e mosquitos de tantas castas, e tão cruéis,

e peçonhentos, que mordendo em uma pessoa fica a mão inchada por três ou quatro dias maximé aos reinóis, que trazem o sangue fresco, e mimoso do pão e vinho, e mantimentos de Portugal.

II
DO PRINCÍPIO E ORIGEM
DOS ÍNDIOS DO BRASIL
E DE SEUS COSTUMES,
ADORAÇÃO E CERIMÔNIAS

(1ª edição de 1881)

O pequeno tratado sobre os índios que agora publicamos ainda não foi impresso em português. Poucas pessoas examinaram-no em Évora, onde está o manuscrito original, e estas não julgaram, ao que parece, digno de ser posto em circulação.

Os ingleses não pensaram do mesmo modo: desde 1625 está ele traduzido em sua língua e faz parte da curiosa e raríssima coleção de Purchas. Foi aí que o lemos pela primeira vez e reconhecemos o seu interesse e seu valor.

Desde então fizemos o projeto de passá-lo novamente a nossa língua, e de dá-lo à luz quando nos fosse possível. Duas circunstâncias felizes facilitaram a realização desse plano. A primeira foi encontrar cópia tirada do original, que assim dava não só a essência como a forma do escrito e nos livrava da tradução, isto é, da *traição*. A segunda foi a comissão que nos confiou o Dr. Ferreira de Araújo de publicar à sua custa um trabalho qualquer, que mostrasse a sua simpatia pela Exposição de História e Geografia do Brasil, organizada pela Biblioteca Nacional.

Este tratado dos índios do Brasil suscita algumas questões que fora conveniente discutir. Passaremos, porém, por todas elas para nos ocuparmos unicamente de uma: quem é o seu autor?

O manuscrito da Biblioteca de Évora em nada nos esclarece a esse respeito, porque é anônimo. As poucas palavras com que Purchas acompanha a tradução pouco nos adiantam. Ele atribui o opúsculo



ao irmão Manuel Tristão, enfermeiro do Colégio dos Jesuítas da Bahia, fundando-se na circunstância do livro trazer no fim algumas receitas medicinais, e ter em uma parte escrito o seu nome. Ora, essa opinião é insustentável. O fato de um ms. trazer um nome qualquer, sem outra declaração, provará, quando muito, que assim se chama o dono do códice. Acresce que um irmão na Companhia de Jesus era sempre um rapaz que começava, e não tinha nem podia ter a madurez de espírito e os conhecimentos que aqui se revelam a cada passo — ou homem feito que, apesar de inapto para a carreira das letras, possuía outras qualidades que poderiam ser úteis à poderosa Companhia de Jesus. Provavelmente era este o caso do enfermeiro... Quanto às receitas por si nada provam: quando muito mostraram que foram ensinadas pelo enfermeiro.

Essas dúvidas quanto à afirmação de Purchas sobre quem era o autor do livro — afirmação aliás feita em termos pouco positivos — cresceram à medida que conhecemos melhor o opúsculo traduzido por ele. A cada instante encontrávamos frases e locuções familiares; a cada passo nos parecia que já tínhamos lido coisa que se assemelhava ao que estávamos lendo.

O autor de quem nos lembrávamos lendo Purchas era Fernão Cardim. E então veio-nos ao espírito uma interrogação: quem sabe se em vez de Manuel Tristão não será Fernão Cardim o autor deste opúsculo?

Para chegar a uma solução as provas intrínsecas eram sem dúvida valiosas, porém não bastavam: era preciso recorrer antes às provas intrínsecas.

Felizmente estas não faltavam.

I. Diz Purchas que o ms. que reproduz foi tomado em 1601 por Francis Cook a um jesuíta que ia para o Brasil. Ora, exatamente nesse ano, como se pode ver na *Synopsis* de Franco, o Padre Fernão Cardim, que voltava para o Brasil da viagem a Roma, foi aprisionado por corsários ingleses e conduzido para Inglaterra.

II. Pela página 195 deste opúsculo se vê que ele foi escrito em 1584. Ora, nesse tempo estava Fernão Cardim no Brasil, onde, como se vê na *Narrativa epistolar* (p. 252), ele chegou a 9 de maio de 1583, em companhia do Padre Cristóvão de Gouveia e de Manuel Teles Barreto, que vinha por governador-geral.

Essas duas coincidências davam um fundamento sólido à hipótese; mas para torná-la certa devia se recorrer às provas intrínsecas — à comparação dos estilos, ao cotejo das opiniões, etc. No caso presente essas provas têm valor — porque, se o opúsculo aqui publicado é de 1584, a primeira parte da *Narrativa epistolar* é de 16 de outubro de 1585. Escrevendo em dois períodos tão próximos um do outro, é natural que, se o opúsculo sobre os índios é da mesma pena que a *Narrativa epistolar*, não só haja conformidade de ideias como também de forma.

Vamos tratar dessas provas, mas antes de fazê-lo é necessária uma observação. Purchas reúne sob o título genérico de *Treatise of Brasil*, dois trabalhos que se completam e são do mesmo autor. Um é o dos índios que agora publicamos; outro é das árvores, peixes, etc., que, embora interessante, não quisemos incorporar a este por dois motivos: o primeiro é que na mente do autor eles eram independentes, como se prova pelo fato de no ms. de Évora eles estarem separados; o segundo é que da segunda parte já começou a publicação o Dr. Fernando Mendes na revista mensal da Sociedade de Geografia.

Todavia, aqui faremos os cotejos tanto da primeira parte como da segunda, de que o Dr. Fernando Mendes obsequiosamente nos comunicou a cópia que possui.

Em cada oca destas há sempre um principal, a que tem alguma maneira de obrar... Este o exorta a fazerem suas roças e mais serviços, etc., excita-os à guerra; e lhe tem em tudo respeito; faz-lhe estas exortações por modo de pregação, começa de madrugada



deitado na rede por espaço de meia hora, em amanhecendo se levanta, e corre toda a aldeia, continua sua pregação, a qual faz em voz alta, mui pausada, repetindo muitas vezes as palavras. (Narrativa epistolar, p. 272)

... pelas madrugadas há um principal em suasocas, que, deitado na rede por espaço de meia hora, lhes prega e admoesta que vão trabalhar, como faziam seus antepassados, e distribui-lhes o tempo, e depois de levantado continua a pregação, correndo a povoação toda. (Índios, p. 146-147)

A semelhança no seguinte trecho não é menos incontestável:

... Dentro nelas vivem logo cento ou duzentas pessoas, cada casal em seu rancho, sem repartimento nenhum, e moram d'uma parte e outra, ficando grande largura pelo meio e todos ficam como em comunidade, e entrando-se na casa se vê quanto nela está, porque estão todos à vista uns dos outros, sem repartimento nem divisão; e como a gente é muita, costumam ter fogo dia e noite, verão e inverno, porque o fogo é sua roupa e eles são mui coitados sem fogo; parece a casa um inferno ou labirinto; uns cantam, outros choram, outros comem, outros fazem farinha e vinhos, etc., e toda a casa arde em fogos. (Narrativa, p. 271).

Nesta casa mora um principal ou mais, a que todos obedecem e são, de ordinário, parentes; e em cada lanço destes pousa um casal com seus filhos e família, sem haver repartimento entre uns e outros, e entrar em uma destas é ver um labirinto, porque cada lanço tem seu fogo e suas redes armadas e alfaias de modo que entrando nela se vê tudo quanto tem; e casa há que tem duzentas e mais pessoas. (Índios, p. 149).

Compare-se mais o seguinte:



Os pais não têm coisa que mais amem que os filhos, e quem a seus filhos faz algum bem tem dos pais quanto quer; as mães os trazem em uns pedaços de redes, a que chamam tipoia, de ordinário os trazem às costas ou na ilharga escarranchados, e com eles andam por onde quer que vão, com eles às costas trabalham por calmas, chuvas e frio; nenhum gênero de castigo têm para os filhos. (Narrativa, p. 274)

Amam os filhos extraordinariamente, e trazem-nos metidos nuns pedaços de rede que chamam tipoia e os levam às roças e a todo gênero de serviço, às costas, por frios e calmas, e trazem-nos como ciganos, escarranchados no quadril, e não lhes dão nenhum gênero de castigo. (Índios, p. 150)

Compare-se mais:

É coisa não somente nova, mas de grande espanto, ver o modo que têm em agasalhar os hóspedes, os quais agasalham chorando por um modo estranho, e a coisa passa desta maneira: entrando-lhe algum amigo, parente ou parenta pela porta, se é homem logo se vai deitar em sua rede sem falar palavra, as parentas também sem falar o cercam, deitando-lhes os cabelos soltos, e os braços ao pescoço, lhe tocam com a mão em alguma parte do seu corpo, como joelho, ombro, pescoço, etc., estando deste modo, tendo-no meio cercado, começam de lhe fazer a festa, que é a maior e de maior honra que lhe podem fazer; choram todos com lágrimas a seus pés, correndo-lhe em fio, como se lhe morrera o marido, pai ou mãe: e juntamente dizem em trova de repente todos os trabalhos que no caminho poderia padecer tal hóspede, e o que eles padeceram em sua ausência... Acabada a festa e recebimento, limpam as lágrimas com as mãos e esbeltos, ficando tão alegres e serenas como que se nunca choraram, e depois se saúdam com o seu Ereiupe e comem, etc. (Narrativa, p. 273-274)

Entrando-lhe algum hóspede pela casa, a honra e agasalho que lhe fazem é chorarem-no: entrando, pois, logo o hóspede na casa, o assentam na rede, e depois de assentado, sem lhe falarem, a mulher e filhas e mais amigas se assentam ao redor, com os cabelos baixos, tocando com a mão na mesma pessoa, e começam a chorar em altas vozes, com grande abundância de lágrimas, e ali contam em prosas trovadas quantas coisas têm acontecido desde que se não viram até àquela hora, e outras muitas que imaginam, e trabalhos que o hóspede padeceu pelo caminho, e tudo o mais que pode provocar a lástima e choro. O hóspede neste tempo não fala palavra, mas depois de chorarem por bom espaço de tempo limpam as lágrimas e ficam tão quietas, modestas, serenas e alegres que parece nunca choraram, e logo se saúdam e dão o seu Ereiupe, e lhe trazem de comer, etc.; e depois destas cerimônias contam os hóspedes ao que vêm. (Índios, p. 150-151)

Coteje-se ainda:

Têm muitos jogos, a seu modo, que fazem com muito mais alegria que os meninos portugueses, nesses jogos arremedam vários pássaros, cobras e outros animais, etc., os jogos são mui graciosos e desenfadiços, nem há entre eles desavença, nem queixumes, pelejas, nem se ouvem pulhas, ou nomes ruins e desonestos. (Narrativa, p. 274)

Têm seus jogos, principalmente os meninos, mui vários e graciosos, nos quais arremedam muitos gêneros de pássaros, e com tanta festa e ordem que não há mais que pedir, os meninos são alegres e dados a folgar e folgam com muita quietação e amizade que entre eles não se ouvem nomes ruins, nem pulhas, nem chamarem nomes aos pais e mães, e raramente quando jogam se desconcertam, nem desavêm por causa alguma, e raramente dão uns nos outros e nem pelejam. (Índios, p. 154)

Parece-nos incontestável a identidade fundamental entre os extratos que demos de *Narrativa epistolar* de Fernão Cardim, publicada em 1847, e o tratado dos índios que agora publicamos. Há simplesmente duas diferenças; a *Narrativa* foi dirigida a um amigo e nela o autor deixou seu estilo correr mais livremente, desenvolvendo certos pontos de preferência, referindo-se a objetos conhecidos pelo seu leitor; no opúsculo sobre os índios ele é mais conciso. Além disso a *Narrativa* trata dos índios, apenas como acidente da viagem, como adorno da paisagem; no *Tratado*, os índios são o objeto principal, e assim os esclarecimentos são mais condensados e encadeados uns aos outros.

Vamos dar mais dois excertos da segunda parte que o Dr. F. Mendes começou a publicar na *Revista da Sociedade Geográfica*. Servir-nos-emos do seu ms., porém, como ainda não está todo publicado, daremos as páginas pelo IV volume de *Purchas*, onde a primeira e a segunda parte estão impressas, como já fica dito.

O primeiro é sobre o caju:

Comemos debaixo de um cajueiro muito fresco, carregado de acajus, que são como peros repinaldos ou camoeses, são uns amarelos, outros vermelhos, têm sua castanha no olho, que nasce primeiro que o pero, na qual procede o pero; é fruta gostosa, boa para o tempo de calma, e toda se desfaz em sumo, o qual põe nódoas em roupa de linho ou algodão que nunca se tira.

Das castanhas se fazem maçapães e outras coisas doces, como de amêndoas: as castanhas são melhores que as de Portugal, a árvore é fresca, parece-se com os castanheiros, perde a folha de todo. (Narrativa epistolar, p. 275)

Estas árvores são muito grandes formosas, perdem a folha em seu tempo, e a flor se dá em os cachos que fazem umas pontas como dedos, e nas ditas pontas nasce uma flor vermelha de bom cheiro,

e após ela nasce uma castanha, e da castanha nasce um pomo do tamanho de um repinaldo ou maçã camonesa; é fruta muito formosa, e são alguns amarelos, outros vermelhos, e tudo é sumo: são bons para a calma, refrescam muito, e o sumo põe nódoa em pano branco que se não tira senão quando se acaba. A castanha é tão boa ou melhor que a de Portugal, comem-se assadas e cruas, deitadas em água como amêndoas piladas delas fazem maçapães e bocados doces. (Purchas, IV, p. 1306)

O segundo é sobre a mangaba:

Caminhamos toda tarde por uns mangabais que se parecem alguma coisa com maceiras de anáfega, dão umas mangabas amarelas, do tamanho e feição de alborque, com muitas pintas pardas que lhes dão muita graça; não têm caroço, mas umas pevides mui brandas que também se comem, a fruta é de maravilhoso gosto, tão leve e sadia que, por mais que uma pessoa coma, não há fartar-se, sorvem-se como sorvas, não amadurecem na árvore; mas caindo amadurecem no chão ou pondo-as em madureiros; dão no ano duas camadas, a primeira se diz do botão e da flor, mas o mesmo botão é a fruta. Estas são as melhores, e maiores, e vêm pelo Natal, a segunda camada é de flor alva como neve, da própria maneira que a de jasmim, assim na feição, tamanho e cheiro. (Narrativa, p. 276)

Destas árvores há grande cópia, maximé na Bahia, porque nas outras partes são raras; na feição se parecem com maceira de anáfega e na folha com a de freixo; são árvores graciosas e sempre têm folhas verdes. Dão duas vezes por ano, a primeira de botão, porque não deitam então flor, mas o mesmo botão é a fruta; acabada esta camada que dura dois ou três meses, dá outra, tornando primeiro flor, a qual é toda como de jasmim, e de tão bom cheiro, mas mais esperto a fruta é do tamanho de abricós, amarelos e

salpicada de algumas pintas pretas, dentro tem algumas pevides, mas tudo se come ou sorve como sorvas de Portugal; são de muito bom gosto, sadias e tão leves que por mais que comam, parece que não comem fruta; não amadurecem na árvore, mas caem no chão e daí as apanham já maduras, ou colhendo-as verdes as põem em madureiros. (Purchas, IV, p. 1307)

A esses trechos poderíamos juntar muitos outros. Poderíamos mostrar que na segunda parte do *Tratado* o autor diz que *viajava* durante léguas e léguas de mangue, o que está de acordo com a *Narrativa epistolar*; que ainda na segunda parte do *Tratado* ele se refere a bichinhos que atacam de preferência aos europeus chegados de fresco, o que está de acordo com a *Narrativa*, p. 298, onde se lê que o Padre Cristóvão de Gouveia ficou cheio de postemas em consequência das mordeduras de carrapatos que sofreu em Pernambuco. Não o fazemos porque uma demonstração mais longa é dispensável. A melhor demonstração só o leitor pode fazer, comparando a encantadora *Narrativa* com este opúsculo, que por nossa parte não achamos menos encantador e aprazível. Passaremos, pois, a dar conta do nosso trabalho de editor.

Desde que tomamos a responsabilidade desta publicação, entendemos de nosso dever precedê-la da biografia do autor. Para esse fim tomamos copiosas notas de Jarric, Vieira, Simão de Vasconcelos, Sebastião de Abreu e Franco. Infelizmente essas notas são insuficientes e deixam sem o mínimo esclarecimento anos e anos de vida de Fernão Cardim. À vista disso resolvemos adiar para mais tarde essa empresa que a antiga simpatia que lhe votamos e o muito que temos aprendido em seus livros converteram em obrigação, ao mesmo tempo indeclinável e deliciosa.

Antes de terminar: adotamos em volume a ortografia moderna, em parte levado pelo exemplo de Varnhagen, em parte pelas muitas irregularidades de cópia, feita por pessoa de muito poucas

habilitações. Juntamos algumas variantes de Purchas, algumas das quais não deixam de ter importância e que são preciosas, principalmente nas palavras abanheengas, que muitas vezes reproduzem menos deturpadas.

Circunstâncias que não vêm ao caso mencionar impediram que este opúsculo visse a luz no tempo da Exposição de História e Geografia do Brasil. Daí não resultou inconveniente, pois a Exposição de História não foi menos brilhante, nem menos assinalados foram os serviços prestados pelo *Catálogo* destinado a perpetuar a sua lembrança.

E se inconveniente houve, ressarciu-o completamente o fato de essa demora permitir que o presente livro fosse anotado pelo Dr. Batista Caetano de Almeida Nogueira.

Durante uma vida laboriosa, o Dr. Batista Caetano tem feito das línguas brasílicas o seu estudo predileto. Foi ele quem primeiro nos deu uma gramática e um dicionário da língua abanheenga, feito pelos processos modernos. A linguística comparativa dará um passo agigantado em nosso continente, se ele puder, como pretende, publicar o seu *Panlexicon*, em que trabalha vai para trinta anos.

As notas do Dr. Batista Caetano são especialmente etimológicas, porém não o são exclusivamente. Muitas vezes, levado pelo assunto, expôs de passagem as suas ideias sobre as migrações sul-americanas, e sobre as relações que ligam uma às outras tribos.

A sua importância é, portanto, patente.

E agora só resta dizer ao leitor o *tolle et lege* do costume; e pedir ao amigo ausente desculpa por não ter realizado a empresa que nos incumbiu de modo condigno com o elevado sentimento que a inspirou.

J. Capistrano de Abreu
Rio, novembro de 1881

DO PRINCÍPIO E ORIGEM DOS ÍNDIOS DO BRASIL E DE SEUS COSTUMES, ADORAÇÃO E CERIMÔNIAS

Este gentio parece que não tem conhecimento do princípio do Mundo, do dilúvio parece que tem alguma notícia, mas como não tem escrituras, nem caracteres, a tal notícia é escura e confusa; porque dizem que as águas afogaram e mataram todos os homens, e que somente um escapou em riba de um janipaba, com uma sua irmã que estava prenhe, e que esses dois têm seu princípio, e que dali começou sua multiplicação.

Do conhecimento que tem do criador

Este gentio não tem conhecimento algum de seu Criador, nem de coisa do Céu, nem se há pena nem glória depois desta vida, e portanto não tem adoração nenhuma nem cerimônias, ou culto divino, mas sabem que têm alma e que esta não morre¹⁰ e depois da morte vão a uns campos onde há muitas figueiras ao longo de um formoso rio, e todas juntas não fazem outra coisa senão bailar; e têm grande medo do demônio, ao qual chamam *Curupira*, *Taguaíba*, *Macachera*,¹¹ *Anhangá*, e é tanto o medo que lhe têm que só de imaginarem nele morrem, como aconteceu já muitas vezes;

10 “And they say that the soules are converted into devils.” (Purchas, IV, 1289-1290).

11 Taguain, Pitanguá (Purchas, ib.) Knivet dá ainda outro nome do diabo, que é *Avasaly* em Purchas e *Avassaty* na tradução portuguesa do Dr. José Higinio Duarte Pereira, na *Revista do Instituto Histórico*, tomo XLI, parte 1^a, p. 230.

não no adoram, nem a alguma outra criatura, nem têm ídolos de nenhuma sorte, somente dizem alguns antigos que em alguns caminhos têm certos postos, onde lhes oferecem algumas coisas pelo medo que têm deles, e por não morrerem. Algumas vezes lhes aparecem os diabos, ainda que raramente, e entre eles há poucos endemoniados.

Usam de alguns feitiços, e feiticeiros, não porque creiam nelles, nem os adorem, mas somente se dão a chupar em suas enfermidades, parecendo-lhes que receberam saúde, mas não por lhes parecer que há neles divindade, e mais o fazem por receber saúde que por outro algum respeito. Entre eles se alevantaram algumas vezes alguns feiticeiros, a que chamam *Caraíba*, Santo ou Santidade, e é de ordinário algum índio de ruim vida: este faz algumas feitiçarias, e coisas estranhas à natureza, como mostrar que ressuscita a algum vivo que se faz morto, e com essa e outras coisas semelhantes traz após si todo o sertão enganando-os dizendo-lhes que não rocem, nem plantem seus legumes, e mantimentos, nem cavem, nem trabalhem, etc., porque com sua vinda é chegado o tempo em que as enxadas por si hão de cavar, e os *panicus*¹² ir às roças e trazer os mantimentos, e com essa falsidade os traz tão embebidos, e encantados, deixando de olhar por suas vidas, e granjear os mantimentos que, morrendo de pura fome, se vão esses ajuntamentos desfazendo pouco a pouco, até que a Santidade fica só, ou a matam.

Não têm nome próprio com que expliquem a Deus, mas dizem que *Tupã* é o que faz os trovões¹³ e relâmpagos, e que este é o que lhes deu as enxadas, e mantimentos, e por não terem outro nome mais próprio e natural chamam a Deus *Tupã*.

12 *Beasts* (Purchas, ib.)

13 "They say Tupan is the thunder and lightning". (Purchas, ib.)

Dos casamentos

Entre eles há casamentos, porém há muita dúvida se são verdadeiros, assim por terem muitas mulheres, como pelas deixarem facilmente por qualquer arrufo, ou outra desgraça, que entre eles aconteça; mas, ou verdadeiros ou não, entre eles se faziam deste modo. Nenhum mancebo se acostumava casar antes de tomar contrário, e perseverava virgem até que o tomasse e matasse correndo-lhe primeiro suas festas por espaço de dois ou três anos; a mulher da mesma maneira não conhecia homem até lhe não vir sua regra, depois da qual lhe faziam grandes festas; ao tempo de lhe entregarem a mulher faziam grandes vinhos, e acabada a festa ficava o casamento perfeito, dando-lhe uma rede lavada,¹⁴ e depois de casados começavam a beber, porque até ali não o consentiam seus pais, ensinando-os que bebessem com tento, e fossem considerados e prudentes em seu falar, para que o vinho lhes não fizesse mal, nem falassem coisas ruins, e então com uma cuia lhe davam os velhos antigos o primeiro vinho, e lhes tinham a mão na cabeça para que não arrevesassem, porque se arrevesava tinham para si que não seriam valentes, e vice-versa.

Do mundo que têm em seu comer e beber

Este gentio come em todo o tempo, de noite e de dia, e a cada hora e momento, e como têm que comer não o guardam muito tempo, mas logo comem tudo o que têm e repartem com seus amigos, de modo que de um peixe que tenham repartem com todos, e têm por grande honra e primor serem liberais, e por isso cobram muita fama e honra, e a pior injúria que lhes podem fazer

¹⁴ “And afhey they were laid, the father tooke e a wedge of stone and did cut upon a post or stake, then they say hee did cut the talles from the grand children and therefore they were borne without them”. (Purchas, ib.)



é terem-nos por escassos, ou chamarem-lho, e quando não têm que comer são muito sofridos com fome e sede.

Não têm dias em que comam carne e peixe; comem todo gênero de carnes, ainda de animais imundos, como cobras, sapos, ratos e outros bichos semelhantes, e também comem todo gênero de frutas, tirando algumas peçonhentas, e sua sustentação é ordinariamente do que dá a terra sem a cultivarem, como caças e frutas; porém têm certo gênero de mantimentos de boa substância, e sadio, e outros muitos legumes de que abaixo se fará menção. De ordinário não bebem enquanto comem, mas depois de comer bebem água, ou vinho, que fazem de muitos gêneros de frutas e raízes, como abaixo se dirá, do qual bebem sem regra, nem modo e até caírem.

Têm alguns dias particulares em que fazem grandes festas, todas se resolvem em beber, e duram dois, três dias, nos quais não comem, mas somente bebem,¹⁵ e para estes beberes serem mais festejados andam alguns cantando de casa em casa, chamando e convidando quantos acham para beberem,¹⁶ e revezando-se continuam esses bailes e música todo o tempo dos vinhos, em o qual tempo não dormem, mas tudo se vai em beber, e de bêbados fazem muitos desmanches, e quebram as cabeças uns aos outros, e tomam as mulheres alheias, etc. Antes de comer nem depois não dão graças a Deus, nem lavam as mãos antes de comer, e depois de comer as limpam aos cabelos, corpo e paus; não têm toalhas, nem mesa, comem sentados, ou deitados nas redes, ou em cócoras no chão, e a farinha comem de arremesso, e deixo outras muitas particularidades que têm no comer e beber, porque estas são as principais.

Do modo que têm em dormir

Todo este gentio tem por cama umas redes de algodão, e ficam nelas dormindo no ar; estas fazem lavradas, e como no ar, e não

¹⁵ “And there be men that emptie e whole vessel of wine”. (Purchas, ib.)

¹⁶ “And be merrie.” (Purchas, ib.)

têm outros cobertores nem roupa, sempre no verão e inverno têm fogo debaixo: não madrugam muito, agasalham-se com cedo, e pelas madrugadas há um principal em suas *ocas*¹⁷ que deitado na rede por espaço de meia hora lhes prega, e admoesta que vão trabalhar como fizeram seus antepassados, e distribui-lhes o tempo, dizendo-lhes as coisas que hão de fazer, e depois de levantado continua a pregação, correndo a povoação toda. Tomaram este modo de um pássaro que se parece com os falcões, o qual canta de madrugada e lhe chamam rei, senhor dos outros pássaros, e dizem eles que assim como aquele pássaro canta de madrugada para ser ouvido dos outros, assim convém que os principais façam aquelas falas e pregações de madrugada para serem ouvidos dos seus.

Do modo que têm em se vestir

Todos andam nus assim homens como mulheres, e não têm gênero nenhum de vestido e por nenhum caso *verecundant*, antes parece que estão no estado de inocência nesta parte, pela grande honestidade e modéstia que entre si guardam, e quando algum homem fala com mulher vira-lhe as costas. Porém, para saírem galantes, usam de várias invenções, tingindo seus corpos com certo sumo de uma árvore¹⁸ com que ficam pretos, dando muitos riscos pelo corpo, braços, etc., a modo de imperiais.¹⁹

Também se empenam, fazendo diademas e braceletes, e outras invenções muito lustrosas, e fazem muito caso de todo gênero de penas finas. Não deixam criar cabelo nas partes de seu corpo, porque todos os arrancam, somente os da cabeça deixam, os quais tosquam de muitas maneiras, porque uns os trazem compridos

17 Faltam essas palavras em Purchas.

18 “Of certaine fruite”. (Purchas, ib.)

19 “Many white stroakes, after the fashion of round hose, and other kinde of garments”. (Purchas, ib.)

com uma meia-lua rapada por diante, que dizem tomaram esse modo de São Thomé, e parece que tiveram dele alguma notícia, ainda que confusa. Outros fazem certo gênero de coroas e círculos que parecem frades: as mulheres todas têm cabelos compridos e de ordinário pretos, e de uns e outros é o cabelo corredio; quando andam anojados deixam crescer o cabelo, e as mulheres quando andam de dó cortam os cabelos, e também quando os maridos vão longe, e nisso mostram terem-lhe amor e guardarem-lhe lealdade; é tanta a variedade²⁰ que têm em se tosquiarem que pela cabeça se conhecem as nações.

Agora já andam alguns vestidos, assim homens como mulheres, mas estimam-no tão pouco que o não trazem por honestidade, mas por cerimônia, e porque lho mandam trazer, como se vê bem, pois alguns saem de quando em quando com umas jornes que lhes dão pelo umbigo sem mais nada, e outros somente com uma carapuça na cabeça, e o mais vestido deixam em casa: as mulheres fazem muito caso de fitas e pentes.

Das casas

Usam estes índios de umas ocas ou cascas de madeira cobertas de folha,²¹ e são de comprimento algumas de duzentos e trezentos palmos, e têm duas e três portas muito pequenas e baixas; mostram sua valentia em buscarem madeira e esteios muito grossos e de dura, e há casa que tem cinquenta, sessenta ou setenta lanços de vinte e cinco ou trinta palmos²² de comprido e outros tantos de largo.

Nesta casa mora um principal, ou mais, a que todos obedecem, e são de ordinário parentes: e em cada lanço destes pousa um casal com seus filhos e família, sem haver repartimento entre uns e

20 *Vanitie* (Purchas, ib.)

21 *Palme tree leaves* (Purchas, ib.)

22 *Quarters* (Purchas, ib.)

outros, e entrar em uma dessas casas é ver²³ um lavarinto, porque cada lança tem seu fogo e suas redes armadas, e alfaias, de modo que entrando nela se vê tudo quanto tem, e casa há que tem duzentas e mais pessoas.

Da criação dos filhos

As mulheres parindo (e parem no chão) não levantam a criança, mas levanta-a o pai, ou alguma pessoa que tomam por seu compadre, e na amizade ficam como os compadres entre os cristãos; o pai lhe corta a vide com os dentes, ou com duas pedras, dando com uma na outra, e logo se põe a jejuar até que lhe cai o umbigo, que é de ordinário até os oito dias, e até que não lhe caia não deixam o jejum, e em lhe caindo, se é macho lhe faz um arco com flechas, e lho ata no punho da rede, e no outro punho muitos molhos d'ervas, que são os contrários que seu filho há de matar e comer, e acabadas essas cerimônias fazeminhos com que alegrem todos. As mulheres quando parem logo se vão lavar aos rios, e dão de mamar à criança de ordinário ano e meio, sem lhe darem de comer outra coisa; amam os filhos extraordinariamente, e trazem-nos metidos nuns pedaços de redes que chamam *tipoiá*²⁴ e os levam às roças e a todo o gênero de serviço, às costas, por frios e calmas, e trazem-nos como ciganas escanchados no quadril, e não lhes dão nenhum gênero de castigo.²⁵ Para lhes não chamarem os filhos²⁶ têm muitos agouros, porque lhe põem algodão sobre a cabeça, pena de pássaros e paus, deitam-nos sobre as palmas das mãos e roçam-nos por elas para que cresçam. Estimam mais fazerem bem aos filhos que a si próprios, e agora estimam muito

23 *To enter*. (Purchas, ib.)

24 *Tupya*. (Purchas, ib.)

25 "That their children may not crie". (Purchas, ib.)

26 Faltam essas palavras em Purchas.

e amam os padres, porque lhes criam e ensinam a ler, escrever e contar, cantar e tanger, coisas que eles muito estimam.

Do costume que têm em agasalhar os hóspedes

Entrando-lhe algum hóspede pela casa, a honra e agasalho que lhe fazem é chorarem-no: entrando, pois, logo o hóspede na casa o assentam na rede, e depois de assentado, sem lhe falarem, a mulher e filhas e mais amigas se assentam ao redor, com os cabelos baixos, tocando com a mão na mesma pessoa, e começam a chorar todas em altas vozes, com grande abundância de lágrimas, e ali contam em prosas trovadas quantas coisas têm acontecido desde que se não viram até aquela hora, e outras muitas que imaginam, e trabalhos que o hóspede padeceu pelo caminho, e tudo o mais que pode provocar a lástima e choro. O hóspede nesse tempo não fala palavra, mas depois de chorarem por bom espaço de tempo limpam as lágrimas, e ficam tão quietas, modestas, serenas e alegres que parece nunca choraram, e logo se saúdam, e dão o seu *Ereiupe*,²⁷ e lhe trazem de comer, etc.; e depois dessas cerimônias contam os hóspedes ao que vêm. Também os homens se choram uns aos outros, mas é em casos alguns graves, como mortes, desastres de guerras, etc.; têm por grande honra agasalharem a todos e darem-lhe todo o necessário para sua sustentação, e algumas peças, como arcos, flechas, pássaros, penas e outras coisas, conforme a sua pobreza, sem algum gênero de estipêndio.

Do costume que têm em beber fumo

Costumam estes gentios beber fumo de *petigma*, por outro nome erva-santa; esta secam e fazem de uma folha de palma

²⁷ *Or welcome.* (Purchas, IV, p. 1292.)

uma *cangueira*, que fica como canudo de cana cheio desta erva, e pondo-lhe o fogo na ponta metem o mais grosso na boca, e assim estão chupando e bebendo aquele fumo, e o têm por grande mimo e regalia, e deitados em suas redes gastam em tomar essas fumaças parte dos dias e das noites. A alguns faz muito mal, e os atordoa e embebeda; a outros faz bem e lhes faz deitar muitas reimas pela boca. As mulheres também o bebem, mas são as velhas e enfermas, porque é ele muito medicinal, principalmente para os doentes de asma, cabeça ou estômago, e daqui vem grande parte dos portugueses beberem esse fumo, e o têm por vício, ou por preguiça, e imitando os índios gastam nisso dias e noites.

Do modo que têm em fazer suas roçarias e como pagam uns aos outros

Esta nação não tem dinheiro com que possam satisfazer aos serviços que lhes fazem, mas vivem *comutatione rerum* e principalmente a troco de vinho fazem quanto querem, assim quando hão de fazer algumas coisas fazem vinho e avisando os vizinhos, e apelidando toda a povoação lhes rogam os queiram ajudar em suas roças, o que fazem de boa vontade, e trabalhando até as 10 horas tornam para suas casas a beber os vinhos, e se aquele dia se não acabam as roçarias fazem outros vinhos e vão outro dia até as 10 horas acabar seu serviço; e desse modo usam os brancos prudentes,²⁸ e que sabem a arte e maneira dos índios, e quanto fazem por vinho, por onde lhes mandam fazer vinhos, e os chamam às suas roças e canaviais, e com isso lhes pagam.

Também usam de ordinário, por troco de algumas coisas,²⁹ de contas brancas que se fazem de búzios, e a troco de alguns ramais dão até as mulheres, e esse é o resgate ordinário de que

²⁸ *Or Portugal*. (Purchas, ib.)

²⁹ *To change some things for*. (Purchas, ib.)

usam os brancos para lhes comprarem os escravos e escravas que têm para comer.

Das joias e metaras

Usam estes índios ordinariamente, principalmente nas festas que fazem, de colares de búzios, de diademas de penas e de umas *metaras*³⁰ (pedras que metem no beijo de baixo) verdes, brancas, azuis, muitas finas, e que parecem esmeraldas ou cristal, são redondas e algumas tão compridas que lhes dão pelos peitos, e ordinário é nos grandes principais terem um palmo e mais de comprimento: também usam de manilhas brancas dos mesmos búzios, e nas orelhas metem umas pedras brancas de comprimento de um palmo e mais, e esses outros semelhantes são os arreios com que se vestem em suas festas, quer sejam em matanças dos contrários, quer de vinhos, e essas são as riquezas que mais estimam que quanto têm.

Do tratamento que fazem às mulheres e como as escudeiram

Costumam estes índios tratar bem às mulheres, nem lhes dão nunca, nem pelejam com elas, tirando em tempo de vinhos, porque então de ordinário se vingam delas, dando por desculpa depois o vinho que beberam e logo ficam amigos como dantes, e não duram muito os ódios entre eles, sempre andam juntos e quando vão fora a mulher vai de trás e o marido diante para que se acontecer alguma cilada não caia a mulher nela, e tenha tempo para fugir enquanto o marido peleja com o contrário, etc., mas à tornada da roça ou qualquer outra parte vem a mulher diante, e o marido de trás, porque, como tenha já tudo seguro, se acontecer

30 *Broaches*. (Purchas, ib.)

algum desastre possa a mulher que vai diante fugir para casa, e o marido ficar com os contrários, ou qualquer outra coisa. Porém em terra segura ou dentro na povoação sempre a mulher vai diante, e o marido de trás, porque são ciosos e querem sempre ver a mulher.

Dos seus bailos e cantos

Ainda que são melancólicos, têm seus jogos, principalmente os meninos, muito vários e graciosos, nos quais arremedam muitos gêneros de pássaros, e com tanta festa e ordem que não há mais que pedir, e os meninos são alegres e dados a folgar e folgam com muita quietação e amizade, que entre eles não se ouvem nomes ruins, nem pulhas, nem chamarem nomes aos pais e mães, e raramente quando jogam se desconcertam, nem se desavêm por coisa alguma, e raramente dão uns nos outros, nem pelejam; de pequeninos os ensinam os pais a bailar e cantar, e os seus bailas não são diferenças de mudança, mas é um contínuo bater de pés estando quedos, ou andando ao redor e meneando o corpo e cabeça, e tudo fazem por tal compasso,³¹ com tanta serenidade, ao som de uma cascavel feito ao modo dos que usam os meninos em Espanha, com muitas pedrinhas dentro ou umas certas sementes de que também fazem muito boas contas, e assim bailam cantando juntamente, porque não fazem uma causa sem outra, e têm tal compasso e ordem que às vezes cem homens bailando e cantando em carreira, enfiando uns detrás dos outros, acabam todos juntamente uma pancada, como se estivessem todos em um lugar; são muito estimados entre eles os cantores, assim homens como mulheres, em tanto que se tomam um contrário bom cantor e inventor de trovas, por isso lhe dão a vida e não no comem nem aos filhos. As mulheres bailam junta-

31 *And pleasantnesse as can be desired.* (Purchas, IV, p. 1293.)

mente com os homens, e fazem com os braços e corpo grandes gaitimhanhas e mamãs, principalmente quando bailam sós. Guardam entre si diferenças das vozes em sua consonância, e de ordinário as mulheres levam os típles, contraltos e tenores.

Dos seus enterramentos

São muito maviosos³² e principalmente em chorar os mortos, e logo como algum morre os parentes se lançam sobre ele na rede e tão depressa que às vezes os afogam antes de morrer, parecendo-lhes que está morto, e os que se não podem deitar com o morto na rede se deitam pelo chão, dando grandes baques, que parece milagre não acabarem com o mesmo morto, e desses baques e choros ficam tão cortados que às vezes morrem. Quando choram dizem muitas lástimas e mágoas, e se morre a primeira noite,³³ toda ela em peso choram em alta voz, que é espanto não cansarem.

Para essas mortes e choros chamam os vizinhos e parentes, e se é principal ajunta-se toda a aldeia a chorar, e nisso têm também seus pontos de honra, e aos que não choram lançam pragas, dizendo que não hão de ser chorados: depois de morto o lavam, e pintam muito galante, como pintam os contrários, e depois o cobrem de fio de algodão que não lhe parece nada, e lhe metem uma *cuiã*³⁴ no rosto, e assentado o metem em um pote que para isso têm debaixo da terra, e o cobrem de terra, fazendo-lhe uma casa, aonde todos os dias lhe levam de comer, porque dizem que como cansa de bailar vem ali comer, e assim os vão chorar por algum tempo todos os dias seus parentes, e com ele metem todas as suas joias e metaras,³⁵ para que as não veja ninguém, nem se lastime; mas

32 *Wicked*. (Purchas, ib.)

33 *At evening*. (Purchas, ib.)

34 *Couering*. (Purchas, ib.)

35 *Broaches*. (Purchas, ib.)

o defunto tinha alguma peça, como espada, etc., que lhe haviam dado, torna a ficar do que lha deu, e a torna a tomar onde quer que a acha, porque dizem que como um morre perde todo o direito do que lhe tinham dado. Depois de enterrado o defunto os parentes estão em contínuo pranto de noite e de dia, começando uns, e acabando outros; não comem senão de noite, armam as redes junto dos telhados, e as mulheres ao segundo³⁶ dia cortam os cabelos, e dura esse pranto toda uma lua, a qual acabada fazem grandes vinhos para tirarem o dó, e os machos se tosquam, e as mulheres se enfeitam tingindo-se de preto, e essas cerimônias e outras acabadas, começam a comunicar uns com os outros, assim homens como as mulheres; depois de lhes morrerem seus companheiros, algumas vezes, não tornam a casar, nem entram em festas de vinhos, nem se tingem de preto, porém isso é raro entre eles, por serem muito dados a mulheres, e não podem viver sem elas.

Das ferramentas que usam

Antes de terem conhecimento dos portugueses usavam de ferramentas e instrumentos de pedra, osso, pau, canas, dentes de animal, etc., e com estes derrubavam grandes matos com cunhas de pedra, ajudando-se do fogo; assim mesmo cavavam a terra com uns paus agudos e faziam suas metaras,³⁷ contas de búzios, arcos e flechas tão benfeitos como agora fazem, tendo instrumentos de ferro, porém gastavam muito tempo a fazer qualquer coisa, pelo que estimam muito o ferro pela facilidade que sentem em fazer suas coisas com ele, e essa é a razão por que folgam com a comunicação dos brancos.³⁸

³⁶ *After twentie daies.* (Purchas, ib.)

³⁷ *Broaches.* (Purchas, ib.)

³⁸ *The Portugais.* (Purchas, ib.)

Das armas que usam

As armas deste gentio o ordinário são arcos e flechas e deles se honram muito, e os fazem de boas madeiras, e muito galantes, tecidos com palma de várias cores, e lhes tingem as cordas de verde ou vermelho, e as flechas fazem muito galantes, buscando para elas as mais formosas penas que acham; fazem essas flechas de várias canas, e na ponta lhes metem dentes de animais ou umas certas canas muito duras e cruéis, ou uns paus agudos com muitas farpas, e às vezes as ervas com peçonha.

Estas flechas ao parecer parece coisa de zombaria, porém é arma cruel; passam umas couraças de algodão, e dando em qualquer pau o abrem pelo meio, e acontece passarem um homem de parte a parte, e ir pregar no chão: exercitam-se de muito pequenos nestas armas, e são grandes flecheiros e tão certos que lhes não escapa passarinho por pequeno que seja, nem bicho do mato, e não tem mais que quererem meter uma flecha por um olho de um pássaro, ou de um homem, ou darem em qualquer outra coisa, por pequena que seja, que o não façam muito ao seu alvo, e por isso são muito temidos, e tão intrépidos e ferozes que mete espanto. São como bichos do mato, porque entram pelo sertão a caçar despidos e descalços sem medo nem temor algum.

Veem sobremaneira, porque à légua enxergam qualquer coisa, e da mesma maneira ouvem; atinam muito; regendo-se pelo sol, vão a todas as partes que querem, duzentas e trezentas léguas, por matos espessos sem errar ponto, andam muito, e sempre, de galope, e principalmente com cargas, nenhum a cavalo os pode alcançar: são grandes pescadores e nadadores, nem temem mar, nem ondas, e aturam um dia e noite nadando, e o mesmo fazem remando e às vezes sem comer.

Também usam por armas de espadas de pau, e os cabos delas tecem de palma de várias cores e os empenam com penas de várias



cores, principalmente em suas festas e matanças: essas espadas são cruéis, porque não dão ferida, mas pisam e quebram a cabeça de um homem sem haver remédio de cura.

Do modo que este gentio tem acerca de matar e comer carne humana³⁹

De todas a honras e gostos da vida, nenhum é tamanho para este gentio como matar e tomar nomes nas cabeças de seu contrários, nem entre eles há festas que cheguem às que fazem na morte dos que matam com grandes cerimônias, as quais fazem desta maneira. Os que tomados na guerra vivos são destinados a matar vêm logo de lá com um sinal, que é uma cordinha delgada ao pescoço, e se é homem que pode fugir traz uma mão atada ao pescoço debaixo da barba, e antes de entrar nas povoações que há pelo caminho os enfeitam, depenando-lhes as pestanas e sobrancelhas e barbas, tosquiando-os ao seu modo, e empenando-os com penas amarelas tão bem assentadas que lhes não aparece cabelo: as quais os fazem tão lustrosos como aos espanhóis os seus vestidos ricos, e assim vão mostrando sua vitória por onde quer que passam. Chegando à sua terra, saem a receber as mulheres gritando e juntamente dando palmadas na boca, que é recebimento comum entre eles, e sem mais outra vexação ou prisão, salvo que lhes tecem no pescoço um colar redondo como corda de boa grossura, tão dura como pau, e nesse colar começam de urdir grande número de braças de corda delgada de comprimento de cabelos de mulher, arrematada em cima com certa volta, e solta em baixo, e assim vai toda de orelha a orelha por detrás das costas e ficam com essa coleira uma horrenda coisa; e se é fronteiro e pode fugir, lhe põem em lugar de grilhões por baixo dos joelhos uma peia de

³⁹ *And of their creating Gentlemen.* (Purchas, IV, p. 1294.)

fio de tecido muito apertada, a qual para qualquer faca fica fraca, se não fossem as guardas que nenhum momento se apartam dele, quer vá pelas casas, quer para o mato, ou ande pelo terreiro, que para tudo tem liberdade, e comumente a guarda é uma que lhe dão por mulher, e também para lhe fazer de comer, o qual se seus senhores lhe não dão de comer, como é costume, toma um arco e flecha e atira à primeira galinha ou pato que vê, de quem quer que seja, e ninguém lhe vai à mão, e assim vai engordando, sem por isso perder o sono, nem o rir e folgar como os outros, e alguns andam tão contentes com haverem de ser comidos que por nenhuma via consentiram ser resgatados para servir, porque dizem que é triste coisa morrer, e ser fedorento e comida de bichos. Estas mulheres são comumente nessa guarda fiéis, porque lhes fica em honra, e por isso são muitas vezes moças e filhas de príncipe, máxime se seus irmãos hão de ser os matadores, porque as que não têm essas obrigações muitas vezes se afeiçoam a eles de maneira que não somente lhes dão azo para fugirem, mas também se vão com eles; nem elas correm menos riscos se as tornam a tomar que de levarem umas poucas de pancadas, e às vezes são comidas dos mesmos a quem deram a vida.

Determinado o tempo em que há de morrer, começam as mulheres a fazer louça, a saber: panelas, alguidares, potes para os vinhos, tão grandes que cada um levará uma pipa; isso prestes, assim os principais como os outros mandam seus mensageiros a convidar outros de diversas partes para tal lua, até dez, doze léguas e mais, para o qual ninguém se escusa. Os hóspedes vêm em magotes com mulheres e filhos, e todos entram no lugar com danças e bailos, e em todo o tempo em que se junta a gente há vinho para os hóspedes, porque sem ele todo o mais agasalhado não presta; a gente junta, começam as festas alguns dias antes, conforme o número, e certas cerimônias que precedem, e cada uma gasta um dia.

Primeiramente têm eles para isso umas cordas de algodão de arrazoada grossura, não torcidas, se não tecidas de um certo lavor galante; é coisa entre eles de muito preço, e não nas têm senão alguns principais, e segundo elas são primas, benfeitas, e eles vagorosos,⁴⁰ é de crer que nem em um ano se fazem: estas estão sempre muito guardadas, e levam-se ao terreiro com grande festa e alvoroço dentro de uns alguidares, onde lhes dá um mestre disto dois nós, por dentro dos quais com força corre uma das pontas de maneira que lhes fica bem no meio um laço; esses nós são galantes e artificiosos, que poucos se acham que os saibam fazer, porque têm algumas dez voltas e as cinco vão por cima das outras cinco, como se um atravessasse os dedos da mão direita por cima dos da esquerda, e depois a tingem com um polme de um barro branco como cal e deixam-nas enxugar.

O segundo dia trazem muito feixes de canas bravas de comprimento de lanças e mais, e à noite põem-nos em roda em pé, com as pontas para cima, encostados uns nos outros, e pondo-lhes ao fogo ao pé se faz uma formosa e alta fogueira, ao redor da qual andam bailando homens e mulheres com maços de flechas ao ombro, mas andam muito depressa, porque o morto que há de ser, que os vê melhor do que é visto por causa do fogo, atira com quanto acha, e quem leva leva, e como são muitos, poucas vezes erra.

Ao terceiro dia fazem uma dança de homens e mulheres, todos com gaitas de canas, e batem todos a uma no chão ora com um pé, ora com outro, sem discreparem, juntamente e ao mesmo compasso assopram os canudos, e não há outro cantar nem falar, e como são muitos e as canas umas mais grossas, outras menos, além de atroarem os matos, fazem uma harmonia que parece música do inferno, mas eles aturam nelas como se fossem as mais suaves do

⁴⁰ *Their taking pleasure.* (Purchas, IV, p. 1295.)

A esse tempo estão os potes de vinho postos em carreira pelo meio de uma casa grande, e como a casa não tem repartimentos, ainda que seja de vinte ou trinta braças de comprido, está atulhada de gente, e tanto que começam a beber é um labirinto ou inferno vê-los e ouvi-los, porque os que bailam e cantam aturam com grandíssimo fervor quantos dias e noites os vinhos duram: porque, como esta é a própria festa das matanças, há no beber dos vinhos muitas particularidades que duram muito, e a cada passo urinam, e assim aturam sempre, e de noite e dia cantam e bailam, bebem e falam cantando em magotes por toda a casa, de guerras e sortes que fizeram, e como cada um quer que lhe ouçam a sua história, todos falam a quem mais alto, afora outros estrondos, sem nunca se calarem, nem por espaço de um quarto de hora. Aquela manhã que começam a beber enfeitam o cativo por um modo particular que para isso têm, a saber: depois de limpo o rosto, e quanta penugem nele há, o untam com um leite de certa árvore que pega muito, e sobre ele põem um certo pó de umas cascas de ovo verde de certa ave do mato, e sobre isso o pintam de preto com pinturas galantes, e untando também o corpo todo até a ponta do pé o enchem todo de pena, que para isso têm já picada e tinta de vermelho, a qual o faz parecer a metade mais grosso, e a coisa do rosto o faz parecer tanto maior e luzente, e os olhos mais pequenos, que fica uma horrenda visão, e da mesma maneira que eles têm pintado o rosto, o está também a espada, a qual é de pau ao modo de uma palmatória, senão que a cabeça não é tão redonda, mas quase triangular, e as bordas acabam quase em gume, e a haste, que será de sete ou oito palmos, não é toda roliça, terá junto da cabeça quatro dedos de largura e vem cada vez estreitando até o cabo, onde tem uns pendentes ou campainhas de pena de diversas cores, é coisa galante e de preço entre eles, eles lhe chamam *ingapenambin*, orelhas da espada. O derradeiro dia dos vinhos fazem no meio do terreiro uma choça de palmas ou tantas quantos são os que hão de morrer,

e naquela se agasalha, e sem nunca mais entrar em casa, e todo o dia e noite é bem servido de festas mais que de comer, porque lhe dão outro conduto senão uma fruta que tem sabor de nozes, para que ao outro dia não tenha muito sangue.

Ao quinto dia pela manhã, ali às sete horas pouco mais ou menos, a companheira o deixa, e se vai para casa muito saudosa e dizendo por despedida algumas lástimas pelo menos fingidas; então lhe tiram a peia e lhe passam as cordas do pescoço à cinta, e posto em pé à porta do que o há de matar sai o matador em uma dança, feito alvo como uma pomba com barro branco, e uma⁴¹ a que chamam capa de pena, que se ata pelos peitos, e ficam-lhe as abas para cima como asas de anjo, e nessa dança dá uma volta pelo terreiro e vem fazendo uns esgares estranhos com olhos e corpo, e com as mãos arremeda o minhoto que desce à carne, e com essas diabruras chega ao triste, o qual tem as cordas estiradas para as ilhargas e de cada parte um que o tem, e o cativo, se acha com que atirar, o faz de boa vontade, e muitas vezes lhe dão com quê, porque lhe saem muitos valentes, e tão ligeiros em furtar o corpo que os não pode acertar. Acabado isso, vem um honrado,⁴² padrinho do novo cavaleiro que há de ser, e tomada a espada lh'a passa muitas vezes por entre as pernas, metendo-a ora por uma parte ora por outra da própria maneira que os cachorrinhos dos sanfoneiros, lhe passam por entre as pernas, e depois tomando-a pelo meio com ambas as mãos aponta com uma estocada aos olhos do morto,⁴³ e isso feito lhe vira a cabeça para cima da maneira que dela hão de usar, e a mete nas mãos do matador, já como apta e idônea com aquelas bênçãos para fazer seu ofício para o qual se põe algum tanto ao lado esquerdo, de tal jeito que com o gume da espada lhe acerta no toutiço, porque não tira a outra

41 *Garment*. (Purchas, IV, p. 1296.)

42 *Honorable ludge*. (Purchas, ib.)

43 *Of the man which is to die*. (Purchas, ib.)

parte,⁴⁴ e é tanta a bruteza destes que, por não temerem outro mal senão aquele presente, tão inteiros estão como se não fosse nada, assim para falar como para exercitar as forças, porque depois de se despedirem da vida com dizer *que muito embora morra, pois muitos têm mortos, e que além disso cá ficam seus irmãos e parentes para o vingarem*, e nisso aparelha-se um para furtar o corpo, que é toda a honra de sua morte. E são nisso tão ligeiros que muitas vezes é alto dia sem o poderem matar, porque em vindo⁴⁵ a espada pelo ar ora desvia a cabeça, ora lhe furta o corpo, e são nisso tão terríveis que se os que têm as pontas das cordas o apertam, como fazem quando o matador é frouxo, eles⁴⁶ tão rijo que os trazem a si e os fazem afrouxar em que lhes pese, tendo um olho neles e outro na espada, sem nunca estarem quedos, e como o matador os não pode enganar ameaçando sem dar, sob pena de lhe darem uma apupada, e eles lhe adivinham o golpe, de maneira que, por mais baixo que venha, num assopro se abatem e fazem tão rasos que é coisa estranha, e não é menos tomarem a espada aparando-lhe o braço por tal arte que sem lhe fazerem nada correm com ela juntamente para baixo e a metem de baixo do sovaco tirando pelo matador, ao qual, se então não acudissem, o outro o despacharia, porque têm eles nesse ato tantos agouros que para matar um menino de cinco anos vão tão enfeitados como para matar algum gigante, e com essas ajudas ou afoiteza tantas vezes dá, até que acerta algumas e esta basta, porque tanto que ele cai lhe dá tantas até lhe que lhe quebra a cabeça, posto que já se viu um que a tinha tão dura, que nunca lha puderam quebrar, porque como a trazem sempre descoberta têm as cabeças tão duras que as nossas em comparação delas ficam como de cabaças, e quando querem injuriar algum branco lhe chamam cabeça mole.

44 *For he striketh at another place.* (Purchas, ib.)

45 *When he sees.* (Purchas, ib.)

46 *Hee puls.* (Purchas, ib.)

Se este que mataram ao cair cai de costas, e não de bruços, têm-no por grande agouro e prognóstico que o matador há de morrer, e ainda que caia de bruços têm muitas cerimônias, as quais se se não guardam têm para si que o matador não pode viver; e são muitas delas tão penosas que se alguém por amor de Deus sofresse os seus trabalhos não ganharia pouco, como abaixo se dirá. Morto o triste, levam-no a uma fogueira que para isso está prestes, e chegando a ela, em lhe tocando com a mão dá uma pelinha pouco mais grossa que véu de cebola, até que todo fica mais limpo e alvo que um leitão pelado, e então se entrega ao carniceiro ou magarefe, o qual lhe faz um buraco abaixo do estômago, segundo seu estilo, por onde os meninos primeiro metem a mão e tiram pelas tripas, até que o magarefe corta por onde quer, e o que lhe fica na mão é o quinhão de cada um, e o mais se reparte pela comunidade, salvo algumas partes principais que por grande honra se dão aos hóspedes mais honrados, as quais eles levam muito assadas, de maneiras que não se corrompam, e sobre elas depois em suas terras fazem festas e vinhos de novo.

Das cerimônias que se fazem ao novo cavaleiro

Acabando o matador de fazer seu ofício, lhe fazem a ele outro desta maneira: tirada a capa de pena, e deixada a espada, se vai para casa, à porta da qual o está esperando o⁴⁷ mesmo padrinho que foi com um arco de tirar a mão, a saber, as pontas uma no lumiar de baixo e a outra em cima, e, tirando pela corda como quem quer atirar, o matador passa por dentro tão sutilmente que não toca em nada, e em ele passando o outro alarga a corda com um sinal de pesar, porque errou o a que atirava, como que aquilo tem virtude para depois da guerra o fazer ligeiro, e os inimigos o

47 *The same iudge or stickler.* (Purchas, IV, p. 1297.)



errarem; como é dentro começa de ir correndo por todas as casas, e as irmãs e primas da mesma maneira diante dele dizendo: “meu irmão se chama *N.*” repetindo por toda a aldeia, e se o cavaleiro tem alguma coisa boa, quem primeiro anda lha toma até ficar sem nada. Isso acabado tem pelo chão lançados certos paus de pilão,⁴⁸ sobre os quais ele está em pé aquele dia com tanto silêncio, como que dera o pasmo nele, e levando-lhe ali a apresentar a cabeça do morto, tiram-lhe um olho, e com as raízes ou nervos dele lhe untam os pulsos, e cortada a boca inteira lha metem no braço como manilha, depois se deita na sua rede como doente, e na verdade ele o está de medo, que se não cumprir perfeitamente todas as cerimônias o há de matar a alma do morto. Dali a certos dias lhe dão o hábito, não no peito do pelote, que ele não tem, senão na própria pele, sarrafaçando-o por todo o corpo com um dente de cutia que se parece com dente de coelho, o qual, assim por sua pouca sutileza, como por eles terem a pele dura, parece que rasgam algum pergaminho, e se eles são animosos não lhe dão as riscas direitas, senão cruzadas, de maneira que ficam uns labores muito primos, e alguns gemem e gritam com as dores.

Acabado isso, tem carvão moído e sumo de erva-moura⁴⁹ com que eles esfregam as riscas ao través, fazendo-as arreganhar e inchar, que é ainda maior tormento, e enquanto lhe saram as feridas que duram alguns dias está ele deitado na rede sem falar nem pedir nada, e para não quebrar o silêncio tem a par de si água e farinha e certa fruta como amêndoas, que chamam *mendobis*,⁵⁰ porque não prova peixe nem carne aqueles dias.

Depois de sarar, passados muitos dias ou meses, se fazem grandes vinhos para ele tirar o dó e fazer o cabelo, que até ali não fez, e então se tingem de preto, e dali por diante fica habilitado para

48 *Certaine legges of a certaine Tree, called Pilan* (Purchas, ib.)

49 *Broamerape*. (Purchas, ib.)

50 *Amenduins*. (Purchas, ib.)



matar sem fazerem a ele cerimônia que seja trabalhosa, e ele se mostra também nisso honrado ou ufano, e com um certo desdém, como quem tem já honra, e não a ganha de novo, e assim não faz mais que dar ao outro um par de pancadas, ainda que a cabeça fique inteira e ele bulindo, vai-se para casa, e a este acodem logo a lhe cortar a cabeça, e as mães com os meninos ao colo lhe dão os parabéns, estreamos para a guerra tingindo-lhes os braços com aquele sangue: estas são as façanhas, honras, valentias em que estes gentios tomam nomes de que se prezam muito, e ficam dali por diante *abaétés*, *morubixaba*, *moçacara*, que são títulos e nomes de cavaleiros: e estas são as infelizes festas, em que esses tristes antes de terem conhecimento de seu Criador põem sua felicidade e glória.

Da diversidade de nações e línguas

Em toda esta província há muitas e várias nações de diferentes línguas, porém uma é a principal, que compreende algumas dez nações de índios: estes vivem na costa do mar, e em uma grande corda do sertão, porém são todos esses de uma só língua ainda que em algumas palavras discrepam e esta é a que entendem os portugueses; é fácil, e elegante, e suave, e copiosa, a dificuldade dela está em ter muitas composições;⁵¹ porém dos portugueses, quase todos os que vêm do Reino e estão cá de assento e comunicação com os índios a sabem em breve tempo, e os filhos dos portugueses cá nascidos a sabem melhor que os portugueses, assim homens como mulheres, principalmente na Capitania de São Vicente, e com essas dez nações de índios têm os padres comunicação por lhes saberem a língua, e serem mais domésticos e bem inclinados: estes foram e são os amigos antigos dos portugueses, com cuja

51 *Comparisons*. (Purchas, ib.)



ajuda e armas conquistaram esta terra, pelejando contra seus próprios parentes, e outras diversas nações bárbaras, e eram tantos os desta casta que parecia impossível poderem-se extinguir, porém os portugueses lhes têm dado tal pressa que quase todos são mortos e lhes têm tal medo que despovoam a costa e fogem pelo sertão adentro até trezentas a quatrocentas léguas.

Os primeiros dessa língua se chamam *potiguaras*⁵² senhores da Paraíba, trinta léguas de Pernambuco, senhores do melhor pau do Brasil e grandes amigos dos franceses, e com eles contrataram até agora, casando com eles suas filhas; mas agora na era de 84 foi a Paraíba tomada por Diogo Flores, general de sua majestade, botando os franceses fora, e deixou um forte com cem soldados, afora os portugueses, que também têm seu Capitão e Governador Frutuoso Barbosa, que com a principal gente de Pernambuco levou exército por terra com que venceu os inimigos, porque do mar os da armada não pelejaram.

Perto desses vivia grande multidão de gentio que chamam *Viatã*, destes já não há nenhuns, porque sendo eles amigos dos *potiguaras*⁵³ e parentes os portugueses os fizeram entre si inimigos, dando-lhes a comer, para que dessa maneira lhes pudesse fazer guerra e tê-las por escravos, e finalmente, tendo uma grande fome, os portugueses, em vez de lhes acudir, os cativaram e mandaram barcos cheio a vender a outras capitânicas: ajuntou-se a isto um clérigo português mágico, que com seus enganos os acarretou todos os a Pernambuco, e assim se acabou esta nação, e, ficando os portugueses sem vizinhos que os defendessem dos *potiguaras*,⁵⁴ os quais até agora que foram desbaratados, perseguiram os portugueses dando-lhes de sopito nas roças, fazendas e engenhos, queimando-lhos, e matando muita gente portuguesa, por serem

52 *Pitiguaras*. (Purchas, ib.)

53 *Pitiguaras*. (Purchas, ib.)

54 *Pitiguaras*. (Purchas, ib.)

muito guerreiros; mas já pela bondade de Deus estão livres desse sobroço.

Outros há a que chamam *tupinabas*: estes habitam do Rio Real até junto dos Ilhéus; estes entre si eram também contrários, os da Bahia com os do Camamu e Tinharê.⁵⁵

Por uma corda do Rio de São Francisco vivia outra nação a que chamavam *Caetés*, e também havia contrários⁵⁶ entre estes e os de Pernambuco.

Dos Ilhéus, Porto Seguro até Espírito Santo habitava outra nação, que chamavam *tupinaquim*; estes procederam dos de Pernambuco e se espalharam por uma corda do sertão, multiplicando grandemente, mas já são poucos; estes foram sempre muitos inimigos das coisas de Deus, endurecidos em seus erros, porque eram vingativos e queriam vingar-se comendo seus contrários e por serem amigos de muitas mulheres: já destes há muitos cristãos e são firmes na fé.

Há outra nação parente destes, que corre do sertão de São Vicente até Pernambuco, a que chamam *tupiguae*: estes eram sem número, vão-se acabando, porque os portugueses os vão buscar para se servirem deles, e os que lhes escapam fogem para muito longe, por não serem escravos. Há outra nação vizinha a estes, que chamam *apigapitanga* e *muriapitanga*. Também há outra nação contrária aos *tupinaquins*, que chamam *guaracaio* ou *itati*.

Outra nação mora no Espírito Santo a que chamam *Tememinó*:⁵⁷ eram contrários dos *tupinaquins*, mas já são poucos. Outra nação que se chama *Tamoios*, moradores do Rio de Janeiro, estes destruíram os portugueses quando povoaram o Rio, e deles há muitos poucos, e alguns que há no sertão se chamam *ararape*.

55 *Intrare*. (Purchas, IV, p. 1.298)

56 *Contrarieties*. (Purchas, ib.)

57 *Timimino*. (Purchas, ib.)



Outra nação se chama *carijo*: habitam além de São Vicente como oitenta léguas, contrários dos *tupinaquins* de São Vicente; destes há infinidade e correm pela costa do mar e sertão até o Paraguai, que habitam os castelhanos. Todas essas nações acima ditas, ainda que diferentes, e muitas delas contrários umas das outras, têm a mesma língua, e nestes se faz a conversão, e têm grande respeito aos padres da Companhia e no sertão suspiram por eles, e lhes chamam *abarê* e *pai*, desejando⁵⁸ a suas terras convertê-los, e é tanto este crédito que alguns portugueses de ruim consciência se fingem padres, vestindo-se em roupetas, abrindo coroas na cabeça, e dizendo que são abarês e que os vão buscar para as igrejas dos seus pais, que são os nossos, os trazem enganados, e em chegando ao mar os repartem entre si, vendem e ferram, fazendo primeiro neles lá no sertão grande mortandade, roubos e saltos, tomando-lhes as filhas e mulheres, etc., e se não foram estes e semelhantes estorvos já todos os desta língua foram convertidos à nossa santa fé.

Há outras nações contrárias e inimigas destas, de diferentes línguas, que em nome geral se chamam *tapuias*, e também entre si são contrários; primeiramente no sertão vizinho aos *tupinaquins* habitam os *Guaimurês*,⁵⁹ e tomam algumas oitenta léguas de costa, e para o sertão quanto querem, são senhores dos matos selvagens, muito encorpados, e pela continuação e costume de andarem pelos matos bravos têm os couros muito rijos, e para esse efeito açoitam os meninos em pequenos com uns cardos para se acostumarem a andar pelos matos bravos; não têm roças, vivem de rapina e pela ponta de flecha, comem a mandioca crua sem lhes fazer mal, e correm muito e aos brancos não dão senão de salto, usam de uns arcos muito grandes, trazem uns paus feitiços muito grossos,⁶⁰ para que em chegando logo quebrem as cabeças. Quando vêm à

58 *Thye would come to.* (Purchas, ib.)

59 *Guamures.* (Purchas, ib.)

60 *Certaine stones made a purpose verie bigge.* (Purchas, ib.)

peleja estão escondidos debaixo de folhas, e dali fazem a sua e são mui temidos, e não há poder no mundo que os possa vencer; são muito covardes em campo, e não ousam sair, nem passam água, nem usam de embarcações, nem são dados a pescar; toda a sua vivenda é do mato; são cruéis como leões; quando tomam alguns contrários cortam-lhes a carne com uma cana de que fazem as flechas, e os esfolam, que lhes não deixam mais que os ossos e tripas: se tomam alguma criança e os perseguem, para que lha não tomem viva lhe dão com a cabeça em um pau, desentranham as mulheres prenhes para lhes comerem os filhos assados. Estes dão muito trabalho em Porto Seguro, Ilhéus e Camamu, e estas terras se vão despovoando por sua causa; não se lhes pode entender a língua.

Além destes, para o sertão e campos de caatinga vivem muitas nações tapuias, que chamam *tucanuço*,⁶¹ estes vivem no sertão do Rio Grande pelo direito de Porto Seguro; têm outra língua, vivem no sertão antes que cheguem ao Aquitipe e chamam-se *nacai*.⁶² Outros há que chamam *oquitajuba*. Há outra nação que chamam *pahi*: estes se vestem de pano de algodão muito tapado e grosso como rede, com este se cobrem como com saio, não tem mangas; têm diferente língua. No Ari há outros que também vivem no campo indo para o Aquitipe. Há outros que chamam *parahió*, é muita gente e de diferente língua.

Outros que chamam *nhandeju*,⁶³ também de diferente língua. Há outros que chamam *macutu*. Outros *napara*; estes têm roças. Outros que chamam *cuxaré*; estes vivem no meio do campo do sertão. Outros que vivem para a parte do sertão da Bahia que chamam *guayaná*, têm língua por si. Outros pelo mesmo sertão, que chamam *taicuiú* vivem em casas, têm outra língua. Outros

61 *Tunacunu*. (Purchas, IV, p. 1299.)

62 *Nacy*. (Purchas, ib.)

63 *Mandeiú*. (Purchas, ib.)

no mesmo sertão, que chamam *cariri*,⁶⁴ têm língua diferente: essas três nações e seu vizinhos são amigos dos portugueses. Outros que chamam *pigrû* vivem em casas. Outros que chamam *obacoatiara*, estes vivem em ilhas no Rio de São Francisco, têm casas como cafuas debaixo do chão; estes quando os contrários vêm contra eles botam-se à água, e de mergulho escapam, e estão muito debaixo d'água, têm flechas grandes como chuços, sem arcos, e com elas pelem; são muito valentes, comem gente, têm diferente língua. Outros que vivem muito pelo sertão adentro que chamam *anhehim*⁶⁵ têm outra língua. Outros que vivem em casas, que chamam *aracuaiati*, têm outra língua. Outros que chamam *cayuara* vivem em covas, têm outra língua. Outros que chamam *guaranaguaçu*⁶⁶ vivem em covas, têm outra língua. Outros muito dentro no sertão que chamam *camuçuyara*, estes têm mamas que lhes dão por baixo da cinta, e perto dos joelhos, e quando correm cingem-nas na cinta, não deixam de ser muito guerreiros, comem gente, têm outra língua. Há outra nação que chamam *igbigra-apuajara*,⁶⁷ senhores de paus agudos, porque pelem com paus tostados agudos, são valentes, comem gente, têm outra língua. Há outra que chamam *aruacuig*,⁶⁸ vivem em casas, têm outra língua, mas entendem-se com estes acima ditos, que são seus vizinhos. Outros há que chamam *guayacatu* e *guayatur*; estes têm língua diferente, vivem em casas. Outros há que chamam *curupehé*,⁶⁹ não comem carne humana, quando matam cortam a cabeça do contrário e levam-na por amostra, não têm casa, são como ciganos. Outros que chamam *guayó*, vivem em casas, pelem com flechas ervadas, comem carne humana, têm outra língua. Outros que

64 *Cariu*. (Purchas, ib.)

65 *Anhelim*. (Purchas, ib.)

66 *Guainaguaçu*. (Purchas, ib.)

67 *Iobiora Apuayara*. (Purchas, ib.)

68 *Anuacuig*. (Purchas, ib.)

69 *Cumpehe*. (Purchas, ib.)

chamam *cicu* têm a mesma língua e costumes dos acima ditos. Há outros a que chamam *pahaju*, comem gente, têm outra língua. Outros há que chamam *jaicujá*, têm a mesma língua que estes acima. Outros que chamam *tupijó*, vivem em casas, têm roças, e têm outra língua. Outros *maracaguaçu*, são vizinhos dos acima ditos, têm a mesma língua. Outros chamam-se *jacuruju*; têm roças, vivem em casa, têm outra língua. Outros que se chamam *tapuuis*⁷⁰ são vizinhos dos sobreditos acima, têm a mesma língua. Outros há que chamam *anacuju*, têm a mesma língua e costumes que os de cima e todos pelejam com flechas ervadas. Outros que se chamam *piracuju*; têm a mesma língua que os de cima e flechas ervadas. Outros há que chamam *taraguaig*, têm outra língua, pelejam com flechas ervadas. Há outros que chamam *panacuju*,⁷¹ sabem a mesma língua dos outros acima ditos. Outros chamam *tipe*, são do campo, pelejam com flechas ervadas. Outros há que chamam *guacarajara*, têm outra língua, vivem em casas, têm roças. Outros vizinhos dos sobreditos que chamam *camaraqôã*.

Há outros que chamam *curupyá*, foram contrários dos *tupinaquins*. Outros que chamam *aquirinó* têm diferente língua. Outros que chamam *piraguaygaguig* vivem debaixo de pedras, são contrários dos de cima ditos. Outros que chamam *pinacuju*. Outros há que chamam *parapotô*, estes sabem a língua dos do mar. Outros *caraembâ*, têm outra língua. Outros que chamam *caracuju* têm outra língua. Outros que chamam *mainuma*, estes se misturam com *guaimurês*, contrários dos do mar; entendem-se com os *guaimurês*, mas têm outra língua. Outros há que chamam *aturary* também entram em comunicação com os *guaimurês*. Outros há que chamam *quitaio*, também comunicam e entram com os *guaimurês*. Há outros que chamam *guipé*, estes foram moradores de Porto Seguro.

70 *Tapecuiu*. (Purchas, ib.)

71 *Pahacuiu*. (Purchas, ib.)

Outros se chamam *quigrajubê*,⁷² são amigos dos sobreditos. Outros que chamam *angararî*, estes vivem não muito longe do mar, entre Porto Seguro e o Espírito Santo. Outros que chamam *amixocori* são amigos dos de cima. Há outros que chamam *carajás*: vivem no sertão da parte de São Vicente; foram do Norte correndo para lá, têm outra língua. Há outros que chamam *apitupá*; vivem no sertão para a banda de *aquitipi*. Outros há que chamam *caraguatajara*; têm língua diferente. Há outros que chamam *aguiguira*, estes estão em comunicação com os acima ditos. Outra nação há no sertão contrária dos *muriapigtanga* e dos *tarapé*, é gente pequena, anã, baixos do corpo, mas grossos de perna e espáduas, a estes chamam os portugueses pigmeus, e os índios lhes chamam *tapiq-y-mirim*,⁷³ porque são pequenos. Outros há que chamam *quiricuiq*, estes vivem no sertão da Bahia, bem longe. Outros que chamam *quiriq* são grandes cavaleiros e amigos dos ditos acima.

Outros se chamam *guajerê*; vivem no sertão de Porto Seguro muito longe. Há outra nação que chamam *aenauiq*; estes foram moradores da terras dos *tupinaquins*, e porque os tupinaquins ficaram senhores das terras⁷⁴ se chamam *tupinaquins*. Há outros que chamam *guaytacâ*; estes vivem na costa do mar entre o Espírito Santo e o Rio de Janeiro; vivem no campo e não querem viver nos matos e vão comer às roças, vêm dormir às roças, vêm dormir às casas, não têm outros tesouros, vivem como o gado que pasce no campo, e não vêm às casas mais que a dormir; correm tanto que a cosso tomam a caça. Outros que chamam *ibigranupâ*,⁷⁵ são contrários dos *tupinaquins* e comunicam com os *guaimurês*; quando justam com os contrários fazem grandes estrondos, dando com uns paus nos outros.

72 *Guigraiube*. (Purchas, ib.)

73 *Taepyquiri*. (Purchas, IV, p. 1300.)

74 *Of the Mountaines*. (Purchas, ib.)

75 *Ibigranupan*. (Purchas, ib.)

Outros que chamam *quirimã*, estes foram senhores das terras da Bahia e por isso se chama a Bahia *Quigrigmurê*.⁷⁶ Os *tupinabas* os botaram de suas terras e ficaram senhores delas, e os *Tapuias* foram para o Sul. Há outros que chamam *maribuió*; moram no sertão em direito do Rio Grande. Outros que chamam *cataguá*; esses vivem em direito de Jequericarê entre o Espírito Santo e Porto Seguro. Outros há que chamam *tapuxerig*; são contrários dos outros tapuias, comem-lhes as roças. Outros que moram pelo sertão que vai para São Vicente chamam-se *amocaxô*, foram contrários dos *tupinaquins*. Outros que chamam *Nonhã*,⁷⁷ têm rostos muito grandes. Há outros, e estes se chamam *apuy*, moram perto do campo do sertão, são grandes cantores, têm diferente língua. Outros há que chamam *panaquiri*,⁷⁸ diferentes dos acima ditos. Outros também diferentes que chamam *bigvorgya*.⁷⁹ Há outra nação que chamam *piriju*, e destes há grande número. Todas essas setenta e seis nações de tapuias, que têm as mais delas diferentes línguas, são gente brava, silvestre e indômita, são contrários quase todas do gentio que vive na costa do mar, vizinhos dos portugueses: somente certo gênero de tapuias que vivem no Rio São Francisco, e outros que vivem mais perto são amigos dos portugueses, e lhes fazem grandes agasalhos quando passam por suas terras. Destes há muitos cristãos que foram trazidos pelos padres do sertão, e aprendendo a língua dos do mar que os padres sabem os batizaram e vivem muitos deles casados nas aldeias dos Padres, e lhes servem de intérpretes para remédio de tanto número de gente que se perde, e somente com esses tapuias se pode fazer algum fruto; com os mais tapuias, não se pode fazer conversão por serem muito andejes e terem muitas e diferentes línguas dificultosas. Somente

76 *Cuirimure*. (Purchas, ib.)

77 *Nonea*. (Purchas, ib.)

78 *Panaquiri*. (Purchas, ib.)

79 *Bigvorgya*. (Purchas, ib.)

fica um remédio, se Deus Nosso Senhor não descobrir outro, e é havendo às mãos alguns filhos seus aprenderam a língua dos do mar, e servindo de intérpretes fará algum fruto ainda que com grande dificuldade pelas razões acima ditas e outras muitas.

III

INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO
P. CRISTÓVÃO GOUVÊA ÀS
PARTES DO BRASIL — ANO DE 83

OU

NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA
VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA

*Pela Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Pernambuco,
Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Vicente (São Paulo) etc.
desde o ano de 1583 ao de 1590, indo por
visitador o P. Cristóvão de Gouvea*

Escrita em duas Cartas ao P. Provincial em Portugal

NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA

I

Nesta com o favor divino darei conta a vossa reverência da nossa viagem e missão a esta província do Brasil, e determino contar todo o principal que nos tem sucedido, não somente na viagem, mas também em todo o tempo da visita que vossa reverência tenha maior conhecimento das coisas desta província, e para maior consolação minha, porque em tudo desejo de comunicar-me com vossa reverência e mais padres e irmãos desta província.

Recebendo o Padre Cristóvão de Gouvêa patente de nosso Padre Geral, Claudio Aquaviva, para visitar esta província lhe foi dado por companheiro o Padre Fernão Cardim, ministro do colégio d'Évora, e o irmão Barnabé Tello. Juntos em Lisboa no princípio de outubro de 82 residimos aí cinco meses pela detença que fez o Sr. Governador Manuel Teles Barreto. Em todo este tempo se aparelhava matalotagem e se negociaram muitas coisas, às quais tinha ido o Padre Rodrigo de Freitas. O padre visitador tratou por vezes com alguns prelados e letrados casos de muita importância sobre os cativeiros, batismos e casamentos dos índios e escravos de Guiné, de cujas resoluções se seguiu grande fruto e aumento da cristandade depois que chegamos ao Brasil. Também falou algumas vezes com El-Rei, o qual com muita liberalidade lhe fez esmola de quinhentos cruzados para os padres que residem nas aldeias dos índios, e deu uma provisão para se darem ornamentos

a todas as igrejas que os nossos têm nesta província, sc. frontais e vestimentas de damasco com o mais aparelho para os altares, o que tudo importaria passante de dois mil cruzados, e por sua grande benignidade e zelo que tem da cristandade e proteção da Companhia deu ao padre cartas em seu favor e dos índios para todos os capitães e câmaras das cidades e vilas, encomendando-lhes muito o padre e o aumento de nossa santa fé e que com eles tratassem particularmente todas as coisas pertencentes não somente ao serviço de Deus, mas também ao governo da terra e conservação deste seu estado.

Chegado o tempo de partida nos embarcamos com o sr. governador na nau *Chagas São Francisco*, em companhia de uma grande frota. Viemos bem acomodados em uma câmara grande e bem providos do necessário. Aos 5 de março de 83 levamos âncora, e com bom tempo, em 9 dias arribamos à Ilha da Madeira, onde fomos recebidos do Padre Rodrigues, reitor, e dos mais padres e irmãos, com grande alegria e caridade. O governador saindo em terra, se agasalhou no colégio e foi bem servido, etc. O padre visitou aquele colégio como v. rv^a tinha ordenado, declarou-lhe as regras novas, e com práticas e colóquios familiares ficaram todos mui consolados: foi por vezes visitado do sr. bispo e mais principais da terra. Passados dez dias nos fizemos à vela aos 24 de março, véspera de N. Senhora da Anunciação, e com tal guia e estrela do mar cursando as brisas, que são os nordestes gerais daquela paragem, nem tomando o Cabo Verde, em breve nos achamos em 4 graus da equinocial, onde por cinco ou seis dias tivemos grandes calmarias, trovoadas e chuviros tão escuros e medonhos, e tão fortes ventos, que era coisa d'espanto, e no meio-dia ficávamos numa noite mui escura. Nesse tempo (pelas grandes calmas, faltas de bons mantimentos e abundância de pescado que se tomava e comia, por não ser muito sadio) adoeceram muitos dumas febres tão coléricas e agudas que em breve os punham em perigo



manifesto da vida. Eram esses doentes de nós ajudados em suas necessidades, os quais com confissões, práticas, lição das vidas dos santos, e animados de dia, e de noite, e no temporal ajudados com medicinas, e outros mimos de doentes, conforme as suas necessidades, e nossa pobreza e possibilidade; com eles houve não pequena matéria de merecimento, e não pequena consolação, porque com as diligências que se lhes faziam foi Nosso Senhor servido que só um morresse em toda a viagem, exceto outro que caiu ao mar, sem lhe podermos ser bons.

Os nossos também participaram dessa visitação das mãos de Deus. O primeiro que caiu foi o padre visitador, das mesmas febres tão agudas, e rijas, que nos parecia que não escaparia daquela. Foi sangrado três vezes, enxaropado, e purgado, provido de todas as galinhas, alcaparras, perrexil, chicórias, e alfaces verdes, e coisas doces, e outros mimos necessários, que pareceria estarmos no colégio de Coimbra; e tudo se deve à caridade do irmão Sebastião Gonçalves, que com grande amor mais que de pai e de mãe provê a todos que se embarcam para estas partes. O segundo foi o Padre Rodrigo de Freitas, que, adoecendo das mesmas febres, chegou a grande fraqueza, da qual com três sangrias e uma purga se convalesceu. Os mais companheiros tivemos saúde nem nos pesou para os curar, e servir, graças ao Senhor, com tudo. Todo o tempo de viagem exercitamos nossos ministérios com os da nau, confessando, pregando, pondo em paz os discordes, impedindo juramentos e outras ofensas de Deus, que em semelhantes viagens se cometem todos os dias. À noite havia ladainhas às quais se achava o sr. governador com seus sobrinhos e mais da nau. Na Semana Santa houve mandato (7 de abril), ladainhas e *miserere* em canto d'órgão. A manhã da gloriosa Ressurreição (10 de abril) se celebrou com muitos foguetes, árvores, e rodas de fogo, disparando algumas peças d'artilharia, depois houve procissão pela nau, e pregação. O governador,

com todos os seus, tratou sempre o padre com grande respeito e reverência, algumas vezes o convidava a jantar, o que o padre visitador lhe aceitou algumas vezes. Toda a viagem se confessou comigo, e algumas vezes na Bahia; mas como chegaram os frades bentos, logo se confessou com eles.

Passada a equinocial entraram os ventos gerais, com que arribamos à Bahia de Todos os Santos a 9 de maio de 83. Gastamos na viagem, com dez dias de detença na Ilha da Madeira, 66 dias. Os padres visitador e Rodrigo de Freitas, dois ou três dias antes da chegada, tornaram a recair gravemente; e tanto que demos fundo veio à nau o Padre Gregório Serrão, reitor, e outros padres: saímos logo em terra na praia; à porta da nossa cerca, nos esperavam quase os mais padres e irmãos, que nos levaram ao colégio com grande alvoroço e contentamento. Estava um cubículo enramado e bem-concertado para o padre visitador, no qual foi curado com grande caridade, não faltando médico, e muitos e diligentes enfermeiros, com os mais mimos de todas as conservas, e coisas necessárias para sua saúde, e com suar cada dia três ou quatro camisas nunca faltavam. Daí a três ou quatro dias, adoeceu o irmão Barnabé Tello, esteve muito ao cabo, foi sangrado sete vezes, e purgado, tinha grande fastio, e com vinho se lhe foi; e pela bondade de Deus, e diligência grande, que com eles se teve, todos recuperaram a saúde desejada, e a Deus com orações de todos pedida.

Convalescido o padre, começou visitar o colégio, lendo-se primeiro a patente na primeira prática; nela, e em outras muitas que fez, e mais colóquios familiares, consolou muito a todos. Ouviu as confissões gerais, renovaram-se os votos com devoção, e alegria; distribuiu a todos muitas relíquias, *agnus dei*, relicários, imagens e contas bentas; deram-se a todos regras novas e se puseram em execução as que ainda a não tinham, com que todos ficaram com maior luz, renovando-se no espírito de nosso instituto. Era matéria de grande consolação ver a alegria com que todos declaravam



suas consciências ao padre, o fervor das penitências com outros exercícios de virtude e humildade.

Quando o padre visitou as classes, foi recebido dos estudantes, com grande alegria e festa. Estava todo o pátio enramado, as classes bem armadas com guardamecins, painéis e várias sedas. O Padre Manuel de Barros, lente do curso, teve uma eloquente oração, e os estudantes, duas em prosa e verso: recitaram-se alguns epigramas, houve boa música de vozes, cravo e descantes. O padre visitador lhes mandou dar a todos *agnus dei*, relíquias e contas bentas, de que ficaram agradecidos. Daí a dois ou três dias, vindo o sr. governador à casa, os estudantes o receberam com a mesma festa, recitando-lhe muitos epigramas; o Padre Manuel de Barros lhe teve uma oração cheia de muitos louvores, onde entraram todos os troncos, e avoengas do Monizes, com as mais maravilhas que têm feito na Índia, de que ficou muito satisfeito.

Trouxe o padre uma cabeça das onze mil virgens, com outras relíquias engastadas em um meio corpo de prata, peça rica e bem-acabada. A cidade e os estudantes lhe fizeram um grave e alegre recebimento: trouxeram as santas relíquias da Sé ao colégio em procissão solene, com flautas, boa música de vozes e danças. A Sé, que era um estudante ricamente vestido, lhe fez uma falha do contentamento que tivera com sua vinda; a cidade lhe entregou as chaves; as outras duas virgens, cujas cabeças já cá tinham, a receberam à porta de nossa igreja; alguns anjos as acompanharam, porque tudo foi a modo de diálogo. Toda a festa causou grande alegria no povo, que concorreu quase todo.

A Bahia é cidade d'El-Rei, e a corte do Brasil; nela residem os srs. bispo, governador, ouvidor-geral, com outros oficiais de justiça de sua majestade; dista da equinocial treze graus. Não está muito bem situada, mas por ser sobre o mar é de vista aprazível para a terra, e para o mar: a barra tem quase três léguas de boca, e uma enseada com algumas ilhas pelo meio, que terá em circuito quase

quarenta léguas. É terra farta de mantimentos, carnes de vaca, porco, galinha, ovelhas, e outras criações; tem 36 engenhos, neles se faz o melhor açúcar de toda a costa; tem muitas madeiras de paus de cheiro, de várias cores, de grande preço; terá a cidade com seu termo passante de três mil vizinhos portugueses, oito mil índios cristãos, e três ou quatro mil escravos de Guiné; tem seu cabido de cônegos, vigário geral provisor, etc. com dez ou doze freguesias por fora, não falando em muitas igrejas e capelas que alguns senhores ricos têm em suas fazendas.

Os padres têm aqui colégio novo quase acabado; é uma quadra formosa com boa capela, livraria, e alguns trinta cubículos, os mais deles têm as janelas para o mar. O edifício é todo de pedra e cal de ostra, que é tão boa como a de pedra de Portugal. Os cubículos são grandes, os portais de pedra, as portas d'angelim, forradas de cedro; das janelas descobrimos grande parte da Bahia, e vemos os cardumes de peixes e baleias andar saltando n'agua, os navios estarem tão perto que quase ficam à fala. A igreja é capaz, bem cheia de ricos ornamentos de damasco branco e roxo, veludo verde e carmesim, todos com tela d'ouro; tem uma cruz e turíbulo de prata, uma boa custódia para as endoenças, muitos e devotos painéis da vida de Cristo e todos os Apóstolos. Todos os três altares têm dosséis, com suas cortinas de tafetá carmesim; tem uma cruz de prata dourada, de maravilhosa obra, com Santo Lenho, três cabeças das onze mil virgens, com outras muitas e grandes relíquias de santos, e uma imagem de Nossa Senhora de São Lucas, mui formosa e devota.

A cerca é muito grande, bate o mar nela, por dentro se vão os padres embarcar, tem uma fonte perene de boa água com seu tanque, aonde se vão recrear; está cheia de árvores d'espinho, parreiras de Portugal, as quais se as podam a seus tempos, todo o ano estão verdes, com uvas, ou maduras ou em agraço. A terra tem muitas frutas, sc., ananases, pacobás, e todo o ano há frutas nos



refeitórios. O ananás é fruta real, dá-se em umas como penças de cardos ou folhas d'erva babosa, são da feição e tamanho de pinhas, todos cheios de olhos, os quais dão umas formosíssimas flores de várias cores: são de bom gosto, cheiram bem, para dor de pedra são salutíferos: delas fazem os índios vinho, e têm outras boas comodidades; a maior parte do ano os há. Tem alguns coqueiros, e uma árvore que chamam *cuieira* que não dá mais do que cabaças, é fresca e muito para ver. Legumes não faltam da terra e de Portugal; berinjelas, alfaces, couves, abóboras, rabãos e outros legumes e hortaliças. Fora de casa, tão longe como Vila Franca de Coimbra, tem um tanque mui formoso, em que andaré um bom navio; anda cheio de peixes: junto a ele há muitos bosques de arvoredos mui frescos; ali se vão recrear os assuetos, e no tanque entram algumas ribeiras de boa água em grande quantidade.

O colégio tem três mil cruzados de renda, e algumas terras onde fazem os mantimentos; residem nele de ordinário sessenta; sustentam-se bem de mantimentos, carne e pescados da terra; nunca falta um copinho de vinho de Portugal, sem o qual se não sustenta bem a natureza por a terra ser desleixada e os mantimentos fracos; vestem e calçam como em Portugal; estão bem empregados em uma lição de Teologia, outra de casos, um curso d'artes, duas classes de humanidades, escola de ler e escrever; confessam e pregam em nossa igreja, sé, etc. Outros empregam-se na conversão dos índios, e todos procuram a perfeição com grande cuidado, e serve-se Nosso Senhor muito desse colégio, ao qual será honra e glória.

Depois da renovação dos votos, quis o padre ver as aldeias dos índios brevemente para ter algumas notícias delas. Partimos para a aldeia do Espírito Santo, sete léguas da Bahia, com alguns trinta índios, que com seus arcos e flechas vieram para acompanhar o padre e revezados de dois em dois o levavam numa rede. Os mais companheiros íamos a cavalo, os *tapyaras* sc., padres moradores,



iam a pé com suas abas na cinta, descalços como de ordinário costumam. Aquela noite nos agasalhou um homem rico, honrado, devoto da Companhia, em uma sua fazenda, com todas as aves e caças e outras muitas iguarias, e ele mesmo servia à mesa. Ao dia seguinte dissemos missa antemanhã, a qual acabada já o almoço estava prestes de muitas e várias iguarias, que nos ajudaram passar aquele dia muitos rios caudais. Um deles passaram os índios o padre na rede, pondo-o sobre as cabeças, porque lhes dava a água quase pelo pescoço, os mais passamos a cavalo com bem de trabalho. Passado este chegamos ao grande Rio Joanes; este passamos em uma jangada de paus levíssimos, o padre visitador ia na jangada sobre uma sela, por se não molhar, e os índios a nado levavam a jangada.

Chegando o padre à terra começaram os flautistas a tocar suas flautas com muita festa, o que também fizeram enquanto jantamos debaixo de um arvoredo de aroeiras mui altas. Os meninos índios, escondidos em um fresco bosque, cantavam várias cantigas devotas enquanto comemos, que causavam devoção, no meio daqueles matos, principalmente uma pastoril feita de novo para o recebimento do padre visitador seu novo pastor. Chegamos à aldeia à tarde; antes dela um bom quarto de légua, começaram as festas que os índios tinham aparelhadas, as quais fizeram em uma rua de altíssimos e frescos arvoredos, dos quais saíam uns cantando e tangendo a seu modo, outros em ciladas saíam com grande grita e urros, que nos atroavam e faziam estremecer. Os *cunumis* sc., meninos, com muitos molhos de flechas levantadas para cima, faziam seu motim de guerra e davam sua grita, e pintados de várias cores, nuzinhos, vinham com as mãos levantadas receber a bênção do padre, dizendo em português, “louvado seja Jesus Cristo”. Outros saíram com uma dança d’escudos à portuguesa, fazendo muitos trocados e dançando ao som da viola, pandeiro e tamboril e flauta, e juntamente representavam um breve diálogo, cantando



algumas cantigas pastoris. Tudo causava devoção debaixo de tais bosques, em terras estranhas, e muito mais por não se esperarem tais festas de gente tão bárbara. Nem faltou um *anhangá*, sc. diabo, que saiu do mato; este era o diabo Ambrósio Pires, que a Lisboa foi com o Padre Rodrigo de Freitas. A essa figura fazem os índios muita festa por causa de sua formosura, gatimanhos e trejeitos que faz; em todas as suas festas metem algum diabo, para ser deles bem celebrada.

Estas festas acabadas, os índios *murubixaba* (XVIII), sc., principais, deram o *Ereiupe* ao padre, que quer dizer *Vieste?*, e beijando-lhe a mão recebiam a bênção. As mulheres nuas (coisa para nós mui nova), com as mãos levantadas ao céu, também davam seu *Ereiupe*, dizendo em português, “louvado seja Jesus Cristo”. Assim de toda a aldeia fomos levados em procissão à igreja com danças e boa música de flauta, com *Te Deum laudamus*. Feita oração, lhes mandou o padre fazer uma fala na língua, de que ficaram muito consolados e satisfeitos; aquela noite os índios principais, grandes línguas, pregavam da vida do padre a seu modo, que é da maneira seguinte: começavam pregar de madrugada deitados na rede por espaço de meia hora, depois se levantam, e correm toda a aldeia pé ante pé muito devagar, e o pregar também é pausado, freimático, e vagaroso; repetem muitas vezes as palavras por gravidade, contam nestas pregações todos os trabalhos, tempestades, perigos de morte que o padre padeceria, vindo de tão longe para os visitar, e consolar, e juntamente os incitam a louvar a Deus pela mercê recebida, e que tragam seus presentes ao padre, em agradecimento. Era para os ver vir com suas coisas, sc., patos, galinhas, leitões, farinha, beijus com algumas raízes, e legumes da terra. Quando dão essas coisas comumente não dizem nada, mas botando-as aos pés do padre se tornam logo. Foi o padre deles visitado muitas vezes, agradecendo-lhes dava das coisas de Portugal, como facas, tesouras, pentes, fitas, gualterias, *agnus dei* em *nominas* de seda;

mas o com que mais folgavam era com uma vez de *caqui-été*, sc., vinho de Portugal.

Ao dia seguinte, dia da visitação de Santa Isabel (3 de julho), precedendo as confissões gerais, renovaram os padres e irmãos das aldeias seus votos, para que estavam ali juntos, e o padre visitador disse missa cantada com diácono, e subdiácono, oficiada em canto d'órgão pelos índios, com suas flautas. Dali fomos à aldeia de São João, duas léguas desta, onde houve semelhantes recebimentos e festas, com muita consolação dos índios e nossa.

É coisa de grande alegria ver os muitos rios caudais e frescos bosques de altíssimos arvoredos, que todo o ano estão verdes e cheios de formosíssimos pássaros, que em sua música não dão muita vantagem aos canários, rouxinóis e pintassilgos de Portugal, antes lh'a levam na variedade e formosura de sua pena. Os índios caminham muito por terra, levando o padre sempre de galope, passando muitos rios e atoleiros, e tão depressa que os de cavalo os não podiam alcançar. Nunca entre eles há desavença nem peleja sobre quem levou mais tempo ou menos, etc., mas em tudo são amigos e conformes. Outra coisa me espantou não pouco, e foi que saímos de casa algumas quarenta pessoas, sem coisa alguma de comer, nem dinheiro; porém, onde quer que chegávamos, e a qualquer hora, éramos agasalhados com toda a gente de todo o necessário de comer, carnes, pescados, mariscos, com tanta abundância que não fazia falta a ribeira de Lisboa. Nem faltavam camas, porque as redes, que servem de cama, levávamos sempre conosco, e este é cá o modo de peregrinar, *sine pena*, mas Nosso Senhor a todos sustenta nestes desertos com abundância.

Passados três meses de visita depois da nossa chegada, aos 18 d'agosto partimos para Pernambuco: sc. o padre visitador, padre provincial, Padre Rodrigo de Freitas, os irmãos Francisco Dias e Barnabé Tello e outros padres e irmãos; e logo no dia seguinte com vento contrário, por mais não podermos, arribamos à Bahia.



Tornando a partir o dia seguinte com o mesmo vento contrário, lançamos âncora na barra do Camamu, terras do colégio da Bahia (que dela dista dezoito léguas): aqui estivemos oito dias, esperando tempo e vendo aquelas terras. O Camamu são doze léguas de terra, por costa, e seis em quadra, para o sertão: tem uma barra de três léguas de boca, com uma baía e formosa enseada, que terá pas-sante de quinze léguas, em roda e circuito; toda ela está cheia de ilhotes muito aprazíveis, cheios de muitos papagaios; dentro nela entram três rios caudais tamanhos ou maiores que o Mondego de Coimbra, afora muitas outras ribeiras, onde há águas para oito engenhos copeiros, e podem-se fazer outros rasteiros, e trapiches. As terras são muito boas; estão por cultivar, por serem infestadas dos guaimurés, gentio silvestre, tão bárbaro que vivem com brutos animais nos matos, sem povoação, nem casas: a enseada traz muitos pescados e peixes-bois: os lagostins, ostras e mariscos não têm conta: se estas terras foram povoadas bem puderam sustentar todos os colégios desta província e ainda fazer alguma caridades, maximé de açúcar a esta província; mas como agora está, rende pouco ou nada. O Governador Mem de Sá fez doação destas terras ao colégio da Bahia.

Do Camamu tornamos a tentar viagem, e não podendo arri-bamos à Capitania dos Ilhéus, donde temos casa, a qual o padre visitou por espaço de oito dias que esperamos tempo: da visita ficaram os nossos mui consolados e animados. Os portugueses maiores visitaram por vezes o padre, com muitas mostras de amor e refazendo os bastimentos para a viagem, com galinhas, patos, e farinhas e outras coisas, conforme à sua caridade e possibilidade.

Os Ilhéus distam da Bahia trinta léguas: é capitania do senho-rio, sc., de Francisco Giraldes: é vila intitulada de São Jorge; terá cinquenta vizinhos com seu vigário: tem três engenhos de açúcar: é terra abastada de mantimentos, criações de vacas, porcos, gali-nhas e algodões: não tem aldeias de índios. Estão muito apertados



dos guaimurés, e com eles em contínua guerra: não se estendem pelo sertão adentro mais de meia até uma légua, e pela costa, de cada parte, duas ou três léguas.

Os nossos têm aqui casa, onde residem de ordinário seis; tem quatro cubículos de sobrado bem-acomodados, igreja e oficinas; está situada em lugar alto sobre o mar: tem sua cerca aprazível, com coqueiros, laranjeiras e outras árvores de espinho e frutas da terra: as árvores de espinho são nesta terra tantas que os matos estão cheios de laranjeiras e limoeiros de toda sorte, e por mais que cortam não há desinçá-los.

Acabada a visita dos Ilhéus, tornamos a partir aos 21 de setembro, dia do glorioso apóstolo São Mateus: ao dia seguinte nos deitou o tempo em Porto Seguro. (E ainda que eram arribadas, tudo caía em proveito, porque visitava o padre de caminho estas casas, e o tempo contrário dava lugar para tudo.) Fomos recebidos de um irmão com muita caridade, porque os outros três estavam na aldeia de São Mateus com o sr. administrador, que tinham ido à festa. Partimos logo para a mesma aldeia visitar aqueles índios: passamos um rio caudal mui formoso e grande: caminhamos uma légua a pé, em romaria a uma Nossa Senhora da Ajuda, que antigamente fundou um padre-nosso; e a mesma igreja foi da Companhia: e cavando junto dela o Padre Vicente Rodrigues, irmão do Padre Jorge Rijo (que é um santo velho, que dos primeiros que vieram com o Padre Manuel da Nóbrega, ele só é vivo) cavando como digo, junto da igreja, arrebentou uma fonte d'água, que sai debaixo do altar da Senhora, e faz muitos milagres, ainda agora: tem um retábulo da Anunciação de maravilhosa pintura e devotíssima: o padre que edificou a casa, que é um velho de setenta anos, vai lá todos os sábados a pé dizer missa, e pregar a quase toda a gente da vila, que ali costuma ir os sábados em romaria, e para sua consolação lhe deu o padre licença que se enterrasse naquela igreja quando falecesse; e bem creio que recolherá a Virgem um



tal devoto e receberá sua alma no Céu, pois a tem tão bem servido. Chegamos à aldeia, que dista cinco léguas da vila, por caminho de uma alegre praia. Foi o padre recebido dos índios com uma dança mui graciosa de meninos todos empenados, com seus diademas na cabeça, e outros atavios das mesmas penas, que os faziam mui lustrosos, e faziam suas mudanças, e invenções mui graciosas: dali tornamos à vila, e vindo encalmados por uma praia, eis que desce de um alto monte uma índia vestida como elas costumam, com uma porcelana da Índia, cheia de queijadinhas d'açúcar, com um grande púcaro d'água fria; dizendo que aquilo mandava seu senhor ao Padre Provincial Joseph. Tomamos o padre visitador e eu a salva, e o mais dissemos desse ao Padre Joseph, que vinha detrás com as abas na cinta, descalço, bem cansado: é esse padre um santo de grande exemplo e oração, cheio de toda a perfeição, desprezador de si e do mundo; uma coluna grande desta província, e tem feito grande cristandade e conservado grande exemplo: de ordinário anda a pé, nem há retirá-lo de andar, sendo muito enfermo. Enfim, sua vida é *verè apostolica*.

Depois que o padre visitou a casa, ouvindo as confissões gerais com muita consolação de todos, e deixando os avisos necessários, partimos para outra aldeia de Santo André, daí cinco léguas: está situada junto de um rio caudal, e da Vila Santa Cruz, que foi o primeiro porto que tomou Pedr'alvares Cabral no ano de mil e quinhentos, indo para a Índia; e por ser bom o porto, lhe chamou Porto Seguro. No dia do Anjo preguei na matriz da vila: houve muitas confissões, e comunhões, com extraordinária consolação do povo por haver dias que não ouviam missa, por estar seu vigário suspenso: dos moradores portugueses e índios, fomos bem agasalhados, com grandes sinais de amor e abundância do necessário.

A Capitania de Porto Seguro é do Duque d'Aveiro: dista da Bahia sessenta léguas: a vila está situada entre dois rios caudais em um

monte alto, mas tão chã, e largo que pudera ter uma grande cidade. A barra é perigosa, toda cheia de arrecifes, e terá quarenta vizinhos com seu vigário. Na misericórdia tem um crucifixo de estatura de um homem, o mais bem acabado proporcionado e devoto que vi, e não sei como a tal terra veio tão rica coisa. A gente é pobre, por estar a terra já gastada, e estão apertados dos guaimurés: as vacas lhes morrem por causa de certa erva, de que há cópia, e comendo-a logo arrebetam. Tem um engenho de açúcar; foi fértil de algodão e farinhas, mas também estas duas lhe vão já faltando, pelo que se despoeva a terra.

Aqui temos casa em que residem de ordinário quatro: tem igreja bem-acomodada, e ornada; o sítio é mui largo, com uma formosa cerca de todas as árvores d'espinhos, coqueiros e outras da terra, hortaliça, etc. Toda a casa é aprazível por estar edificada sobre o mar. Os padres têm a seu cargo duas aldeias de índios, que terão passante duzentas pessoas e visitam outras cinco ou seis, com muito perigo dos guaimurés.

Junto a Porto Seguro quatro léguas, está a vila chamada Santa Cruz, situada sobre um formoso rio; terá quarenta vizinhos com seu vigário; é algum tanto mais abastada que Porto Seguro. De Santa Cruz partimos aos 2 de outubro com um camboeiro, que em um dia e noite nos deitou sessenta léguas, e tornando acalmar, corremos com nordeste franco toda a tarde para a Bahia, já determinados de não ir naquelas monções, que se iam acabando, a Pernambuco, e também porque se chegara o tempo da congregação, que se havia de começar a 8 de dezembro.

Chegados à Bahia, vendo o padre visitador que todo aquele ano e o seguinte; até junho não podíamos ir a Pernambuco, começou de tratar mais de propósito dos negócios de toda a província, tomando mais notícia das pessoas dela, e das mais causas que nela ocorrem. Ocupou-se muito tempo com os padres Ignacio Tolosa, Quiricio Caxa, Luiz da Fonseca, e outros padres



superiores e teólogos, em concluir algumas dúvidas de casos de consciência; e fez fazer um compêndio das principais dúvidas que por cá ocorrem, principalmente nos casamentos e batismos dos índios e escravos de Guiné, de que se seguiu grande fruto; e os padres ficaram com maior luz para se poderem haver em semelhantes casos. Fez também compilar os privilégios da Companhia, declarando os que estavam mal entendidos, e fez que os confessores tivessem a parte distinta dos que lhes pertencem, para que entendessem os poderes que têm. E tudo se seguiu muito fruto: glória ao Senhor.

Chegado o tempo da congregação, se começou a 8 de dezembro estando presente o padre provincial com os professores de quatro votos que estavam no colégio, que eram somente quatro, e o superior dos Ilhéus, com o Padre Antônio Gomes, procurador da província, porque aos mais não chegaram as cartas a tempo, nem puderam vir por falta das monções e embarcações. Foi eleito o Padre Antônio Gomes por procurador.

No tempo da congregação se recolheu o padre visitador em Nossa Senhora da Escada, ermida do colégio, que dista duas léguas da cidade. Acabada a congregação por ordem do padre visitador por reitor do colégio do Rio de Janeiro o Padre Ignacio de Tolosa com três padres e alguns irmãos; foram bem acomodados em nosso navio. Também deu profissão de quatro votos ao Padre Luiz da Fonseca, companheiro do padre provincial, e quatro padres coadjutores espirituais, e três irmãos temporais, entre os quais entrou o irmão Barnabé Tello. Eu fiquei uns quinze dias com o cuidado dos noviços em lugar do Padre Tolosa, enquanto não vinha de uma missão o Padre Vicente Gonçalves, que lhe havia de suceder.

Tivemos pelo Natal um devoto presépio na povoação, onde algumas vezes nos ajuntávamos com boa e devota música, e o irmão Barnabé nos alegrava com seu berimbau. Dia de Jesus,



precedendo as confissões gerais, que quase todos fizeram com o padre visitador, se renovaram os votos: pregou em nossa igreja o sr. bispo: tinha o padre visitador já nesse tempo aviado de sua parte o Padre Antônio Gomes de todos papéis, cartas e avisos necessários, para tratar em Roma e em Portugal; pelo que determinou visitar a segunda vez as aldeias dos índios mais devagar.

Aos 3 de janeiro partimos o padre visitador, padre provincial e outros padres e irmãos. Fomos aquela noite agasalhados em casa de um sacerdote devoto da Companhia, que depois entrou nela. Fomos servidos de várias iguarias com todo bom serviço de porcelanas da Índia e prata, e o mesmo sacerdote servia a mesa com grande diligência e caridade. Todo o dia seguinte estivemos em sua casa, e à tarde nos levou a um rio caudal que estava perto, mui alegre e fresco, e para que a água, ainda que era fria e boa, não fizesse mal mandou levar várias coisas doces tão benfeitas, que pareciam da Ilha da Madeira. Ao dia seguinte depois da missa nos acompanhou até à aldeia, e no caminho junto da cachoeira de outro formoso rio nos deu um jantar com o mesmo concerto e limpeza, acompanhado de várias iguarias de aves, e caças. Enquanto comemos os índios pescaram alguns peixes: eram tão destros nisso que em chegando a um rio suados logo se deitam a nadar e lavar, tiram das linhas, tomam peixes, fazem fogo e se põem a assar e comer; e tudo com tanta presteza que é coisa d'espanto. Também os flautistas nos alegraram, que ali vieram receber o padre. Junto da aldeia do Espírito Santo nos esperavam os padres que dela têm cuidado, debaixo de uma fresca ramada, que tinha uma fonte portátil, que por fazer calma, além de boa graça, refrescava o lugar. Debaixo da ramada se representou pelos índios um diálogo pastoril, em língua brasílica, portuguesa e castelhana, e têm eles muita graça em falar línguas peregrinas, maximé a castelhana. Houve boa música de vozes, flautas, danças e d'ali em procissão fomos até à igreja, com várias invenções; e feita oração



lhes deitou o padre visitador sua bênção, com que lhes cuidam que ficam santificados, pelo muito que estimam uma bênção do *Abaré-guaçu*.

Dia dos Reis (6 de janeiro de 84) renovaram os votos alguns irmãos. O padre visitador antes da missa, revestido em capa d'asperges de damasco branco, com diácono e subdiácono vestidos do mesmo damasco, batizou alguns trinta adultos. Em todo o tempo do batismo houve boa música e motetes, e de quando em quando se tocavam as flautas. Depois disse missa solene com diácono e subdiácono, oficiada em canto d'órgão pelos índios, com suas flautas, cravo e descante: cantou na missa um mancebo estudante alguns salmos e motetes, com extraordinária devoção.

O padre na mesma missa casou alguns em lei da graça, precedendo na mesma missa os banhos; deu a comunhão a cento e oitenta índios e índias, dos quais vinte e quatro, por ser a primeira vez, comungaram à primeira mesa, com capela de flores na cabeça; depois da comunhão lhes deitou o padre ao pescoço algumas verônicas e *nominas* com *agnus dei* de várias sedas, com seus cordões e fitas, de que todos ficaram mui consolados. Um desses era um grande principal por nome Mem de Sá que havia vinte anos que era cristão; foi tanta a consolação que teve de ter comungado que não cabia de alegria. Todo o dia trouxe a capela na cabeça e a guardou, dizendo que a havia de ter guardada até morrer, para se lembrar da mercê que Nosso Senhor lhe fizera em o chegar a poder comungar.

É muito para ver e louvar Nosso Senhor a grande devoção de fervor que se vê nesses índios, quando hão de comungar; porque os homens quase todos se disciplinam à noite antes por espaço de um *miserere*, precedendo ladainha e sua exortação espiritual na língua: dão em si cruelmente; nem têm necessidade de esperar pela noite, porque muitos por sua devoção, acabando-se de



confessar ainda que seja de dia, se disciplinam na igreja, diante de todos, e quase todos têm disciplina, que sabem fazer muito boas.

As mulheres por sua devoção jejuam dois ou três dias antes, e todos ao comungar têm muita devoção, e choram alguns muitas lágrimas: confessam-se de coisa mui miúdas, e ao dia da comunhão se tornam a reconciliar, por levíssima que seja a matéria da absolvição. Se lhes dizem que não é nada, que vão comungar, respondem: pai, como hei de comungar sem me absolveres?

No meio da missa houve pregação na língua, e depois procição solene com danças e outras invenções. O padre visitador levava o Santíssimo Sacramento em uma custódia de prata debaixo do pálido, e as varas levavam alguns principais, e levam-nas tão atento propósito, e vão tão devotos ou pasmados, que é para ver. Tive grande consolação em confessar muitos índios e índias, por intérprete; são candidíssimos, e vivem com muito menos pecados que os portugueses. Dava-lhes sua penitência leve, porque não são capazes de mais, e depois da absolvição lhes dizia, na língua: *xê rair tupã toçô de hirunamo*, sc. — filho, Deus vá contigo.

Acabada a festa espiritual lhes mandou o padre visitador fazer outra corporal, dando-lhes um jantar a todos os da aldeia, debaixo de uma grande ramada. Os homens comiam a uma parte, as mulheres a outra: no jantar se gastou uma vaca, alguns porcos mansos e do mato, com outras caças, muitos legumes, frutas e vinhos feitos de várias frutas, a seu modo. Enquanto comiam, lhes tangiam tambores, e gaitas. A festa para eles foi grande, pelo que determinaram à tarde alegrar o padre, jogando as laranjadas, fazendo motins e sulcas de guerra a seu modo, e à portuguesa. Quando estes fazem esses motins, andam muitos juntos em um corpo como magote com seus arcos nas mãos e molhos de flechas levantadas para cima; alguns se pintam e empenam de várias cores. As mulheres os acompanham, e os mais deles nus, e

juntos andam correndo toda a povoação, dando grandes urros, e juntamente vão bailando, e cantando ao som de um cabaço cheio de pedrinhas (como os pandeirinhos dos meninos em Portugal). Vão tão serenos e por tal compasso que não erram ponto com os pés, e calcam o chão de maneira que fazem tremer a terra. Andam tão inflamados em braveza, e mostram tanta ferocidade, que é coisa medonha e espantosa. As mulheres e meninos também os ajudam nesses bailes e cantos; fazem seus trocados e mudanças com tantos gatimanhos e trejeitos que é coisa ridícula. De ordinário não se bolem de um lugar, mas estando quedos em roda fazem os meneios com o corpo, mãos e pés. Não se lhes entende o que cantam, mas disseram-me os padres que cantavam em trova quantas façanhas e mortes tinham feito seus antepassados. Arremedam pássaros, cobras e outros animais, tudo trovado por comparações, para se incitarem a pelejar. Essas trovas fazem de repente, e as mulheres são insignes trovadoras. Também quando fazem esse motim tiram um e um a terreiro, e ambos se ensaiam até que algum cansa, e logo lhe vem outro acudir. Algumas vezes procuram de vir a braços e amarrar o contrário, e tudo isso fazem para se embravecer. Enfim por milagre tenho a domar-se gente tão fera; mas tudo pode um zeloso e humilde, cheio de amor de Deus, e das almas, etc.

Moravam os índios antes de sua conversão em aldeias, em umas *ocas* ou casas mui compridas, de duzentos, trezentos, ou quatrocentos palmos, e cinquenta em largo, pouco mais ou menos fundadas sobre grandes esteios de madeiras, com as paredes de palha ou de taipa de mão, cobertas de *pindoba*, que é certo gênero de palma que veda bem água, e dura três ou quatro anos. Cada casa dessas tem dois ou três buracos sem portas nem fecho: dentro nelas vivem logo cento ou duzentas pessoas, cada casal em seu rancho, sem repartimento nenhum, e moram duma parte e outra, ficando grande largura pelo meio, e todos ficam como em

comunidade, e entrando na casa se vê quanto nela está, porque estão todos à vista uns dos outros, sem repartimento nem divisão. E como a gente é muita, costumam ter fogo de dia e noite, verão e inverno, porque o fogo é sua roupa, e eles são mui coitados sem fogo. Parece a casa um inferno ou labirinto, uns cantam, outros choram, outros comem, outros fazem farinha e vinhos, etc., e toda a casa arde em fogos; porém é tanta a conformidade entre eles que em todo o ano não há uma peleja, e com não terem nada fechado não há furtos; se fora outra qualquer nação, não poderiam viver da maneira que vivem sem muitos queixumes, desgostos e ainda mortes, o que se não acha entre eles. Este costume das casas guardam também agora depois de cristãos. Em cada oca destas há sempre um principal a que têm alguma maneira de obediência, (ainda que haja outros mais somenos). Este exorta a fazerem suas roças e mais serviços, etc., excita-os à guerra; e lhe têm em tudo respeito; faz-lhes essas exortações por modo de pregação, começa de madrugada deitado na rede por espaço de meia hora, em amanhecendo se levanta, e corre toda a aldeia continuando sua pregação, a qual faz em voz alta, mui pausada, repetindo muitas vezes as palavras. Entre esses seus principais ou pregadores há alguns velhos antigos de grande nome e autoridade entre eles, que têm fama por todo o sertão, trezentas e quatrocentas léguas, e mais. Estimam tanto um bom língua que lhe chamam o senhor da fala. E sua mão tem a morte e a vida, e os levará por onde quiser sem contradição. Quando querem experimentar um e saber se é grande língua, ajuntam-se muitos para ver se o podem cansar, falando toda a noite em peso com ele, e às vezes dois, três dias, sem se enfadarem.

Esses principais, quando o padre visitador chegava, pregavam a seu modo dos trabalhos que o padre padeceu no caminho, passando as ondas do mar, e vindo de tão longe, exposto a tantos perigos para os consolar, incitando a todos que se alegrassem com



tanto bem, e lhe trouxessem suas coisas. Dos principais foi visitado muitas vezes, vindo todos juntos, *per modum universi* com suas varas de meirinhos nas mãos, que estimam em muito, porque depois de cristão se dão essas varas aos principais, para os honrar e se parecerem com os brancos. Esta é toda a sua honra secular.

É coisa não somente nova, mas de grande espanto, ver o modo que têm em agasalhar os hóspedes, os quais agasalham chorando por um modo estranho, e a causa passa desta maneira. Entrando-lhe algum amigo, parente ou parenta pela porta, se é homem logo se vai deitar em uma rede sem falar palavras, as parentas também sem falar o cercam, deitando-lhe os cabelos sobre o rosto, e os braços ao pescoço, lhe tocam com a mão em alguma parte do seu corpo, com joelhos, ombro, pescoço, etc. Estando deste modo tendo-o no meio cercado, começam de lhe fazer a festa (que é a maior e de maior honra que lhe podem fazer): choram tantas lágrimas a seus pés, correndo-lhe em fio, como se lhe morrera o marido, mãe ou pai; e juntamente diz em trova de repente todos os trabalhos que no caminho poderia padecer tal hóspede, e o que elas padeceram em sua ausência. Nada se lhe entende mais que uns gemidos mui sentidos. E se o hóspede é algum principal, também lhe conta os trabalhos que padeceu, e se é mulher chora da mesma maneira que as que a recebem. Neste tempo do triste ou alegre recebimento, a maior injúria que lhes podem fazer é dizer-lhes que se calem, ou que basta com esses choros. Não havia quem se ouvisse nas aldeias quando chegávamos. Acabados a festa e recebimentos limpam as lágrimas com as mãos e cabelos, ficando tão alegres e serenas como que se nunca choraram, e depois se saúdam com o seu *Ereiupe* e comem, etc.

Para os mortos têm outro choro e tom particular, os quais choram dias e noites inteiras com abundância de lágrimas, mas tornando à festa dos hóspedes, quando chegávamos, ou se fazia alguma festa, se punham a chorar, dizendo em trova muitas

lástimas, de como seus parentes e antepassados não ouviram os padres nem sua doutrina.

Os pais não têm coisa que mais amem que os filhos, e quem a seus filhos faz algum bem tem dos pais quanto quer. As mães os trazem em uns pedaços de redes, a que chamam *tipoiá*. De ordinário os trazem às costas ou na ilharga escanchados, e com eles andam por onde quer que vão, com eles às costas trabalham, por calmas, chuvas e frio. Nenhum gênero de castigo têm para os filhos; nem há pai nem mãe que em toda a vida castigue nem toque em filho, tanto os trazem nos olhos. Em pequenos são obedientíssimos a seus pais e mães, e todos muito amáveis e aprazíveis; têm muitos jogos a seu modo, que fazem com muita mais festa e alegria que os meninos portugueses. Nesses jogos arremedam vários pássaros, cobras e outros animais, etc., os jogos são mui graciosos, e desenfadadiços, nem há entre eles desavença, nem queixumes, pelejas, nem se ouvem pulhas, ou nomes ruins, e desonestos. Todos trazem seus arcos e flechas, e não lhes escapa passarinho, nem peixe n'água, que não flechem, pescam bem a linhas, e são pacientíssimos em esperar, donde vem em homens a ser grandes pescadores e caçadores, nem há mato nem rio que não saibam e revolvam, e por serem grandes nadadores não temem água nem ondas nem mares. Há índio que com uma braga ou grilhões nos pés nada duas e três léguas. Andando caminho, suados, se botam aos rios: os homens, mulheres e meninos, em se levantando, se vão lavar e nadar aos rios, por mais frio que faça; as mulheres nadam e remam como homens, e quando parem algumas se vão lavar aos rios.

Tornando à viagem, partimos da aldeia do Espírito Santo para a de Santo Antônio, passamos alguns rios caudais em jangadas, fomos jantar em uma fazenda do colégio, onde um irmão além de outras muitas coisas tinha muito leite, requeijões e natas que faziam esquecer Alentejo. Comemos debaixo de um acajueiro



muito fresco, carregado de acajus, que são como peros repinaldos ou camoeses, são uns amarelos, outros vermelhos, têm uma castanha no olho, que nasce primeiro que o pero, da qual procede o pero; é fruta gostosa, boa para tempo de calma, e toda se desfaz em sumo, o qual põe nódoas em roupa de linho ou algodão que nunca se tira. Das castanhas se fazem maçaпães, e outras coisas doces, como de amêndoas; as castanhas são melhores que as de Portugal; a árvore é fresca, parece-se com os castanheiros, perde a folha de todo, coisa rara no Brasil, porque todo o ano as árvores estão tão verdes e frescas como as de Portugal na primavera.

Aquela noite fomos ter à casa de um homem rico que esperava o padre visitador: é nesta Bahia o segundo em riquezas por ter sete ou oito léguas de terra por costa, em a qual se acha o melhor âmbar que por cá há, e só em um ano colheu oito mil cruzados dele, sem lhe custar nada. Tem tanto gado que lhe não sabe o número, e só do bravo e perdido sustentou as armadas d'El-Rei. Agasalhou o padre em sua casa armada de guadamecins com uma rica cama, deu-nos sempre de comer aves, perus, manjar branco, etc. Ele mesmo, desbarretado, servia a mesa e nos ajudava à missa, em uma sua capela, a mais formosa que há no Brasil, feita toda de estuque e tintim de obra maravilhosa de molduras, laçarias, e cornijas; é de abóbada sextavada com três portas, e tem-na mui bem provida de ornamentos. Nesta e outras ermidas me lembrava de vossa reverência, e de todos dessa província.

Daquí partimos para a aldeia, atravessando pelo sertão, caminhamos toda a tarde por uns mangabais que se parecem alguma coisa com maceiras d'anáfega. Dão umas mangabas amarelas do tamanho e feição de albricoques, com muitas pintas pardas que lhes dão muita graça; não têm caroço, mas umas pevides mui brandas que também se comem; a fruta é de maravilhoso gosto, tão leve e sadia que, por mais que uma pessoa coma, não há faltar-se, sorvem-se como sorvas, não amadurecem na árvore, mas caindo



amadurecem no chão ou pondo-as em madureiros: dão no ano duas camadas, a primeira se diz de botão, e dá flor, mas o mesmo botão é a fruta. Estas são as melhores e maiores, e vêm pelo Natal; a segunda camada é de flor alva como neve, da própria maneira que a de jasmim, assim na feição, tamanho e cheiro. Essas árvores dão-se nos campos, e com se queimarem cada ano as mais delas dão no mesmo ano fruto. De quando em quando nos ajudávamos delas para passar aqueles matos. Aquela noite nos agasalhou um feitor do mesmo homem de que acima falei, a quem ele tinha mandado recado. Fomos providos de todo o necessário com toda a limpeza de porcelanas e prata, com grande caridade.

Ao dia seguinte, às dez horas pouco mais ou menos, chegamos à aldeia de Santo Antônio: dos índios fomos recebidos com muitas festas a seu modo, que deixo por brevidade, e ao domingo seguinte batizou o padre visitador antes da missa sessenta adultos, vestido de pontifical, com grande alegria e festa, e consolação de todos. Na missa, que foi de canto d'órgão, casou a muitos em lei de graça, e deu a comunhão a oitenta; e tudo se fez com as mesmas festas e música que na aldeia do Espírito Santo. À tarde lhes mandou dar o padre um bom jantar em que se gastaram uma vaca, muitos porcos-do-mato, que eles mesmo traziam mortos e os deitavam aos pés do padre (têm esses porcos o umbigo nas costas, e em algumas coisas diferem dos de Portugal). Havia mesa em que por banda caibam cem pessoas: os índios à tarde, para fazerem festa ao padre jogaram as laranjas, fizeram as laranjadas, fizeram os seus motins de guerra, e foram a um rio dar tingui, sc., barbasco ao peixe, e ficaram bem providos, trouxeram tantos ao padre que encheram duas grandes gamelas, que era uma formosura de ver. Ao dia seguinte levou o padre visitador todos os padres e irmãos a um rio caudal que estava perto de casa, onde ceamos. Iam conosco alguns sessenta meninos nuzinhos, como costumam. Pelo caminho fizeram grande festa ao padre, umas vezes o cercavam,



outra o cativavam, outras arremedavam pássaros muito ao natural; no rio fizeram muitos jogos ainda mais graciosos, e têm eles n'água muita graça em qualquer coisa que fazem. Estas coisas de ordinário faziam de si mesmos, que não é tão pouco em brasis e meninos achar-se habilidade para saberem festejar e agasalhar o *Payguaçu*.

Dessa aldeia fomos à de São João, dali sete léguas, tornando a dar volta para o mar. É caminho de grandes campos e desertos; antes da aldeia uma grande légua vieram os índios principais, os quais revezando-se levaram o padre em uma rede, e por o caminho ser já breve a cada passo se revezavam para que não ficasse algum deles sem levar o padre, e não cabiam de contentes tendo aquilo por grande honra e favor. Fomos recebidos com muitas festas, etc. Ao domingo seguinte batizou o padre trinta adultos, casou na missa outros tantos em ação de graça e deu a comunhão a cento e vinte. Houve missa cantada, pregação com muita solenidade, e depois das festas espirituais tiveram outro jantar como os passados, e toda a tarde gastaram em suas festas.

Enquanto aqui estivemos fomos bem servidos de aves, rolas e faisões, que têm três telas uma sobre a outra, é carne gostosa semelhante à de perdiz, mas mais sadia.

Em todas essas três aldeias há escola de ler e escrever, onde os padres ensinam os meninos índios; e alguns mais hábeis também ensinam a contar, cantar e tanger; tudo tomam bem, e há já muitos que tanger flautas, violas, cravos, e oficiam missas em canto d'órgão, coisas que os pais estimam muito. Esses meninos falam português, cantam à noite a doutrina pelas ruas e encomendam as almas do purgatório.

Nas mesmas aldeias há confrarias do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora e dos defuntos. Os mordomos são os principais e mais virtuosos; têm sua mesa na igreja com seu pano, e eles trazem suas opas de baeta ou outro pano vermelho, branco e azul;

servem de visitar os enfermos, ajudar a enterrar os mortos, e às missas, levando a seus tempos os círios acesos, o que fazem com modesta devoção e muito a ponto; dão esmolas para as confrarias, as quais têm bem providas de cera, e os altares ornados com frontais de várias sedas; em suas festas enramam as igrejas com muita diligência e fervor, é certo que consola ver essa nova cristandade.

Todos os das aldeias, grandes e pequenos, ouvem missa muito cedo cada dia antes de irem a seus serviços, e antes ou depois da missa lhes ensinam as orações em português e na língua, e à tarde são instruídos no diálogo da fé, confissão e comunhão. Alguns assim homens como mulheres, mais ladinos, rezam o rosário de Nossa Senhora; confessam-se a miúdo; honram-se muito de chegarem a comungar, e por isso fazem extremos, até deixar seus vinhos a que são muito dados, e é a obra mais heroica que podem fazer; quando os incitam a fazer algum pecado de vingança ou desonestidade, etc., respondem que são de comunhão, que não hão de fazer a tal coisa. Enxergam-se entre eles os que comungam no exemplo de boa vida, modéstia e continuação das doutrinas; têm extraordinário amor, crédito e respeito aos padres, e nada fazem sem seu conselho, e assim pedem licença para qualquer coisa por pequena que seja, como se fossem noviços. E até aos do sertão daí duzentas, trezentas e mais léguas chega a fama dos padres e igrejas, e se não fossem estorvos todo o sertão se viria para as igrejas, porque os que trazem os portugueses todos vêm com promessa e título que os porão nas igrejas dos padres, mas em chegando ao mar nada se lhes cumpre.

Três festas celebram esses índios com grande alegria, aplauso e gosto particular. A primeira é as fogueiras de São João, porque suas aldeias ardem em fogos, e para saltarem as fogueiras não os estorva a roupa, ainda que algumas vezes chamusquem o couro. A segunda é a festa de ramos, porque é coisa para ver, as palavras, flores e boninas que buscam, a festa com que os têm nas mãos ao

ofício, e procuram que lhes caia água benta nos ramos. A terceira que mais que todas festejam é dia de cinza, porque de ordinário nenhum falta, e do cabo do mundo vêm à cinza, e folgam que lhes ponham grande cruz na testa, e se acontece o padre não ir às aldeias, por não ficarem sem cinza eles a dão uns aos outros, como aconteceu a uma velha que, faltando o padre, convocou toda a aldeia à igreja e lhes deu a cinza, dizendo que assim faziam os abarés, sc., padres, e que não haviam de ficar em tal solenidade sem cinza.

Visitadas as aldeias, determinou o padre ver algumas fazendas e engenhos dos portugueses, visitando os senhores delas, por alguns lhe terem pedido, e outros porque os não tinha ainda visto, e era necessário conciliar os ânimos d'alguns com a Companhia, por não estarem muito benévolos. Partimos de São João para o mar: era para ver nesse caminho a multidão, variedade e formosura das flores das árvores, umas amarelas, outras vermelhas, outras roxas, com outras muitas várias cores misturadas, que era coisa para louvar o Criador. Vi neste caminho uma árvore carregada de ninhos de passarinho, pendentes de seus fios de comprimento de uma vara de medir ou mais, que ficavam todos no ar com as bocas para baixo. Tudo isso fazem os pássaros para não ficar frustrado seu trabalho, usam daquela indústria que lhes ensinou o que os criou, para se não fiarem das cobras, que lhes comem os ovos e filhos.

Folgara de saber descrever a formosura de toda esta Bahia e recôncavo, as enseadas e esteiros que o mar bota três, quatro léguas pela terra dentro, os muito frescos e grandes rios caudais que a terra deita ao mar, todos cheios de muita fartura de pescados, lagostins, polvos, ostras de muitas castas, caranguejos e outros mariscos.

Sempre fizemos caminho por mar em um barco da casa bem-equipado, e quase não ficou rio nem esteira que não víssemos,

com as mais e maiores fazendas, e engenhos, que são muito para ver. Grandes foram as honras e agasalhados, que todos fizeram ao padre visitador, procurando cada um se esmerar não somente nas mostras d'amor, grande respeito e reverência, que no tratamento e conversão lhe mostravam, mas muito mais nos grandes gastos das iguarias, da limpeza e concerto do serviço, nas ricas camas e leitos de seda (que o padre não aceitava, porque trazia uma rede que serve de cama, e coisa costumada na terra). Os que menos faziam, e se tinham por não muito devotos da Companhia, faziam mais agasalhados do que costumam fazer em Portugal os muito nossos amigos e intrínsecos; coisa que não somente nos edificava, mas também espantava ver o muito crédito que por cá se tem à Companhia.

O Padre Quiricio Caxa e eu pregávamos algumas vezes nas ermidas, que quase todos os senhores de engenhos têm em suas fazendas, e alguns sustentam capelão à sua custa, dando-lhes quarenta ou cinquenta mil réis cada ano, e de comer à sua mesa. E as capelas têm bem-concertadas, e providas de bons ornamentos: não somente nos dias da pregação, mas também em outros nos importunavam que disséssemos missa cedo, para exercitarem sua caridade, em nos fazer almoçar ovos reais e outros mimos que nesta terra fazem muito bons, nem faltava vinho de Portugal. Confessávamos os portugueses, ouvindo confissões gerais, e outras de muito serviço de Nosso Senhor. Nos dias de pregação e festas de ordinário havia muitas confissões e comunhões, e por todas chegariam a duzentas, afora as que fazia um padre, língua de escravos de Guiné, e de índios da terra, pregando-lhes e ensinando-lhes a doutrina, casando-os, batizando-os, e em tudo se colheu copioso fruto, com grande edificação de todos. Nem se contentavam esses senhores de agasalhar o padre, mas também lhe davam bugios, papagaios e outros bichos e aves que tinham em estima, e lhe mandavam depois à casa muitas e várias conservas, com cartas



de muito amor, e quando vinham à cidade o visitavam amiúde, dando os devidos agradecimentos pela consolação e visita que o padre lhes fizera.

Os engenhos deste recôncavo são trinta e seis; quase todos vimos, com outras muitas fazendas muito para ver. De uma coisa me maravilhei nesta jornada, e foi a grande facilidade que têm em agasalhar os hóspedes, porque a qualquer hora da noite ou dia que chegávamos em brevíssimo espaço nos davam de comer a cinco da Companhia (afora os moços) todas as variedades de carnes, galinhas, perus, patos, leitões, cabritos, e outras castas e tudo têm de sua criação, com todo o gênero de pescado e mariscos de toda sorte, dos quais sempre têm a casa cheia, por terem deputados certos escravos pescadores para isso, e de tudo têm a casa tão cheia que na fartura parecem uns condes, e gastam muito. Tornando aos engenhos, cada um deles é uma máquina e fábrica incrível: uns são de água rasteiros, outros de água copeiros, os quais moem mais e com menos gastos; outros não são d'água, mas moem com bois, e chamam-se trapiches; estes têm muito maior fábrica e gasto, ainda que moem menos, moem todo o tempo do ano, o que não têm os d'água, porque às vezes lhes falta. Em cada um deles, de ordinário há seis, oito e mais fogos de brancos, e ao menos sessenta escravos, que se requerem para o serviço ordinário; mas os mais deles têm cento, e duzentos escravos de Guiné e da terra. Os trapiches requerem sessenta bois, os quais moem de doze em doze revezados; começa-se de ordinário a tarefa à meia-noite, e acaba-se ao dia seguinte às três ou quatro horas depois do meio-dia. Em cada tarefa se gasta uma barcada de lenha que tem doze carradas, e deita sessenta e setenta fôrmas de açúcar branco, mascavado, malo e alto. Cada fôrma tem pouco mais de meia arroba, ainda que em Pernambuco se usam já grandes de arroba. O serviço é insofrível, sempre os serventes andam correndo, e por isso morrem muitos escravos, que é o que os endivida sobre todo



esse gasto. Tem necessidade cada engenho de feitor, carpinteiro, ferreiro, mestre de açúcar com outros oficiais que servem de o purificar; os mestres de açúcares são os senhores de engenho, porque em sua mão está o rendimento e ter o engenho fama, pelo que são tratados com muitos mimos, e os senhores lhes dão mesa, e cem mil-réis, e outros mais, cada ano. Ainda que esses gastos são mui grandes, os rendimentos não são menores, antes mui avantajados, porque um engenho lavra no ano quatro ou cinco mil arrobas, que pelo menos valem em Pernambuco cinco mil cruzados, e postas no Reino por conta dos mesmos senhores dos engenhos (que não pagam direitos por dez anos do açúcar que mandam por sua conta, e esses dez acabados não pagam mais que meios direitos) valem três em dobro. Os encargos de consciência são muitos, os pecados que se cometem neles não têm conta; quase todos andam amancebados por causa das muitas ocasiões; bem cheio de pecados vai esse doce, porque tanto fazem: grande é a paciência de Deus, que tanto sofre.

Gastamos nesta missão janeiro e parte de fevereiro, e a segunda-feira depois do primeiro domingo da Quaresma (20 de fevereiro de 1584) chegamos à casa, não somente recreados, mas também mui consolados com o fruto que se colheu. Logo se distribuíram as pregações, sc., o Padre Quiricio Caxa dos domingos pela manhã em nossa igreja; o Padre Manuel de Castro à tarde; estes dois padres e o Padre Manuel de Barros são os melhores pregadores que há nesta província. Eu preguei os domingos pela manhã na Sé, onde se achava a maior parte da cidade. Das pregações de todos se seguiu grande fruto, seja Nosso Senhor com tudo louvado.

Muitas missões se fizeram por ordem do padre visitador nesses dois anos pelos engenhos e fazendas dos portugueses; nelas se colheu copioso fruto e se batizaram passante de três mil almas, e se casaram muitos em lei de graça, tirando-os de amancebamentos, ensinando-lhes a doutrina, pondo os discordes em paz, e se

fizeram outros muitos serviços a Nosso Senhor. Quando os nossos padres vão a essas missões são mui bem recebidos de todos, bem providos do necessário, com grande amor e caridade.

Tornando à Quaresma em nossa casa, tivemos um devoto e rico sepulcro. A paixão foi também devota que concorreu toda a terra; os ofícios divinos se fizeram em casa com devoção. Sexta-feira Santa (30 de março), ao desencerrar do Senhor, certos mancebos vieram à nossa igreja; traziam uma verônica de Cristo mui devota, em pano de linho pintado, dois deles a tinham e juntamente com outros dois se disciplinavam, fazendo seus trocados e mudanças. E com a dança se fazia ao som de cruéis açoites, mostrando a verônica ensanguentada, não havia quem tivesse as lágrimas com tal espetáculo, pelo que foi notável a devoção que houve na gente.

O padre visitador teve as endoenças na aldeia do Espírito Santo, onde os índios tiveram um formoso e bem acabado sepulcro, de todas as colunas, cornijas, frontispícios de obra de papel, assentada sobre madeira tão delicada e de tão maravilhosa feitura que não havia mais que pedir, por haver ali um irmão insigne em cortar, e para sepulcros tem grande mão e graça particular. Tiveram mandato em português por haver muitos brancos que ali se acharam, e paixão na língua, que causou muita devoção e lágrimas nos índios. A procissão foi devotíssima, com muitos fachos e fogos, disciplinando-se a maior parte dos índios, que dão em si cruelmente, e têm isso não somente por virtude, mas também por valentia, tirarem sangue de si, e serem *abaetê*, sc., valentes. Levaram na procissão muitas bandeiras que um irmão, bom pintor, lhes fez para aquele dia, em pano, de boas tintas, e devotas. Um principal velho levava um devoto crucifixo debaixo do pálio. O padre visitador lhes fez todos os ofícios que se oficiaram a vazes com seus bradados. Ao dia da Ressurreição (1 de abril) se fez uma procissão por ruas de arvoredos muito frescos, com muitos fogos, danças e outras festas. Esquecia-me dizer que os lavatórios



cheirosos e pós de murtinhos com que se curam esses índios, quando se disciplinam, são irem-se logo meter e lavar no mar ou rios, e com isso saram e não morrem.

Aos 3 de maio, dia da invenção da Cruz, houve jubileu plenário em nossa casa, missa de canto d'órgão, oficiada pelos índios e outros cantores da Sé, com flautas e outros instrumentos musicos. Preguei-lhes da Cruz, por terem aqui uma relíquia do Santo Lenho em uma cruz de prata dourada, que foi de uma das freiras de Alemanha, a qual a imperatriz deu para este colégio, com licença do Sumo Pontífice. Comungaram passante de trezentas pessoas, e tudo se fez com muita festa e devoção.

Tinha o padre visitador dado ordem para se fazer um relicário para todas as relíquias que estavam mal acomodadas. Estava já nesse tempo acabado. É grande, tem dezesseis armários com suas portas de vidraças, e no meio um grande, para a imagem de Nossa Senhora de São Lucas; os armários são todos forrados dentro de cetim carmesim, as portas da banda de dentro são forradas de sedas de várias cores, sc., damasco, veludo, cetim, etc., a madeira é de pau de cheiro de jacarandá, e outras madeiras de preço, de várias cores, de tal obra que se avaliou somente das mãos em cem cruzados. Fê-lo um irmão da casa, insigne oficial. Está assentado na capela dos irmãos, que é uma casa grande, nova, de pedra e cal, bem-guarnecida, forrada de cedro. Ao dia da Cruz à tarde, se fez uma célebre translação da igreja para a dita capela. Foi o padre visitador à igreja com sua capa d'asperges, e outros dois padres com capas: os mais, que eram por todos dezoito, revestidos em alvas e sobrepelizes. Levava o padre debaixo do pátio o Santo Lenho, seis padres, as varas, dois, a imagem de Nossa Senhora, que também ficava debaixo do pátio; três, as três cabeças das onze mil virgens, e outros, outras relíquias; os mais levavam suas velas de cera branca nas mãos, e seguia-se a cruz de prata, e turíbulo. Começando a procissão a entrar pela sacristia, a gente arrombou a grade, e

entrando os homens somente acompanharam as relíquias, porque não sofriam bem participarmos sem eles de tamanha alegria e consolação. A capela e corredores estavam mui ornados de várias sedas, alcatifas, guadamecins, palmas com outros ramos frescos. Na procissão houve boa música de vozes, flautas e órgãos. Em alguns passos estavam certos estudantes, com seus descantes e cravos, a que diziam salmos, e alguns motetes, e também recitaram epigramas às santas relíquias. Com essa solenidade e devoção, chegamos à capela, onde houve completas solenes. Foi tanta a devoção dos cidadãos que se não fartavam de vir muitas vezes visitar as relíquias, e os estudantes continuaram muitos dias, gastando muitas horas em oração, rezando seus rosários. Os padres e irmãos têm nessa capela muita devoção, oração contínua, e assim as relíquias como os painéis da paixão de que está cercada a capela o pedem. Algumas pessoas de fora fizeram algumas esmolas, sc., um frontal, vestimenta e sobrecéu de veludo verde, uma caixa de prata, em que está a relíquia de São Cristóvão, outros deram algumas sedas, e botijas de azeite para a alampada; as mulheres, já que não gozavam da festa, por ser dentro de casa, mostraram a muita devoção que tem às santas Virgens, em darem os melhores espelhos que tinham para vidraças, e alguns deles tinham mais de um palmo em quadro. E o padre visitador nesta parte fez mais fruto com seu relicário em tirar os espelhos, que os pregadores com as pregações.

Chegadas outra vez as monções do sul, no fim de junho, partimos para Pernambuco, padre visitador, Padre Rodrigo de Freitas, com outros padres e irmãos que por todos éramos quatorze; não foi o padre provincial, porque ficava muito mal na Bahia. Ao segundo dia com vento contrário, arribamos ao morro de São Paulo, barra de Tinhará, doze léguas da Bahia, onde estivemos onze dias, sem fazer tempo para continuarmos a viagem. Aqui estivemos dia de São João Batista, São Pedro e São Paulo, em os quais dizíamos



missa em um *teigupaba* de palha. Os irmãos, passageiros e marinheiros comungaram nestas festas: passamos esses dias com boa música, que alguns irmãos de boas falas faziam frequentemente ao som de uma suave flauta, que de noite nos consolava e de madrugada nos espertava com devotos e saudosos salmos e cantigas. Pelo navio ser de casa e andarmos bem-acomodados, sempre somos no mar providos de todo o necessário, assim na saúde como enfermidades, tão bem como em casa. E nestes dias o fomos de várias pescados com que cada dia se fartava o navio. Algumas vezes íamos gastar as tardes com boa música e práticas espirituais, sobre um fresco rio à vista do mar e por o lugar ser solitário causava não pequena devoção: de quando em quando pescávamos para aliviar as moléstias que consigo traz uma arribada. Aqui nos visitou um padre nosso que residia no Camarú, com um bom refresco de uma vitela, porco, galinhas, patos, e outras aves, e frutas, com muita caridade.

Daqui partimos o segundo de julho, e aos 14 do mesmo, dia de São Boaventura, perto do meio-dia, deitamos ferro no arrecife de Pernambuco, que dista uma boa légua. Logo vieram dois irmãos com rede e cavalos, em que fomos, e no colégio fomos recebidos do Padre Luiz da Grã, reitor, e dos mais padres e irmãos com extraordinária alegria e caridade. Ao dia seguinte se festejou dentro de casa, como cá é costume, o martírio do Padre Ignácio d’Azevedo e seus companheiros com uma oração em verso no refeitório, outra em língua d’Angola, que fez um irmão de quatorze anos com tanta graça que a todos nos alegrou, e tornando-a em português com tanta devoção que não havia quem se tivesse com lágrimas. No tempo do repouso, que estava bem enramado, o chão juncado de manjeriões, se explicaram alguns enigmas e deram prêmios. À tarde fomos merendar à horta, que tem muito grande, e dentro nela um jardim fechado com muitas ervas cheirosas, e duas ruas de pilares de tijolo com parreiras, e uma fruta que chamam



maracujá, sadia, gostosa e refresca muito o sangue em tempo de calma tem ponta d'azedo, é fruta estimada. Tem um grande romeiral de que colhem carros de romãs, figueiras de Portugal e outras frutas da terra. E tantos melões, que não há esgotá-las, com muitos pepinos e outras boas comodidades. Também tem um poço, fonte e tanque, ainda que não é necessário para as laranjeiras, porque o céu as rega: o jardim é o melhor e mais alegre que vi no Brasil, e se estiveram em Portugal se pudera chamar jardim.

Logo à quarta-feira fizeram os irmãos estudantes um recebimento ao padre visitador dentro em casa, no tempo do repouso. Recitou-se uma oração em prosa, outra em verso, outra em português, outra na língua brasílica, com muitos epigramas. Acabada a festa lhes fez o padre outra, distribuindo por todos relicários, *agnus-dei*, contas bentas, relíquias, imagens, etc. Também se leu a patente, e todos deram a obediência ao padre tomando-lhe a bênção.

Foi o padre mui frequentemente visitado do sr. bispo, ouvidor-geral, e outros principais da terra, e lhe mandaram muitas vitelas, porcos, perus, galinhas e outras coisas, como conservas etc.; e pessoa houve que da primeira vez mandou passante de cinquenta cruzados em carnes, farinhas de trigo de Portugal, um quarto de vinho, etc.; e não contentes com isso o levaram às suas fazendas algumas vezes, que são maiores e mais ricas que as da Bahia; e nelas lhe fizeram grandes honras e agasalhados, com tão grandes gastos que não saberei contar, porque, deixando à parte os grandes banquetes de extraordinárias iguarias, o agasalhavam em leitões de damasco carmesim, franjados de ouro, e ricas colchas da Índia (mas o padre usava de sua rede como costumava). Mandavam de ordinário cavalos para seis dos nossos com seus feitores que nos acompanhassem todo o caminho, e eles mesmos em pessoa vinham receber o padre ao caminho duas, três léguas, dando-nos pelo caminho muitos jantares, almoços e merendas, com grande

abundância e mostra de grande amor e respeito à Companhia. Costumam eles a primeira vez que deitam a moer os engenhos benzê-los, e nesse dia fazem grande festa convidando uns aos outros. O padre, à sua petição, lhes benzeu alguns, coisa que muito estimaram. Vimos grande parte de sessenta e seis engenhos que há em Pernambuco, com outras fazendas muito para ver. Não falo na frescura dos arvoredos, nem nos muitos e grandes rios caudais, porque é coisa ordinária e comum no Brasil.

Trazia o padre visitador cartas d'El-Rei para o capitão e câmara. Fizeram grandes oferecimentos para tudo o que o padre quisesse e ordenasse para bem da cristandade e governo da terra.

Os estudantes de humanidades, que são filhos dos principais da terra, indo o padre à sua classe, receberam com um breve diálogo, boa música, tangendo e dançando mui bem; porque se prezam os pais de saberem eles essa arte. O mestre fez uma oração em latim. O padre lhes distribuiu contas, relíquias, etc.

No fim de julho se celebra no colégio a trasladação de uma cabeça de onze mil virgens, que os padres ali têm mui bem concertada em uma torre de prata. Houve missa solene, preguei-lhes das Virgens com grande concurso de toda a terra, por haver jubileu, a que comungou muita gente. O mesmo fiz na matriz dia da Assunção de Nossa Senhora (15 de agosto), à petição dos mordomos, que são os principais da terra, e alguns deles senhores d'engenhos de quarenta e mais mil cruzados de seu. Seis deles todos vestidos de veludo e damasco de várias cores me acompanharam até o púlpito, e não é muito achar-se essa polícia em Pernambuco, pois é Olinda da Nova Lusitânia.

Além do grande fruto que se colheu das missões que o padre fez a várias partes onde o Padre Luiz da Grã e eu pregávamos algumas vezes confessando muitos portugueses e mulheres fidalgas de dom, que não faltam nesta terra, dia havia em que comungavam algumas trinta pessoas, afora o grande fruto que um padre língua

fazia com os índios e escravos de Guiné. Ordenou o padre que andassem quatro padres em missões uns quinze dias: fez-se grande fruto, batizaram-se muitos índios e escravos de Guiné, e muitos se casaram em lei de graça, e ouviram grande cópia de confissões, de que se seguiu grande edificação para toda a terra.

O ano de 83 houve tão grande seca e esterilidade nesta província (coisa rara e desacostumada, porque é terra de contínuas chuvas) que os engenhos d'água não moeram muito tempo. As fazendas de canaviais e mandioca muitas se secaram, por onde houve grande fome, principalmente no sertão de Pernambuco, pelo que desceram do sertão apertados pela fome, socorrendo-se aos brancos quatro ou cinco mil índios. Porém passado aquele trabalho da fome, os que puderam se tornaram ao sertão, exceto os que ficaram em casa dos brancos ou por sua ou sem sua vontade. Também ficou um principal chamado Mitaguaya, de grande nome entre os índios do sertão, por ser grande língua e falador. Este com intento e desejo de ser cristão entregou um seu filho ao Padre Luiz da Grã, o qual em breve tempo soube falar português, ajudar à missa, e aprendeu a ler, escrever e contar. Tanto que o padre visitador chegou a Pernambuco logo o sobredito Mitaguaya visitou por vezes o padre, vestido de damasco com passamanes d'ouro, e sua espada na cinta, pedindo-lhe com grande instância quisesse ir à sua aldeia e dar-lhe padres, que se queria batizar com todos os seus. Dando-lhe o padre boas esperanças de que o visitaria, fizeram-lhe caminhos por matos, e serras altíssimas mais de uma légua. Quando lá fomos nos vieram receber quase duas léguas da aldeia, e para gasalhado do padre fizeram uma casa nova, mas, por ser em paragem de grande perigo por causa dos contrários, o Padre Luiz da Grã era de parecer que não ficássemos ali aquela noite; mas o padre visitador, para lhes agradecer a caridade da casa nova, e os não desconsolar, antes animar, dormiu ali aquela noite. Eles nos deram a ceiar de sua pobreza peixinhos de moquéim assados, batatas, cará, mangará e

outras frutas da terra, etc., e o padre os convidou com coisas de Portugal. De noite tiveram seu solene e gracioso conselho defronte da nossa casa, tendo uma grande fogueira no meio como é costume, e juntos os velhos principais e grande línguas se assentaram assim nus em uns pedaços de paus, e ali com todo o siso e maduro conselho trataram certos pontos sobre a sua estada naquele sítio, vendo a dificuldade dos matos, a comodidade do rio que tinham perto, a conjunção boa que tinham para se fazer cristãos, com outras coisas de que tratavam com muita graça e gravidade, e resolveram *uno ore* que se fizesse tudo o que o padre ordenasse para bem de sua estada naquela terra, e poderem receber nossa santa fé. E assim como o determinaram o cumpriram, porque, estando diferentes nos pareceres, o sobredito Mitaguaya com outro grande principal se ajuntaram por parecer do padre em um sítio que o padre lhes assinalou, e logo se passaram para ele, fundaram a aldeia, e têm já feita igreja. Para isso foi destinado um padre língua com outro companheiro, e dando ordem para que se acabasse a igreja com diligência lhes começaram a ensinar as coisas da fé. São passante de 800 almas as que se querem batizar, e espera-se que desça grande multidão de gentios com a fama dessa igreja.

Da visita se seguiu grande consolação nos de casa com as muitas práticas, avisos espirituais, exortações das regras, que o padre fez enquanto ali os conversou. Deu profissão de quatro votos aos padres Leonardo Arminio, italiano, e ao Padre Pero de Toledo espanhol, que fora sete anos reitor do Colégio do Rio de Janeiro, ambos bons letrados, e de coadjutores formados espirituais a dois padres: a festa se fez dia de São Jerônimo (30 de setembro): pregou o Padre Luiz da Grã; tem muito bom púlpito e as boas coisas e graça em as propor, e assim nesta como nas mais coisas é mui aceito e amado de todos da terra. Dia da Assunção de Nossa Senhora (15 de agosto) ordenou o sr. bispo sete irmãos de missa, dando-lhes todas as ordens em nossa igreja.



Não posso deixar de dizer nesta as qualidades de Pernambuco, que dista da equinocial para o sul oito graus, e cem léguas da Bahia, que lhe fica ao sul. Tem uma formosa igreja matriz de três naves, com muitas capelas ao redor; acabada ficara uma boa obra. Tem seu vigário com dois outros clérigos, afora outros muitos que estão nas fazendas dos portugueses que eles sustentam à sua custa, dando-lhes mesa todo o ano e quarenta ou cinquenta mil-réis de ordenado, afora outras vantagens. Tem passante de dois mil vizinhos entre vila e termo, com muita escravaria de Guiné, que serão perto de dois mil escravos: os índios da terra são já poucos.

A terra é toda muito chã; o serviço das fazendas é por terra e em carros; a fertilidade dos canaviais não se pode contar; tem sessenta e seis engenhos, que cada um é uma boa povoação; lavram-se alguns anos duzentos mil arrobas de açúcar, e os engenhos não podem esgotar a cana, porque em um ano se faz de vez para moer, e por essa causa a podem vencer, pelo que mói cana de três, quatro anos; e com virem cada ano quarenta navios ou mais a Pernambuco, não podem levar todo o açúcar: é terra de muitas criações de vacas, porcos, galinhas, etc.

A gente da terra é honrada: há homens muito grossos de quarenta, cinquenta, e oitenta mil cruzados de seu: alguns devem muito pelas grandes perdas que têm com escravaria de Guiné, que lhes morrem muito, e pelas demasias e gastos grandes que têm em seu tratamento. Vestem-se, e as mulheres e filhos, de toda a sorte de veludos, damascos e outras sedas, e nisso têm grandes excessos. As mulheres são muito senhoras, e não muito devotas, nem frequentam as missas, pregações, confissões, etc.: os homens são tão briosos que compram ginetes de duzentos e trezentos cruzados, e alguns têm três, quatro cavalos de preço. São mui dados a festas. Casando uma moça honrada com um vianês, que são os principais da terra, os parentes e amigos se vestiram uns de veludo carmesim, outros de verde, e outros de damasco e outras sedas de várias cores, e os

guidões e selas dos cavalos eram das mesmas sedas de que iam vestidos. Aquele dia correram touros, jogaram canas, pato, argolinha, e vieram dar vista ao colégio para os ver o padre visitador; e por esta festa se pode julgar o que farão nas mais, que são comuns e ordinárias. São sobretudo dados a banquetes, em que de ordinário andam comendo um dia dez ou doze senhores de engenhos juntos, e revezando-se dessa maneira gastam quanto têm, e de ordinário bebem cada ano cinquenta mil cruzados de vinhos de Portugal; e alguns anos beberam oitenta mil cruzados dados em rol. Enfim em Pernambuco se acha mais vaidade que em Lisboa. Os vianeses são senhores de Pernambuco, e quando se faz algum ruído contra algum vianês dizem em lugar de: ai que d'El-Rei, ai que de Viana, etc.

A vila está bem situada em lugar eminente de grande vista para o mar, e para a terra; tem boa casaria de pedra e cal, tijolo e telha. Temos aqui colégio onde residem vinte e um dos nossos; sustentam-se bem, ainda que tudo vai três dobro do que em Portugal. O edifício é velho, mal-acomodado, a igreja pequena. Os padres leem uma lição de casos, outra de latim, e escola de ler e escrever, pregam, confessam, e com os índios, e negros de Guiné se faz muito fruto; dos portugueses são mui amados e todos lhes têm grande respeito. Nesta terra estão bem empregados, e por seu meio faz Nosso Senhor muito, louvado seja ele por tudo.

Acabada a visita de Pernambuco (onde estivemos três meses), e chegadas as monções dos nordestes, aos 16 de outubro partimos para a Bahia, nove padres e três irmãos, acompanhando-nos o Padre Luiz da Grã, reitor, com alguns padres do colégio, até à barra, que é uma légua. Houve muitas lágrimas e saudades à despedida, e não se podiam apartar do padre visitador, tão consolados e edificados os deixava, e com essas saudades se tornaram cantando pela praia as ladainhas, salmos e outras cantigas devotas. Estava já neste tempo o nosso navio fora da barra, e, por o tempo ser algum tanto contrário para sair, andamos até alta noite aos bordos,



não podendo tomar o navio, e quando já o tomamos foi à toa, e com cair o Padre Rodrigo de Freitas ao mar, entre o navio e barca, donde o tiramos meio afogado, mais foi Nosso Senhor servido que não chegasse o desastre a mais. Aquela noite levamos a âncora, e com um vento galerno, aos 20 chegamos à Bahia.

Ao dia seguinte, por ser dia das onze mil virgens, houve no colégio grande festa da confraria das onze mil virgens, que os estudantes têm a seu cargo; disse missa nova cantada um padre com diácono e subdiácono. Os padrinhos foram o Padre Luiz da Fonseca, reitor, e eu, com nossas capas d'asperges. A missa foi oficiada com boa capela dos índios, com flautas, e de alguns cantores da Sé, com órgãos, cravos e descantes. E ela acabada, se ordenou a procissão dos estudantes, onde levamos debaixo do pátio três cabeças das onze mil virgens, e as varas levaram os vereadores da cidade, e os sobrinhos do sr. governador. Saiu na procissão uma nau a vela por terra, mui formosa, toda embandeirada, cheia de estudantes, e dentro nela iam as Onze mil virgens ricamente vestidas, celebrando seu triunfo. De algumas janelas falaram à cidade, colégio, e uns anjos todos mui ricamente vestidos. Da nau se dispararam alguns tiros d'arcabuzes, e o da d'antes houve muitas invenções de fogo, na procissão houve danças, e outras invenções devotas e curiosas. À tarde se celebrou o martírio dentro na mesma nau, desceu uma nuvem dos Céus, e os mesmos anjos lhe fizeram um devoto enterramento; a obra foi devota e alegre, concorreu toda a cidade por haver jubileu e pregação. Houve muitas confissões, comungaram perto de quinhentas pessoas; e assim enjoados como vínhamos, confessamos toda a manhã: Nosso Senhor seja contudo louvado.

Três semanas nos detivemos na Bahia por o padre visitador chegar maldisposto d'umas mordeduras de carrapatos (que são tamaninos como piolhos de galinha) dos quais foi em Pernambuco sangrado duas vezes, e se encheu o corpo todo de postemas. Nesse tempo foi admitido na Companhia um sacerdote já homem de dias

que nela tinha vivido perto de trinta anos. E havendo um ano que o padre visitador o dilatava, não querendo aceitar sua fazenda, nunca quis entrar sem fazer primeiro a doação pública ao colégio de toda a sua fazenda, escravaria, terras, vacas, e móvel que valeria tudo passante de oito mil cruzados; e não quis aceitar ser provisor e adaião da Sé, que o sr. bispo lhe mandou aceitasse sob pena d'excomunhão.

Aos 14 de novembro partimos para as partes do Sul oito padres e quatro irmãos. E aquela tarde e dia seguinte navegamos sessenta léguas com bom tempo, e logo nos deu tal vento pela proa que as tornamos quase todas as desandar. E tornando Nosso Senhor continuar com sua misericórdia, nos favoreceu de maneira que aos 21 tomamos a Capitania do Espírito Santo, que dista cento e vinte léguas da Bahia. Fomos recebidos dos padres com muita caridade, e do sr. administrador, que estava na nossa cerca esperando o padre visitador, com grande alvoroço e alegria; e logo mandou dois perus, e os da terra mandaram vitelas, porcos, vacas e outras muitas coisas, conforme possibilidade e caridade de cada um. Logo aos 25 se celebrou em casa a festa de Santa Catarina; disse missa nova um dos padres que vinha de Pernambuco, filho do governador de Paraguai; o qual, sendo único e herdeiro daquela governança, fugiu ao pai, e entrou na Companhia. O sr. administrador foi seu padrinho, e fez oficiar a missa pelos de sua capela, e os índios também ajudaram com suas flautas. Toda a manhã houve muitas confissões, comunhões e pregação.

Enquanto aqui estivemos foram os nossos mui ajudados com a visita e exortações do padre visitador; fizeram com ele suas confissões gerais. O padre lhes fez práticas, e com elas e mais avisos espirituais ficaram em extremo consolados.

Têm os padres nesta capitania três léguas da vila duas aldeias de índios a seu cargo, em que residem os nossos, que terão três mil almas cristãs, afora outras aldeias que estão ao longo da costa, as quais visitam algumas vezes, que terão algumas duas mil pessoas



entre pagãos e cristãos. Véspera da Conceição da Senhora, por ser orago da aldeia mais principal, foi o padre visitador fazer-lhe a festa. Os índios também lhes fizeram a sua: porque duas léguas da aldeia em um rio mui largo e formoso (por ser o caminho por água) vieram alguns índios *murubixaba*, sc., principais, com muitos outros em vinte canoas mui bem equipadas, e algumas pintadas, enramadas e embandeiradas, com seus tambores, pífanos e flautas, providos de mui formosos arcos e flechas mui galantes; e faziam a modo de guerra naval muitas ciladas em o rio, arrebrandando poucos e poucos com grande grita, e perpassando pela canoa do padre lhe davam o *Ereiupe*, fingindo que o cercavam e o cativavam. Nesse tempo um menino, perpassando em uma canoa pelo padre visitador, lhe disse em sua língua: *Pay, marápe guarinî-me nande popeçoari?*, sc., em tempo de guerra e cerco como estás desarmado e meteu-lhe um arco e flechas na mão. O padre assim armado, e ele dando seus alaridos e urros, tocando seus tambores, flautas e pífanos, levaram o padre até à aldeia, com algumas danças que tinham prestes. O dia da Virgem disse o sr. administrador missa cantada, com sua capela, e o padre visitador pela manhã cedo antes da missa batizou setenta e três adultos, no qual tempo houve boa música de vozes e flautas, e na missa casou trinta e seis em lei de graça, e deu a comunhão a trinta e sete.

Por haver jubileu concorreu toda a terra, e toda a manhã confessamos homens e mulheres portugueses. Houve muitas comunhões, e tudo se fez com consolação dos moradores índios e nossa. Acabada a missa houve procissão solene pela aldeia, com danças dos índios a seu modo e à portuguesa; e alguns mancebos honrados também festejaram o dia dançando na procissão, e representaram um breve diálogo e devoto sobre cada palavra da ave-maria, e esta obra dizem compôs o Padre Álvaro Lobo e até ao Brasil chegaram suas obras e caridades.

Era para ver os novos cristãos e cristãs saírem de suas ocas como *conumis*, acompanhados de seus parentes e amigos, com sua bandeira diante e tamboril, e depois do batismo e casamentos tornarem assim acompanhados para suas casas; e as índias quando se vestem vão tão modestas, serenas, direitas e pasmadas que parecem estátuas encostadas a seus pajens e a cada passo lhes caem os pantufos, porque não têm de costume.

Ao dia seguinte fomos à aldeia de São João, daí meia légua por água por um rio acima mui fresco e gracioso, de tantos bosques e arvoredos que se não via a terra, e escassamente o céu. Os meninos da aldeia tinham feito algumas ciladas no rio, as quais faziam a nado, arrebentando de certos passos com grande grito e urros, e faziam outros jogos e festas n'água a seu modo mui gratiosos, umas vezes tendo a canoa, outras mergulhando por baixo, e saindo em terra todos com as mãos levantadas diziam: Louvado seja Jesus Cristo! — e vinham tomar a bênção do padre, os principais davam seu *Ereiupe*, pregando da vinha do padre com grande fervor. Chegamos à igreja acompanhados dos índios, e os meninos e mulheres com suas palmas nas mãos, e outros ramalhetes de flores, que tudo representava ao vivo o recebimento do dia de Ramos. Porém nesse tempo ainda que os índios fazem a festa, tudo é pasmar máxime as mulheres do *Payguaçu*. Acabado o recebimento houve outra festa das laranjadas, e não lhes faltam laranjas, nem outras frutas semelhantes com que as façam. Logo começaram com suas dádivas, e tão liberais que lhes parece que não fazem nada senão dão logo quanto têm. E é grande injúria para eles não se lhes aceitar, e quando o dão não dizem nada, mas pondo perus, galinhas, leitões, papagaios, tuins reais, etc., aos pés do padre se tornam logo.

Ao dia seguinte batizou o padre visitador trinta e três adultos, e casou na missa outros tantos em lei de graça, e tudo se fez com as mesmas festas. Estavam esses índios em ruim sítio,

mal-acomodados, e a igreja ia caindo: fez o padre que se mudassem à outra parte, o que fizeram com grande consolação sua.

Há nesta terra mais gentio para converter que em nenhuma outra capitania; deu o padre visitador ordem com que fossem dois padres daí vinte e oito léguas à petição dos índios, que queriam ser cristãos: espera-se grande fruto dessa missão, e desceram logo quatro ou cinco mil almas, e ficará porta aberta para descer grande multidão de gentios; para o qual efeito o governador desta terra Vasco Fernandes Coutinho (filho daquele Vasco Fernandes Coutinho que fez as maravilhas em Malaca detendo o elefante que trazia a espada na tromba) deu grande provisões sob graves penas que ninguém os fosse saltar ao caminho; deu-lhes três léguas de terra que os índios pediam, e perdão d'algumas mortes de brancos e alevantamentos que tinham antigamente feito, e quando foi ao assinar da provisão não na quis ler, nem viu o que dizia, antes vindo-a selar a nossa casa, disse que tudo o que o padre visitador pusesse havia por bem, e que pedisse tudo quanto quisesse em favor dos índios, que ele o aprovaria logo.

Os portugueses têm muita escravaria destes índios cristãos. Têm eles uma confraria dos Reis em nossa igreja, e por ser antes do Natal quiseram dar vista ao padre visitador de suas festas. Vieram um domingo com seus alardos à portuguesa, e a seu modo com muitas danças, folias, bem-vestidos, e o rei e a rainha ricamente ataviados, com outros principais e confrades da dita confraria: fizeram no terreiro da nossa igreja seus caracóis, abrindo e fechando com graças por serem mui ligeiros, e os vestidos não carregavam muito a alguns, porque os não tinham. O padre lhes mandou fazer uma pregação na língua, de como vinha a consolá-los e trazê-los para os doutrinar, e do grande amor com que sua majestade lhes encomendava. Ficaram consolados e animados, e muito mais com os relicários que o padre deitou ao pescoço do rei, da rainha e outros principais. Os portugueses recebem o padre nesta terra

com tantas honras e mostras d'amor que não há mais que pedir. O sr. governador e mais principais da terra o visitaram muitas vezes, e porque o padre lhe trazia carta d'El-Rei, e aos mais da câmara e governo da vila fizeram quanto o padre lhes pediu para bem da cristandade; e não contentes com as dádivas passadas, levando o padre a suas fazendas lhe deram muitos banquetes de muitas esquisitas e várias iguarias. E em um deles, depois de sermos seis da Companhia bem servidos, tirando as toalhas de cima, começou o segundo, e este acabado o terceiro, tudo com tanta ordem, limpeza, concerto e gasto que nos espantava, e enquanto comemos não faziam senão mandar canoas equipadas com várias iguarias aos padres, que ficavam em casa, e por o caminho ser por água e breve tudo chegava a tempo. Este é o respeito que por cá se tem ao padre e aos mais da Companhia. Nosso Senhor lho pague.

Na barra deste porto está uma ermida de N. Senhora, chamada da Pena, é certo que representa a Senhora da Pena de Cintra, por estar fundada sobre uma altíssima rocha de grande vista para o mar e para a terra. A capela é de abóbada pequena, mas de obra graciosa e bem-acabada. Aqui fomos em romaria dia de Santo André, e todos dissemos missa com muita consolação, e V. Ra. foi bem encomendada à Senhora com toda essa Província, o que também fazíamos em as mais romarias e continuamente em nossos sacrifícios, e eu sou o que ganho pela muita consolação que tenho com tal lembrança; e pois a devo a V. Ra. e aos mais padres e irmãos dessa província por tantas vias. Esse dia nos agasalhou o sr. governador com muita caridade.

Esta Capitania do Espírito Santo é rica de gado e algodões. Tem seis engenhos de açúcar e muitas madeiras de cedros e paus de bálsamo, que são árvores altíssimas: picam-se primeiro e deitam um óleo suavíssimo de que fazem rosários, e é único remédio para feridas. A vila é de Nossa Senhora da Vitória: terá mais de 150 vizinhos, com seu vigário. Está mal situada em uma ilha cercada



de grandes montes e serras, e não fora um rio muito formoso que lhe corre pelo pé ainda fora mais manencolizada do que é, porque pouco mais vista terá que a do rio.

Os padres têm uma casa bem-acomodada com sete cubículos, e uma igreja nova e capaz. A cerca é cheia de muitas laranjeiras, limeiras-doces, cidreiras, acajus e outras frutas da terra, com todo gênero de hortaliça de Portugal. Vivem os nossos d'esmolos, e são muito bem providos, e o Colégio do Rio os ajuda com as coisas de Portugal, como também faz às duas casas de Piratininga e São Vicente, por serem a ele anexas e entrarem no número das cinquenta para que tem dote.

Do Espírito Santo partimos para o Rio de Janeiro, que dista ali oitenta léguas. Dois ou três dias tivemos bom tempo, e logo nos deu um temporal tão forte que foi necessário ficarmos árvore seca quase dois dias com muito perigo, por estarmos sobre uns baixos dos guaitacazes mui perigosos, e não muito longe da costa. Ali estivemos a Deus misericórdia, e cada um se encomendava a Nossa Senhora quanto podia por vermos perto a morte. Desse perigo nos livrou Deus por sua bondade, e aos 20 (dezembro de 1584), véspera de São Tomé, arribámos ao Rio. Fomos recebidos do Padre Ignácio Tolosa, reitor, e mais padres, e do sr. governador, que manco de um pé com os principais da terra veio logo à praia com muita alegria, e os da fortaleza também a mostraram com salva de sua artilharia. Nesse colégio tivemos o Natal com um presépio muito devoto, que fazia esquecer os de Portugal: e também cá N. Senhor dá as mesmas consolações, e avantajadas. O irmão Barnabé Telo fez a lapa, e às noites nos alegrava com seu berimbau.

Trouxemos no navio uma relíquia do glorioso Sebastião engastada em um braço de prata. Esta ficou no navio para a festejarem os moradores e estudantes como desejavam, por ser esta cidade do seu nome, e ser ele o padroeiro e protetor. Uma das oitavas à tarde

se fez uma célebre festa. O sr. governador com os mais portugueses fizeram um lustroso alardo de arcabuzaria, e assim juntos com seus tambores, pífaros e bandeiras foram à praia. O padre visitador com o mesmo governador e os principais da terra e alguns padres nos embarcamos numa grande barca bem embandeirada e enramada: nela se armou um altar e alcatifou a tolda com um pália por cima; acudiram algumas vinte canoas bem equipadas, algumas delas pintadas, outras empenadas, e os remos de várias cores. Entre elas vinha Martim Afonso, comendador de Cristo, índio antigo *abaetê* e *moçacára*, sc., grande cavaleiro e valente, que ajudou muito os portugueses na tomada deste rio. Houve no mar grande festa de escaramuça naval, tambores, pífaros e flautas, com grande grita e festa dos índios; e os portugueses da terra com sua arcabuzaria e também os da fortaleza dispararam algumas peças de artilharia grossa e com essa festa andamos barlaventeando um pouco a vela, e a santa relíquia ia no altar dentro de uma rica charola, com grande aparato de velas acesas, música de canto d'órgão, etc. Desembarcando viemos em procissão até à Misericórdia, que está junto da praia, com a relíquia debaixo do pália; as varas levaram os da câmara, cidadãos principais, antigos e conquistadores daquela terra. Estava um teatro à porta da Misericórdia com uma tolda de uma vela, e a santa relíquia se pôs sobre um rico altar enquanto se representou um devoto diálogo do martírio do santo, com choros e várias figuras muito ricamente vestidas; e foi asseado um moço atado a um pau: causou esse espetáculo muitas lágrimas de devoção e alegria a toda a cidade por representar ao vivo o martírio do santo, nem faltou mulher que não viesse à festa; por onde acabado o diálogo, por a nossa igreja ser pequena, lhes preguei no mesmo teatro dos milagres e mercês, que tinham recebido desse glorioso mártir na tomada deste rio, a qual acabada deu o padre visitador a beijar a relíquia a todo o povo e depois continuamos com a procissão e danças até nossa igreja: era para



ver uma dança de meninos índios, o mais velho seria de oito anos, todos nuzinhos, pintados de certas cores aprazíveis, com seus cascavéis nos pés, e braços, pernas, cinta, e cabeças com várias invenções de diademas de penas, colares e braceletes. Parece-me que se os viram nesse reino, que andaram todo o dia atrás eles; foi a mais aprazível dança que destes meninos cá vi. Chegados à igreja, foi a santa relíquia colocada no sacrário para consolação dos moradores, que assim o pediram.

Têm os padres duas aldeias de índios, uma delas de São Lourenço, uma légua da cidade por mar; e a outra de São Barnabé, sete léguas também por mar, terão ambas três mil índios cristãos. Foi o padre visitador à de São Lourenço, onde residem os padres, e dia dos Reis lhes disse missa cantada oficiada pelos índios em canto d'órgão com suas flautas; casou alguns em lei de graça e deu comunhão a outros poucos. Eu batizei dois adultos somente, por os mais serem todos cristãos.

Esta Capitania do Rio dista da equinocial vinte e três graus para o sul, e da Bahia cento e trinta léguas. É muito sadia, de muitos bons ares e águas. No verão tem boas calmas algumas vezes, e no inverno mui bons frios; mas em geral é temperada. O inverno se parece com a primavera de Portugal: tem uns dias formosíssimos tão aprazíveis e salutíferos que parece estão os corpos bebendo vida. É terra mui fragosa e muito mais que a Serra da Estrela; tudo são serrarias e rochedos espantosos, e tem alguns penedos tão altos que com três tiros de flecha não chega um homem ao chão e ficam todas as flechas pregadas na pedra por causa da grande altura; dessas serras descem muitos rios caudais que de quatro e sete léguas se veem alvejar por entre matos que se vão às nuvens, e do pé de algumas dessas serras até riba há uma grande jornada; são todas estas serras cheias de muitas e grandes madeiras de cedros, de que se fazem canoas tão largas de um só pau que cabe uma pipa atravessada; e de comprimento que levam dez, doze remeiros por banda e carregam cem



quintais de qualquer coisa, e outras muito mais. Há muitos paus de sândalos brancos, águila e noz-moscada e outros paus reais muito para ver. Agora se descobriu um pau que tingem de amarelo, como o brasil vermelho; é pau de preço: é abundante de gados, porcos e outras criações; dão-lhe nela marmelos, figos, romeiras, e também trigo se o semeiam; a um grão respondem oitocentos e mais e cada grão dá cinquenta e sessenta espigas, das quais umas estão maduras, outras verdes, outras nascem; também se dão rosas, cravos vermelhos, cebolas crescem, árvores d'espinho, todo gênero d'hortaliça de Portugal, as canas também se dão bem, e tem três engenhos de açúcar, enfim é terra mui farta.

A cidade está situada em um monte de boa vista para o mar, e dentro da barra tem uma baía que bem parece que a pintou o supremo pintor e arquiteto do mundo Deus Nosso Senhor, e assim é coisa formosíssima e a mais aprazível que há em todo o Brasil, nem lhe chega a vista do Mondego e Tejo; é tão capaz que terá vinte léguas em roda cheia pelo meio de muitas ilhas frescas de grandes arvoredos, e não impedem a vista umas às outras que é o que lhe dá graça. Tem a barra meia légua da cidade, e no meio dela uma lájea de sessenta braças em comprimento, e bem larga que a divide pelo meio, e por ambas as partes tem canal bastante para naus da Índia; nessa lájea manda El-Rei fazer a fortaleza (LXXVII), e ficará coisa inexpugnável, nem se lhe poderá esconder um barco; a cidade tem cento e cinquenta vizinhos com seu vigário, e muita escravaria da terra.

Os padres têm aqui melhor sítio da cidade. Têm grande vista com toda esta enseada defronte das janelas: têm começado o edifício novo, têm já treze cubículos de pedra e cal que não dão vantagem aos de Coimbra, antes lha levam na boa vista. São forrados de cedro, a igreja é pequena, de taipa velha. Agora se começa a nova de pedra e cal, todavia tem bons ornamentos com uma custódia de prata dourada para as endoenças, uma cabeça das

onze mil virgens, o braço de São Sebastião com outras relíquias, uma imagem da Senhora de São Lucas. A cerca é coisa formosa; tem muito mais laranjeiras que as duas cercas d'Évora, com um tanque e fonte; mas não se bebe dela por a água ser salobra; muitos marmeleiros, romeiras, limeiras, limoeiros e outras frutas da terra. Também tem uma vinha que dá boas uvas, os melões se dão no refeitório quase meio ano, e são finos, nem faltam couves mercianas bem duras, alfaces, rabões e outros gêneros d'hortaliça de Portugal em abundância: o refeitório é bem provido de necessário; a vaca na bondade e gordura se parece com a d'Entre-Douro e Minho; o pescado é vários e muito, são para ver as pescarias da sexta-feira, e quando se compra vai o arratel a quatro réis, e se é peixe sem escama a real e meio, e com um tostão se farta toda a casa, e residem nela de ordinário vinte e oito padres e irmãos afora a gente, que é muita, e para todos há. Duvidava eu qual era mais bem provido, se o refeitório de Coimbra se este, e não me sei determinar: quanto ao espiritual se parece na observância, bom concerto e ordem com qualquer dos bem-ordenados de Portugal: e estes padres velhos são a mesma edificação e desprezo do mundo, e essa fruta colheram cá por esses inatos sem prática nem conferências, e são um espelho de toda virtude, e muito temos os que de lá viemos para andar, se havemos de chegar a tanta perfeição da sólida e verdadeira virtude da Companhia.

Nas oitavas do Natal ouviu o padre visitador as confissões gerais, e renovaram-se os votos do dia de Jesus, e aquele dia preguei em nossa igreja, houve muitas confissões e comunhões por causa da festa e jubileu. Por se irem acabando as monções dos nordestes quis o padre visitar primeiro a casa de São Vicente e Piratininga para na volta estar neste colégio devagar: daqui partimos depois dos Reis para São Vicente que dista daqui quarenta léguas, e é a derradeira capitania. Fizemos o caminho à vista de terra, e toda é cheia de ilhas mui formosas, cheias de pássaros e pescado. Chegamos em seis dias



por termos sempre calmarias à barra do rio nomeado da *Buriquioca*, sc., cova dos bugios, e por o nome corrupto Bertiooga, onde está a nomeada fortaleza para que antigamente degradavam os malfeitores: a fortaleza é coisa formosa, parece-se ao longo com a de Belém e tem outra mais pequena defronte, e ambas se ajudavam uma à outra no tempo das guerras. Daqui à Vila de Santos são quatro léguas. Sabendo o Padre Pedro Soares, superior daquela casa, veio pelo rio duas léguas com outro padre, e chegando à vila já de noite. O capitão com os principais da terra estavam esperando o padre visitador na praia e o levaram até à igreja matriz por não haver ali outra, a qual tinham bem alumiada, concertada e enramada, e daí o levaram à casa, e depois mandaram a ceia de diversas aves com muitos doces. Ao dia seguinte depois de jantar partimos para São Vicente, e caminhando três léguas por um grande e formoso rio cheio de uns pássaros vermelhos que chamam guará, dos formosos desta terra, os quais são como pegas: os bicos são de um bom palmo, e na ponta revoltos, e têm mui compridas pernas: nascem esses pássaros pretos, e depois se fazem pardos, depois brancos, quarto loco ficam de um encarnado gracioso, quinto loco ficam vermelhos mais que grã, e nessa formosíssima cor permanecem. Vivem junto d'água salgada e nele se criam e sustentam. Chegamos de noite à casa de São Vicente; fomos recebidos dos padres e mais da terra com grande caridade. Dia do mártir Sebastião (20 de janeiro de 1585) que também era domingo do Sacramento e havia desta na matriz lhe preguei: concorreu toda a terra a ouvir o companheiro do visitador, e padre reinol. Houve muitas confissões e comunhões, assim na nossa casa como na matriz.

Desejavam os padres de Piratininga que o padre visitador se achasse naquela casa aos 25 de janeiro, dia da conversão de São Paulo, por ser orago da nossa igreja. Partimos uma segunda-feira, e caminhamos duas léguas por água, e uma por terra, e fomos dormir em um *teig-upaba* ao pé de uma serra ao longo de um formoso



rio de água doce que descia com grande ímpeto de uma serra tão alta que ao dia seguinte caminhamos até ao meio dia, chegando ao cume bem cansados: o caminho é tão íngreme que às vezes íamos pegando com as mãos. Chegando ao *Paraná-piacaba*, sc., lugar donde se vê o mar, descobrindo o mar largo quando podíamos alcançar com a vista, e uma enseada de mangais e braços de rios de comprimento de oito léguas e duas e três em largo, coisa muito para ver; e parecia um pano de armar: a toda esta terra enche a maré, e ficando vazia fica cheia de ostras, caranguejos, mexilhões, briguigões e outras castas de mariscos: aquele dia fomos dormir junto a um rio de água doce, e todo o caminho é cheio de *tijucos*, e pior que nunca vi, e sempre íamos subindo e descendo serras altíssimas, e passando rios caudais de água frigidíssima. Ao terceiro dia navegamos todo o dia por um rio de água doce, deitados em uma canoa de casca de árvore, na qual além do fato iam até vinte pessoas: íamos voando a remos, e da borda da canoa à água havia meio palmo e ainda que não havia perigo de darmos à costa não faltava um não pequeno, que era dar nos paus e às vezes dando a canoa com grande ímpeto ficava atravessada. Era necessário guardar o rosto e olhos; porém a navegação é graciosa por o ser a embarcação e o rio mui alegre, cheio de muitas flores e frutas, de que íamos tocando, quando a grande corrente nos deixava; chegando a *piaçaba*, sc., lugar onde se desembarca, demos logo em uns campos cheios de mentrastos; aquela noite nos agasalhou um devoto, com galinhas, leitões, muitas uvas e figos de Portugal, camarinhas brancas e pretas e umas frutas amarelas da feição e tamanho de cerejas, mas não têm os pés compridos. Ao dia seguinte vieram os principais da vila três léguas receber o padre. Todo o caminho foram escaramuçando e correndo seus ginetes, que os têm bons, e os campos são formosíssimos, e assim acompanhados com alguns vinte de cavalo, e nós também a cavalo chegamos a uma Cruz que está situada sobre a vila, donde estava prestes um altar debaixo

de uma fresca ramada, e todo o mais caminho feito um jardim de ramos. Dali levou o padre visitador uma cruz de prata dourada com o Santo Lenho e outras relíquias, que o padre deu àquela casa; e eu levava uma grande relíquia dos santos Tebanos. Fomos em procissão até à igreja com uma dança de homens de espadas, e outra dos meninos da escola; todos iam dizendo seus ditos às santas relíquias. Chegando à igreja demos a beijar as relíquias ao povo. Ao dia seguinte disse o padre visitador missa com diácono e subdiácono, oficiada em canto d'órgão pelos mancebos da terra. Houve jubileu plenário, confessou-se e comungou muita gente: preguei-lhe da conversão do Apóstolo. E em tudo se viram grande alegria e consolação no povo. E muito mais nos nossos, que com grande amor no meio daquele sertão e cabo ao mundo, nos receberam e agasalharam com extraordinária alegria e caridade.

Em Piratininga estive o padre visitador quase todo o mês de fevereiro, consolando e animando os nossos; ouviu as confissões gerais, foi visitado dos principais da terra muitas vezes. Foi a uma aldeia de Nossa Senhora dos Pinheiros da Conceição. Os índios o receberam com muita festa como o costumam, mandando de sua pobreza. Também foi a outra aldeia daí duas léguas; parte do caminho fomos navegando por uns campos, por ter o rio espreado muito, e às vezes ficamos em seco. Nesta aldeia batizou o padre trinta adultos e casou em lei da graça outros tantos; no fim de fevereiro se partiu para São Vicente, onde estive quase todo o mês de março, e eu fiquei em Piratininga até ao segundo domingo da quaresma, pregando e confessando, e quando parti para São Vicente eram tantas as lágrimas das mulheres e homens moradores que me confundiam: mandaram-me galinhas para a matalotalagem, caixas de marmelada e outras coisas, acompanhando-me alguns de cavalo as três léguas até o rio, e deram cavalgadas para os companheiros. Nosso Senhor lhes pague tanta caridade e amor.



Piratininga é vila da invocação da conversão de São Paulo; está do mar pelo sertão dentro doze léguas; é terra muito sadia, há nela grandes frios e geadas e boas calmas, é cheia de velhos mais que centenários, porque em quatro juntos e vivos se acharam quinhentos anos. Vestem-se de burel, e pelotes pardos e azuis, de perlinhas compridas, como antigamente se vestiam. Vão aos domingos à igreja com roupões ou bernéus de cacheira sem capa. A vila está situada em bom sítio ao longo de um rio caudal. Terá cento e vinte vizinhos, com muita escravaria da terra, não tem cura nem outros sacerdotes senão os da Companhia, aos quais têm grande amor e respeito, e por nenhum modo querem aceitar cura. Os padres os casam, batizam, lhes dizem as missas cantadas, fazem as procissões e ministram todos os sacramentos, e tudo por sua caridade: não têm outra igreja na vila senão a nossa. Os moradores sustentam seis ou sete dos nossos, com suas esmolas com grande abundância: é terra de grandes campos e muito semelhante ao sítio d'Évora na boa graça, e campinas, que trazem cheias de vacas, que é formosura de ver. Tem muitas vinhas, e fazem vinho, e o bebem antes de ferver de todo: nunca vi em Portugal tantas uvas juntas como vi nestas vinhas: tem grandes figueiras de toda sorte de figos, bersaçotes, beberas, e outras castas, muitos marmeleiros, que dão quatro camadas, uma após outra, e há homem que colhe doze mil marmelos, de que fazem muitas marmeladas: tem muitos rosais de Alexandria, e porque não têm das outras rosas das de Alexandria fazem açúcar rosado para mezinha, e das mesmas cozidas, deitando-lhe a primeira água fora, fazem açúcar rosado para comer e fica sofrível: dá-se trigo e cevada nos campos: um homem semeou uma quarta de cevada e colheu sessenta alqueires: é terra fertilíssima, muito abastada: quem tem sal é rico, porque as criações não faltam. Tem grande falta de vestido, porque não vão os navios a São Vicente senão tarde e poucos: há muitos pinheiros, as pinhas são maiores, nem tão bicudas como as de Portugal:



e os pinhões são também maiores, mas muito mais leves e sadios, sem nenhum extremo de quentura ou frialdade, e é tanta a abundância que grande parte dos índios do sertão se sustenta com pinhões: dão-se pelos matos amoras de silva, pretas e brancas, e pelos campos bredos, beldroegas, almeirões bravos e mentrastos, não falo nos fetos, que são muitos, e de altura de uma lança se os deixam crescer. Enfim esta terra parece um novo Portugal.

Os padres têm uma casa bem-acomodada, com um corredor e oito cubículos de taipa, guarnecida de certo barro branco, e oficinas bem-acomodadas. Uma cerca grande com muitos marmelos, figos, laranjeiras e outras árvores d'espinho, roseiras, cravos vermelhos, cebolas-cecém, ervilhas, borragens e outros legumes da terra e de Portugal. A igreja é pequena, tem bons ornamentos, e fica muito rica com o Santo Lenho e outras relíquias que lhe deu o padre visitador.

O padre em São Vicente visitou os padres, consolando muito a todos, e foi dali dez léguas pela praia a uma Nossa Senhora da Conceição, que está na Vila de Itanhaém: também visitou o forte que deixou Diogo Flores, com cem soldados, e do alcaide e do capitão foi visitado muitas vezes e lhes concedeu um padre que os fosse confessar por ser quaresma.

São Vicente é capitania: tem quatro vilas, a primeira é São Vicente, Vila de Nossa Senhora da Assunção; está situada em lugar baixo manencolizado e soturno, em uma ilha de duas léguas de comprido. Essa foi a primeira vila e povoação de portugueses que houve no Brasil; foi rica, agora é pobre por se lhe fechar o porto de mar e barra antiga, por onde entrou com sua frota Martim Afonso de Sousa; e também, por estarem as terras gastas e faltarem índios que as cultivem, se vai despovoando; terá oitenta vizinhos, com seu vigário. Aqui têm os padres uma casa onde residem de ordinário seis da Companhia: o sítio é mal assombrado, sem vista, ainda que muito sadio: tem boa cerca com várias frutas de Portugal e da



terra, e uma fonte de mui boa água. Estão como eremitas, por toda a semana não haver gente, e aos domingos pouca. A segunda é a Vila de Santos, situada na mesma ilha, é porto de mar; tem duas barras, na principal está o forte que deixou Diogo Flores, a outra é a barra da Bertioga, que dista dessa vila quatro léguas por um rio tão formoso, que podem navegar navios de alto bordo: terá a Vila de Santos oitenta vizinhos, com seu vigário. A terceira é a Vila de Nossa Senhora do Itanhaém, que é a derradeira povoação da costa, que terá cinquenta vizinhos, não tem vigário. Os padres visitam, consolam e ajudam no que podem, ministrando-lhes os sacramentos por sua caridade. A quarta é a Vila de Piratininga, que está doze léguas pelo sertão adentro, terá cento e vinte vizinhos ou mais.

No fim de março já despedidos de São Vicente, viemos para Santos, onde nos esperava já o nosso navio aparelhado: preguei na matriz dia de Nossa Senhora da Anunciação (25 de março): houve muitas confissões e comunhões. Os dessa vila pediram ao padre lhes mudasse a casa de São Vicente para ali, o que o padre lhes concedeu. Logo deram um sítio bom ao longo do mar, e a cadeia pública, e umas casas novas, que tudo valera quinhentos cruzados, e começam o edifício com suas escolas.

De Santos partimos acompanhando-nos o capitão, o qual nunca se apartava do padre visitador, servindo-o com tanto respeito e amor que me espantava; estivemos dois ou três dias na barra da Bertioga esperando tempo, servidos de muitos e vários peixes: chegamos ao Rio de Janeiro sábado de *dominica in passione*, onde tivemos as endoenças; preguei o mandato, e outro padre a paixão. Fez-se um sepulcro devoto e bem-acabado, com muita cera branca.

Tendo o padre visitado o Colégio do Rio, e assentada de invernar ali aquele ano, recebeu cartas de como n. padre geral mandava doze a esta província, e que estavam para partir de Lisboa; para os agasalhar e receber se partiu para a Bahia com

seus companheiros, padre provincial, Padre Ignácio Tolosa e alguns irmãos; gastamos na viagem trinta e dois dias, e quis-nos Nosso Senhor modificar, e dar a entender quão trabalhosa era a navegação desta costa, porque até então todas as viagens que o padre visitador fez foram mui bem assombradas e mar bonança, mas esta como era a derradeira, foi tal tão contrários os ventos e tais as tempestades que, vindo embocar na Bahia e estando à vista de terra, nos deu tão forte tempo que estivemos perdidos uma noite com o navio meio alagado, e o traquete desaparelhado, e nós confessados nos aparelhamos para morrer, e se daquela fôramos, lá ia a maior parte da província, não em número, mas em qualidade. Eu não no havia por mim, porque já me oferecia que me deitassem às ondas como Jonas, mas queriam acabar juntamente com os padres visitador, provincial, Ignácio Tolosa e outros irmãos de boas habilidades e virtude, para ajudarem esta província: certamente que isso me desconsoava. Porém foi Nosso Senhor servido consolar esta província com de novo lhe conceder os sobreditos. Chegados à Bahia nos achamos sem os padres, que não foi pequena mortificação, e eu em extremo me consolei com saber que o Padre Lourenço Cardim com tanto ânimo acabara por obediência em tão gloriosa empresa. Tive-lhe grande inveja, pois vai diante de mim, e em tudo sempre me levou a vantagem.

Chegados à Bahia mandou o padre visitador recado ao Padre Luiz da Grã que viesse a este colégio, e foi o recado em tão boa conjunção que aos 13 de outubro chegou aqui. O padre visitador com os mais padres, que para esse fim aqui ajuntou, estão dando remate e última resolução à visita e negócios desta província, etc.

Isto é o que se me ofereceu da nossa viagem e missão para dar conta a vossa reverência. Resta pedir os santos sacrifícios de vossa reverência e sua santa bênção e ser encomendado em os sacrifícios e orações dos mais padres e irmãos desta província.

Deste colégio da Bahia, a 16 de outubro de 85. — Por comissão o Padre Visitador Cristóvão de Gouveia. — De V. R. filho indigno em Cristo N. S.

Fernão Cardim

II

Ao muito reverendo em Cristo Padre, o padre provincial de Portugal:

Continuarei nesta o que sucedeu depois da última que escrevi a vossa reverência em 16 de outubro de 85, que foi o seguinte. Tanto que o padre visitador teve aqui na Bahia juntos os reitores dos colégios, e outros padres professos, e antigos, atendeu dar a última mão à visita desta província, na qual ordenou coisas muito necessárias ao bom meneio dos colégios e residências, aldeias dos índios, missões, assentando algumas coisas, a da visita para todos poderem observar com grande glória divina, bom procedimento da Companhia, e bem da conversão, a observância religiosa a mandou a nosso padre geral, e lhe veio toda aprovada sem lhe tirar coisa alguma, e assim se pratica até agora com notável fruto, e ainda que depois se ventilaram sobre ela algumas dúvidas sempre nosso padre sustentou, avisando a todos por suas cartas secretamente, que se guardasse assim como estava, o que se faz com boa satisfação, e assim mesmo aprovou outra visita particular do colégio da Bahia, de que se não seguiu menos fruto.

Depois disto teve o padre visitador carta de nosso padre geral, em que lhe dizia que havia de ir para Portugal, e eu havia de ser companheiro do Padre Provincial Marçal Beliart; porém se não partisse para esse reino até a chegada do Padre Marçal Beliarte. Daí a um mês, ou pouco mais, recebeu outra do nosso padre, pela qual lhe ordenava que me encarregasse deste Colégio da Bahia. Veja vossa reverência qual eu ficarei com um peso tão sobre minhas forças, mas supriram, como espero da caridade

de vossa reverência, seus santos sacrifícios, em que muito me encomendo, etc.

Algumas coisas fez o padre dignas de memória, e muito aceitas aos deste colégio: a primeira foi um poço de noventa palmos de alto, e sessenta em roda, todo empedrado, de boa água, que deu muito alívio a este colégio, que por estar em um monte alto carecia de água suficiente para as oficinas; e também fez um eirado sobre colunas de pedra, aberto por todas as partes, e fica eminente ao mar, e vãos que estão no porto que servem de repousos; e é toda a recreação deste colégio, porque dele veem entrar as naus, descobrem boa parte do mar largo, e ficamos senhores de todo este recôncavo, que é uma excelente, aprazível e desabafada vista; fez uma quinta, e nela umas casas com capela, refeitório, cozinha, uma sala com suas varandas, e um formoso terreiro com uma fonte que lança mais de uma manilha de água, muito sadia para beber; mandou plantar árvores de espinho e outras frutas, que tudo faz uma boa quinta, que se pode comparar com as boas de Portugal.

Como o mar andava infestado de franceses e ingleses se deteve o Padre Marçal Beliarte com seus companheiros nessa província até 7 de maio de 87, em que chegaram a Pernambuco, onde se detiveram até 20 de Janeiro de 88, que entraram nesta Bahia, e foram recebidos dos nossos com grande consolação e alegria, principalmente do padre visitador, que desejava descarregar-se do trabalho que exercitava havia tanto tempo; porém sucedeu ao contrário, porque o Padre Marçal Beliarte lhe deu uma carta de nosso padre geral, em a qual lhe mandava que lhe desse companheiro e consultores, e fizesse reitores dos colégio e superiores nas residências, e depois de bem-informado o padre provincial, havendo bons cômodos de embarcação, se partisse para esse reino. Logo sucedeu não haver embarcações cômodas no porto e foi necessário esperar uma nau bem-artilhada de um André Nunes, vizinho do Porto.

Determinando o padre de nela se partir, foram tantas as novas que correram dos muitos ingleses e franceses que coalhavam o mar, e da armada do Sr. D. Antônio, que pôs em consideração a partida; e como o padre aqui não tinha superior, me mandou que o tratasse com todos os padres deste colégio, os quais por escrito deram seus pareceres, e ainda que a maior parte se inclinava a não se partir pelas razões apontadas, todavia como a nau era boa, com parecer do bispo e outros srs. desta cidade se fez a vela no princípio de março de 89, e andando no mar três ou quatro dias sem se poderem emarar mais que dezoito até vinte léguas, foi grande a tormenta e tempestade desfeita que tomou a nau de luva e abriu uma água tão grande que se viram de todos perdidos e tornaram a arribar a esta Bahia. Os padres, o sr. bispo e outras pessoas de conta acabaram com ele que não fosse por então, e assim estive neste colégio com muita consolação nossa até 20 de maio, em que se partiu para Pernambuco em uma nau do Porto sem artilharia.

Em Pernambuco estive até à véspera de São Pedro e São Paulo, e tomados os pareceres do Padre Luiz da Grã, reitor e mais padres por escrito, se embarcou, dizendo ao Padre Luiz da Grã que lhe parecia havia de ser tomado dos franceses, o que ouvindo o Padre Luiz da Grã, pela eficácia com que o padre lho disse, lhe tornou a rogar com outros padres que se não partisse; respondeu-lhe o padre que já sua reverência com os mais tinham assentado e ele aceitado aquela obediência como da mão de Deus, e que já estava oferecido a tudo o que Deus dele ordenasse, etc., e assim embarcando-se véspera dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, ao seu dia, com o terral da manhã se fizeram a vela para esse reino; tiveram sempre próspera viagem até à altura de Portugal, em que foram tomados uma manhã de um brechote francês, sem haver alguma resistência, por a nau ser desarmada sem nenhuma defesa, 6 de setembro.

E posto que vossa reverência lá terá plena informação dos particulares que nela aconteceram, não deixarei de apontar alguns

mais principais, assim como nos relatou o mesmo padre por sua carta, e o Padre Francisco Soares seu companheiro. Tanto que a nau foi entrada de sete ou oito franceses, o padre se foi ao capitão e lhe disse que lhe daria algumas coisas que trazia em seu escritório, que lhe pedia por mercê lhe deixasse alguns papéis que nele tinha, pois lhe não serviam; foi com isso contente o capitão, e o padre mandou vir o escritório, e lho deu, que era uma peça de estima, de madeira de várias cores e obra bem-acabada por um irmão nosso, e insigne carpinteiro e marceneiro, e juntamente alguns rosários de cheiro, pelo que lhe deixou todos os papéis e lhe deu para os meter um baú do mesmo padre, que já outro francês tinha pilhado, e o capitão lhe prometeu de o lho satisfazer. Nove dias os trouxeram os franceses consigo, nos quais padeceram muita sede, fome e frio, mal-agasalhado, com que ao padre deu um catarro rijo com febre que o tratou muito mal e pôs em risco da vida, mas esta tinham eles tão arriscada que cada dia esperavam pela morte a que estavam oferecidos. Andando com eles apareceu uma formosa nau inglesa, a que de todo cuidaram não escapar, mas livrou-nos Nosso Senhor, porque se contentou o inglês com perguntar, que porta a nau, e, respondendo-lhes os franceses que bacalhau, passou; mas não passou a fúria dos franceses, que vendo ir pela água uns papéis, que por serem de segredo o padre os mandou lançar ao mar, e como eles são desconfiados, cuidaram que ia ali alguma traição ou cartas para El-Rei, em que por isso os lançaram ao mar: saltou a fúria neles, e o capitão com outros tomaram as achas de fogo, e deram uma boa a cada um dos nossos, ao irmão Barnabé Tello pelo rosto, ao Padre Francisco Soares pelas costas, e ao padre por uma coxa, estas são boas piculas sem post pasto: mas não faltou este para o padre visitador, porque, não satisfeito, um deles achou uma tigela de fogo, e lha arremessou à cabeça com tanta força que lhe tratou muito mal um olho; acudiu logo outro francês, e de um rolo que tinha tomado aos padres lhe fez uma

pasta e lha pôs nele. Veja vossa reverência que caridade esta, não esperada de gente que lhe tinham tomado até as vestes; e porque o padre sem elas por causa do muito frio e catarro padecia muito, rogaram ao capitão que lhe desse um manto para se abrigar por causa do muito frio; mas pouco lhe durou, porque indo o padre para cima tomar ar e aquecer-se um pouco ao sol, quando tornou se achou sem o manto, que nunca mais apareceu. Outra tribulação grande padeceram espiritual, e foi desta maneira: lançou o Padre Francisco Soares uns poucos de papéis do padre pelo botoque de um pipa d'água salgada, para que lhos não vissem os franceses, e lhe tornassem a dar outras poucas de pancadas. Eis que o capitão manda fundir a nau e vazar a pipa, os padres que estavam temerosos, temendo que em saindo os papéis rotos os franceses se indignassem contra eles e os matassem, estando já para sair os papéis subitamente o capitão e mais franceses se alentaram e foram para a tolda de cima, deixando a pipa que se acabasse de vazar de água, e assim ficaram livres e desassombrados desse perigo; mas não de outro em que um francês tentou o padre visitador, porque, dando-lhe em sexta-feira um pouco de toucinho, o padre lançou fora, e o francês desejoso que o comesse lho metia por força na boca; e porque o padre o lançava fora, instava o francês com uma faca na mão, que lha queria meter pelo rosto e olhos, apertando que comesse, porém vencido da constância do padre desistiu de seu mau intento. Em outro perigo se viram não menor que o passado, e foi que achando um francês uma faca grande e uma moeda de prata junto dos padres entrou nele a imaginação que tinham ali aquela faca para com ela lhes fazerem traição e os matarem; porém, respondendo os padres com humildade que não sabiam quem ali pusera a faca, se deram por satisfeitos; e chegando já junto da Rochela, encontraram um brechote pequeno sem coberta, com três pescadores bretões, que saindo de Bordéus aonde foram vender pescados, com tormenta andavam desgarrados por esse mar

quase de todo perdidos, lançaram os franceses sua lancha fora, e tomaram os pobres pescadores e deram-lhes muitas pancadas, tomaram-lhe o dinheiro e mais que trazia. Nessa embarcação lançaram os padres com alguns marinheiros e passageiros; mas primeiro tornaram a buscar os nossos e abriram o baú dos papéis e sacudiram todos folha e folha, a ver se achavam algum dinheiro; mas, não o achando, tornaram a meter os papéis no baú e os deram aos padres. Não queria o capitão largar o padre visitador, reservando-o para resgate em troco d'alguns parentes seus que foram tomados pelos espanhóis; sabendo isso Manuel Álvares, capitão da nau portuguesa, lhe pediu que o largasse que lhe não dariam nada por ele, que era muito doente, e lhe morreria sem alcançar o que pretendia. E um João Álvares, mestre da nau portuguesa, irmão do dito Capitão Manuel Álvares, que estava muito ferido de uma arcabuzada pelo rosto, e uma cutilada pela cabeça, pediu também ao capitão francês que deixasse ir com ele, e com os mais o padre, porque d'outra maneira sem falta morreria; e assim o largou e deixou embarcar. Estavam da costa setenta até oitenta léguas, e com uma fraca vela esfarrapada, e dois remos, com um barril de cerveja bem negra, e um pouco de biscoito pouco alvo e quase podre; veja vossa reverência que desumanidade esta, parece que os largaram para morrer nesse mar, pois os largavam em boa embarcação, e com tal matalotalagem. Começaram sua perigosa e venturosa viagem: acudiu-lhes Nosso Senhor com um bom vento galerno, que em dois dias e meio os levou à Biscaia, porto de Santo André. Saíram em terra muito desfigurados de fome, rotos, maltratados de frio, e tão lastimosos que as verdadeiras pelas ruas ofereciam aos padres das maçãs e frutas que vendiam; iam eles tão desfalecidos que nada lhes aceitaram por estarem mais para morrer do que para comer. A esta urgente necessidade lhes acudiu Nosso Senhor com sua misericórdia, por meio de um abade de bago, isento administrador eclesiástico, irmão do nosso padre

Dessa, que era como bispo daquela terra; este, sabendo que eram da Companhia, e foram roubados, os mandou agasalhar em uma estalagem, aquele sábado, 15 de setembro, e lhes mandou dar um prato de miúdos, pão, vinho e maçãs, com que em alguma maneira se refizeram; e mostrando-lhe o padre a patente, como os reconheceu de todo por da Companhia, os levou para sua casa, e meteu em uma câmara onde os regalou com abundância, pondo-os à sua mesa por espaço de cinco ou seis dias, nos quais se refizeram de roupa, e tornaram em cavalgadas até Burgos: de Burgos a Valhadoli, e dali até Bragança, passaram no caminho muitos frios e incomodidades, com que acabaram de perfeiçoar sua viagem, e Nosso Senhor terá lembrança de lhe dar os prêmios desses trabalhos em sua glória.

Quoniam beatus vir qui suffert tentationem: qui cum probatus fuerit, accipiet coronam vitae, etc.

Da Bahia, a 1 de maio de 90. De V. R. Filho indigno em Cristo N. Senhor.

Fernão Cardim





© 2012, Fundação Darcy Ribeiro
 Direitos desta edição pertencentes à Fundação Darcy Ribeiro
 Rua Almirante Alexandrino, 1991
 20241-263 - Rio de Janeiro – RJ
 www.fundar.org.br

1ª Edição. 1ª Impressão. 2014.

BIBLIOTECA BÁSICA BRASILEIRA – CULTIVE UM LIVRO

Curadoria

Paulo de F. Ribeiro – Coordenação Geral
Godofredo de Oliveira Neto
Antonio Edmilson Martins Rodrigues

Comitê Editorial

Eric Nepomuceno – Fundação Darcy Ribeiro
Oscar Gonçalves – Fundação Biblioteca Nacional
Norberto Abreu e Silva Neto – Editora Universidade de Brasília
Anibal Bragança – Fundação Biblioteca Nacional
Lucia Pulino – Editora Universidade de Brasília

Produção

Editora Batel

Coordenação editorial

Carlos Barbosa

Projeto gráfico

Solange Trevisan zc

Diagramação

Solange Trevisan zc

Ilustrarte Design e Produção Editorial

Tratamento de textos da coleção

Clara Diament

Edmilson Carneiro

Cerise Gurgel C. da Silveira

Carina Lessa

Léia Elias Coelho

Maria Edite Freire Rocha

Projeto de capa

Leonardo Viana

Assessoria de Comunicação Fundar

Laura Murta

Texto estabelecido segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C267t

Cardim, Fernão, 1540-1625

Tratados da terra e gente do Brasil / Fernão Cardim. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 194 p.; 21 cm. – (Coleção biblioteca básica brasileira; 19).

ISBN 978-85-635-7432-9

1. Brasil – Descrições e viagens – Obras anteriores a 1800. 2. Índios da América do Sul – Brasil. 3. História natural – Brasil. 4. Jesuítas - Brasil. I. Fundação Darcy Ribeiro II. Título. III. Série.

CDD-981

Roberta Maria de O. V. da Costa – Bibliotecária CRB7 5587



Patrocínio:



Realização:

Ministério da
Cultura



Impressão e acabamento :





FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO

Instituidor

Darcy Ribeiro

Conselho Curador

Alberto Venâncio Filho

Antonio Risério

Daniel Corrêa Homem de Carvalho

Elizabeth Versiani Formaggini

Eric Nepomuceno

Fernando Otávio de Freitas Peregrino

Gisele Jacon de Araújo Moreira

Haroldo Costa

Haydée Ribeiro Coelho

Irene Figueira Ferraz

Isa Grinspum Ferraz

Leonel Kaz

Lucia Velloso Maurício

Luzia de Maria Rodrigues Reis

Maria de Nazareth Gama e Silva

Maria Elizabeth Brêa Monteiro

Maria José Latgé Kwamme

Maria Stella Faria de Amorim

Maria Vera Teixeira Brant

Mércio Pereira Gomes

Paulo de F. Ribeiro

Paulo Sergio Duarte

Sergio Pereira da Silva

Wilson Mirza

Yolanda Lima Lobo

Conselho Curador – In Memoriam

Antonio Callado

Carlos de Araujo Moreira Neto

Leonel de Moura Brizola

Moacir Werneck de Castro

Oscar Niemeyer

Tatiana Chagas Memória

Conselho Fiscal

Eduardo Chuahy

Lauro Mário Perdigão Schuch

Trajano Ricardo Monteiro Ribeiro

Alexandre Gomes Nordskog

Diretoria Executiva

Paulo de F. Ribeiro – Presidente

Haroldo Costa – Vice-Presidente

Maria José Latgé Kwamme – Diretora Administrativo-Financeira

Isa Grinspum Ferraz – Diretora Cultural

Maria Stella Faria de Amorim – Diretora Técnica





